

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA
LATINA PROLAM/USP

JÚLIA BATISTA ALVES

**Rir ou chorar: Dia de Finados brasileiro e Dia dos Mortos mexicano,
Semelhanças e Diferenças entre São Paulo – Brasil e Mixquic – México**

São Paulo

2012

JÚLIA BATISTA ALVES

**Rir ou chorar: Dia de Finados brasileiro e Dia dos Mortos mexicano,
Semelhanças e Diferenças entre São Paulo – Brasil e Mixquic – México**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Integração da América Latina.

Área de Concentração: Integração da América Latina.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio Lindo

São Paulo

2012

ALVES, Júlia Batista

Rir ou chorar: Dia de Finados brasileiro e Dia dos Mortos mexicano, Semelhanças e Diferenças entre São Paulo – Brasil e Mixquic – México.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Integração da América Latina.

Área de Concentração: Integração da América Latina

Linha de Pesquisa: Comunicação e Cultura

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio Lindo

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luiz Antônio Lindo (Orientador) Instituição: FFLCH/USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dra. Gretel Eres Fernández Instituição: Faculdade de Educação/USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho Instituição: FFLCH/USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dra. Sara Albieri Instituição: FFLCH/USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Márcio Bobik Braga Instituição: Faculdade de Economia/USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para meus pais, Maria Ivaneide e Luis Carlos,
que me conduziram pela estrada da vida
ensinando-me lições valiosas para que eu me
tornasse o que hoje sou.

AGRADECIMENTO AO MEU ORIENTADOR

Ao querido orientador, Professor Doutor Luiz Antônio Lindo, que acreditou em mim, dispensando-me atenção e valiosas críticas para o desenvolvimento da minha dissertação.

AGRADECIMENTO AOS FAMILIARES

Aos irmãos Caio, Paula e Caique; sobrinhos, Gabriel e Christopher, que compreenderam a minha ausência; à minha sogra, Eugenia, que em diversos momentos alimentou meu corpo, minha mente e meu espírito, dando-me força para continuar, e ao meu marido, João Paulo, que esteve comigo nos momentos fáceis e difíceis, sempre colaborando com amor e carinho no que fosse possível.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ao amigo Mizael Zamora Ortega, pela atenção dispensada, acompanhando-me nas entrevistas, filmagens e registros fotográficos no México, além de adentrar-me na cultura mexicana por meio da apreciação de suas comidas e bebidas.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo: Coordenação, Docentes e Representação Discente, e especialmente ao Willian da Secretaria, que demonstrou paciência e prontidão em esclarecer dúvidas e angústias durante esses anos.

À amiga e companheira de estudos Adriana Carvalho, pelos inúmeros comentários e incentivos ao meu trabalho.

À Biblioteca do Instituto de Investigações Históricas da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), na pessoa de Luis Pedro Silva Castañeda, bibliotecário.

Ao Museu do Fogo Novo, na pessoa de Silvia Zugarazo Sánchez, pela entrevista concedida.

À doutora em Antropologia Social da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) e amiga, Patrícia Gallardo Arias, pelas valiosas informações sobre a celebração do Dia dos Mortos mexicano e lugares de interesse, além da indicação de onde encontrar materiais científicos referentes ao assunto.

Ao professor mestre em Artes, investigador e curador do Museu Nacional de Arte, no México, Victor T. Rodríguez Rangel, pelos momentos descontraídos de visitas ao museu e pelo mergulho na celebração do Dia dos Mortos por meio da arte.

Ao historiador e diretor do Teatro Miquiztli, Ricardo Flores Cuevas pela entrevista concedida e por fazer-me entender a essência da celebração do Dia dos Mortos no México.

Ao amigo mexicano Gustavo Alemán, por levar-me ao Museu do Fogo Novo, apresentar-me à vice-diretora Silvia Zugarazo Sánchez e conduzir-me na visita à Colina da Estrela, onde era realizada a cerimônia do Fogo Novo pelos astecas, fazendo-me mergulhar na atmosfera pré-hispânica.

Ao Museu Nacional de Antropologia e História do México.

À amiga Izabela Alencar, pela atenção, carinho e por sempre se lembrar de mim nas horas em que mais precisei.

*Yo tengo tantos hermanos
Que no los puedo contar
En el valle, la montaña,
En la pampa y en el mar.
Cada cual con sus trabajos
Con sus sueños cada cual
Con la esperanza adelante,
Con los recuerdos detrás.
Yo tengo tantos hermanos
Que no los puedo contar.*

Atahualpa Yupanqui

RESUMO

ALVES, Júlia Batista. **Rir ou Chorar: Dia de Finados brasileiro e Dia dos Mortos mexicano, Semelhanças e Diferenças entre São Paulo – Brasil e Mixquic – México.** 2012. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina – PROLAM, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Este estudo pretende propiciar um possível diálogo cultural entre Brasil e México por meio da perspectiva contrastiva, partindo de uma temática comum aos dois países – o Dia de Finados como celebração religiosa – transcendendo dessa maneira à tendência mundial em busca tão somente da integração econômica entre os países latino-americanos. O confronto entre semelhanças e diferenças nas formas de manifestação dessa celebração, vista sobretudo como manifestação da identidade cultural, visa proporcionar a criação de estímulos que permitam a reflexão sobre os distintos contextos culturais em que vivemos e o reconhecimento do outro não só como diferente, mas também como semelhante em muitos aspectos, em um mundo globalizado no qual as fronteiras se tornam cada vez mais invisíveis. Para a análise comparativa das duas celebrações e a investigação da maneira peculiar dos mexicanos de festejar a morte, nos embasamos nos conceitos desenvolvidos pelo estudioso francês Phillipe Ariès sobre a morte e em relatos cronísticos do frei Bernardino de Sahagún. No texto narramos nossa observação participante feita em duas viagens realizadas ao México em janeiro e em outubro de 2011, e em visita ao Cemitério Primavera na cidade de Guarulhos, São Paulo, no ano de 2010. No México visitamos museus, centros históricos, zonas arqueológicas, teatros, cemitério e casas, obtendo relatos e entrevistas, além de registros fotográficos. No Brasil coletamos dados por meio de questionários e entrevistas que muito ajudaram na orientação da pesquisa, já que a literatura sobre o assunto é um pouco limitada.

Palavras-chave: Dia de Finados. Brasil e México. Identidade. Diálogo cultural.

ABSTRACT

ALVES, Júlia Batista. **Laugh or cry. All Souls' Day Brazilian and Mexican Day of the Dead: Similarities and Differences – São Paulo and Mixquic.** 2012. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina – PROLAM, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

This study aims to produce, through the contrastive perspective, a possible cultural dialogue between Brazil and Mexico, extending a common theme to the two countries – the All Souls' Day as a religious celebration, transcending, in this way, the global trend in search so only economic integration among Latin American countries. The confrontation between the similarities and differences in the forms of manifestation of this celebration, seen, especially as a manifestation of cultural identity, aims to provide the creation of *stimuli* that allow reflection on different cultural contexts we live in and the recognition of the other as not only different, but also as similar in many aspects in a globalized world in which the boundaries become increasingly invisible. For the comparative analysis of two celebrations and the research of peculiar way the Mexicans celebrate the death, we had as a basis the concepts developed by the French scholar on death, Philippe Ariès and by reports of chronics by Fr. Bernardino de Sahagún. In the text we narrate our participant-observation made on two trips undertaken in Mexico in January and in October 2011, and visit to the Cemetery "Primaveras" of Guarulhos, São Paulo, in the year 2010. In Mexico we visited museums, historical centers, archaeological zones, theatres, houses and cemetery, obtaining reports and interviews, plus photographic records. In Brazil, we collect data through questionnaires and interviews that much helped search orientation, since the literature on the subject is somewhat limited.

Keywords: All Souls' Day. Brazil and Mexico. Identity. Cultural Dialogue.

RESUMEN

ALVES, Júlia Batista. **Reír o Llorar: Día de los Fieles Difuntos brasileño y Día de Muertos mexicano, Similitudes y Diferencias entre São Paulo – Brasil y Mixquic – México.** 2012. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina – PROLAM, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Esta investigación tiene como objetivo proporcionar, por medio de una perspectiva comparativa, un posible diálogo cultural entre Brasil y México, basándose en una temática común en ambos países – el Día de los Fieles Difuntos como celebración religiosa, trascendiendo, de esta manera, a la dinámica mundial en la búsqueda de la integración económica entre los países latinoamericanos. La confrontación entre similitudes y diferencias en las maneras de manifestarse esa celebración, vista como expresión de identidad cultural, pretende fomentar la creación de estímulos posibles para una reflexión sobre distintos contextos culturales en los cuales vivimos y el reconocimiento del otro no solamente como diferente, sino también como semejante en diversos aspectos en un mundo globalizado en que las fronteras se vuelven cada vez más invisibles. Para el análisis comparativo de las dos celebraciones y la averiguación de la manera particular de los mexicanos de festejar la muerte nos basamos en los conceptos desarrollados por el estudioso francés sobre la muerte, Phillippe Ariès (1988), y en relatos de la crónica del Fray Bernardino de Sahagún. A lo largo del trabajo, narramos la observación participativa hecha en dos viajes realizados a México, en enero y en octubre de 2011, y visitas al Cementerio Primaveraes en la ciudad de Guarulhos, São Paulo, el año de 2010. En México, visitamos museos, centros históricos, zonas arqueológicas, teatros, cementerios y casas particulares, obtuvimos relatos y realizamos entrevistas, además de registros fotográficos. En Brasil, recopilamos datos por medio de encuestas y entrevistas que ayudaron mucho en la orientación de la investigación, ya que la literatura sobre el asunto es un poco limitada.

Palabras-claves: Día de los Fieles Difuntos. Brasil y México. Identidad. Dialogo Cultural.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1	17
HISTÓRIA DA MORTE	18
DIA DE TODOS OS SANTOS E DIA DE FINADOS	24
O MUNDO DOS MORTOS EGÍPCIO, CELTA, GREGO E ROMANO: HERANÇAS	27
CAPÍTULO 2	34
O BRASILEIRO E A MORTE: DIA DE FINADOS NO BRASIL	35
O MEXICANO E A MORTE: RAÍZES DO CULTO INDÍGENA	41
CAPÍTULO 3	55
O DIA DOS MORTOS MEXICANO NA ATUALIDADE	56
Um passeio pelo mundo dos mortos no Sul do México	64
CAPÍTULO 4	75
O DIA DOS MORTOS EM MIXQUIC E EM SÃO PAULO: SEUS SÍMBOLOS	76
O Significado dos Elementos da oferenda	82
O Simbolismo dos Altares	85
O Dia de Finados no Brasil hoje	88
CONCLUSÃO	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
GLOSSÁRIO	105
APÊNDICES	110
Apêndice A: Dia dos Mortos no México	110
Apêndice B: Dia de Finados no Brasil	123
Apêndice C: Modelo de Questionário aplicado ao caso brasileiro	128
ANEXOS	129
Anexo A: Mapa do México	129
Anexo B: Mapa dos povos indígenas do México	13

INTRODUÇÃO

Em primeiro lugar, cabe-nos explicitar o porquê do interesse em estudar o Dia dos Mortos mexicano, especialmente o do povoado de Mixquic, para analisá-lo comparativa e contrastivamente ao Dia de Finados em São Paulo, Brasil, uma vez que se poderia escolher outra cidade ou país já que é uma celebração comum a todos os países da América Latina.

Justamente por ser uma celebração comum aos dois países-objeto da pesquisa, abre margem para os contrastes, para esse espaço de discussão e reflexão das semelhanças e diferenças, do conhecimento e reconhecimento do outro como diferente, e de diálogo entre culturas. Por esse motivo, ganhou atenção especial neste trabalho. O interesse pelo tema surgiu da curiosidade de saber um pouco mais sobre as festas populares dos países hispânicos, de colonizações e histórias afins com o Brasil.

Em viagem ao México em janeiro de 2011, uma visita ao Museo del Fuego Nuevo no bairro de Iztapalapa, localizado na Cidade do México, nos proporcionou uma conversa com a historiadora e vice-diretora do museu, Silvia Zugarazo Sánchez. Ela nos deu uma verdadeira aula sobre a celebração do Dia dos Mortos no México, sua consideração e importância para o país e destacou alguns dos principais lugares onde a celebração pode ser vista com maior intensidade, entre eles, o povoado de Mixquic. Essa conversa constituiu o primeiro interesse para que aquele povoado fizesse parte do nosso trabalho de pesquisa.

No ano de 2010 foi feito um levantamento bibliográfico, com fichamento de livros, artigos de jornais e revistas com temas sobre o Dia de Finados brasileiro e o Dia dos Mortos mexicano. A definição do universo da pesquisa se deu graças à orientação proporcionada por essa atividade. Ainda nesse ano, em novembro, foi realizada uma visita ao Cemitério Primavera, localizado na cidade de Guarulhos, em São Paulo. Dessa visita resultou a primeira parte da coleta de dados sobre a celebração brasileira, concluída no ano de 2011 com a aplicação de questionários e entrevistas. O levantamento bibliográfico permitiu, ainda, a constatação de que há poucos materiais científicos sobre a celebração dos dois países aqui no Brasil, o que nos levou a nossa primeira viagem ao México em janeiro de 2011 para o levantamento bibliográfico de obras sobre o caso mexicano na biblioteca da Universidade Autônoma do México (Instituto de Investigações Históricas), para a realização de visitas a museus e centros históricos (Museu do Fogo Novo, Museu Nacional de Antropologia e História, Museu do Templo Mayor, Museu Frida Kahlo) e às ruínas arqueológicas de povos indígenas antigos (Templo Mayor – Tenochtlán, Tlatelolco, Teotihuacán).

A segunda viagem ao México, em outubro de 2011, durante o período de celebração do Dia dos Mortos possibilitou a coleta de dados e a observação- participante da festividade: a apreciação de comidas e bebidas, o vislumbre dos enfeites, dos altares confeccionados, a realização de conversas informais e entrevistas, a visita ao cemitério e às casas, o registro fotográfico, entre outras atividades importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Obtivemos subsídios para escrever diversas partes desta dissertação, assim como descrever o Dia dos Mortos mexicano em entrevistas com a Doutora em Antropologia Social e Investigadora do Instituto de Investigações Históricas da Universidade Autônoma do México, Patricia Gallardo Arias, com o Professor Mestre em Artes, investigador e curador do acervo do século XIX do Museu Nacional de Arte, Victor T. Rodríguez Rangel, com a historiadora, cronista de Iztapalapa e vice-diretora do Museu do Fogo Novo, Silvia Zugarazo Sánchez e com o historiador, promotor do arquivo histórico de Mixquic e diretor do Teatro Miquiztli, Ricardo Flores Cuevas.

O Dia de Finados é uma celebração religiosa que faz parte do universo católico e foi instaurado na América Latina no período de colonização e conquista. Daí deriva o fato de ser uma celebração comum a todos os países que integram essa região. Mas, apesar de apresentar elementos em comum em cada país, esse evento, ora tratado como culto, ora como festividade, assumirá características singulares de cada lugar. Características que, em alguns casos, se aproximam mais do modelo ibérico, e, em outros, mais das tradições dos povos indígenas que aqui habitaram, não esquecendo-nos, é claro, do processo de sincretismo religioso a que fomos submetidos, isto é, ainda que a celebração se aproxime do primeiro ou do segundo modelo citado, ambos estão permeados pelas duas culturas: a do europeu e a do indígena. O que é possível perceber é que um deles se destacará mais em relação ao outro em determinadas culturas.

Pretendemos com este estudo mostrar duas manifestações culturais da América Latina representadas pelo Brasil e pelo México. Partindo da descrição formal dos dois objetos de estudo, compreendendo a celebração, seus elementos e símbolos, chegaremos à análise qualitativa dos dados a partir do confronto entre semelhanças e diferenças entre a celebração dos dois países, aproximando, dessa forma, realidades históricas e culturais, o que, por sua vez, promoverá o diálogo entre duas culturas.

A primeira parte desta dissertação preocupa-se em mostrar como a maneira de encarar e lidar com a morte sofreu fortes mudanças ao longo dos séculos. Da maneira familiar e natural da Idade Média, em que, por causa das condições de vida da época, lidava-se com a

morte todos os dias e de perto, estando corpo morto e corpo vivo lado a lado, passamos à maneira solitária e rude dos dias atuais, no sentido de que corpo vivo e corpo morto se distanciam cada vez mais. Não se morre mais em casa. Morre-se sozinho e muitas vezes, no hospital. E não queremos mais lidar com o corpo morto, pois contamos com prestações de serviços para esse fim. Também cultuamos demasiadamente a juventude e a beleza e nos lembramos da morte significa o desmoronamento desse castelo de areia que construímos para nos iludir. Ainda que a morte esteja presente todos os dias nos noticiários da televisão, em jornais e em revistas, fingimos não notá-la e não queremos encará-la.

Ainda na primeira parte da dissertação vemos que recordar e homenagear pessoas que já morreram é uma prática realizada por muitos povos e religiões desde que o mundo é mundo. Há uma necessidade universal de recordar os antepassados, mas seus significados e formas de representação irão variar de acordo com cada cultura, tempo e lugar. Povos antigos como os egípcios, celtas, gregos e romanos realizavam tais práticas rituais por meio de celebrações festivas que consistiam em oferenda de comidas, bebidas, objetos pessoais, utensílios diversos e adornos. Em alguns casos, havia a execução de música e dança, em outros, encenações e representações dos mortos por meio de imagens, bonecos de barro, cerâmica ou madeira.

A segunda parte da pesquisa procura abordar a origem da celebração nos dois países-objeto. No México, país que ainda hoje conta com mais de sessenta grupos indígenas, a celebração do Dia de Finados é de um sincretismo extravagante. Elementos católicos e indígenas se misturam dando origem a uma forma de celebração muito peculiar. Entretanto, as práticas indígenas originárias também podem ser vistas muito fortemente arraigadas na forma de celebrar. Primeiramente, o próprio caráter festivo da celebração remonta, por exemplo, à maneira de cultuar os mortos dos astecas, povo indígena atual à chegada dos espanhóis. Eles possuíam um calendário de dezoito meses, sendo que em cada um deles acontecia uma ou mais festas em honra aos deuses e muitas delas dedicadas também aos mortos. Hoje em dia brinca-se com a morte e faz-se piada dela. As pessoas se fantasiam de caveiras e esqueletos e comem alimentos nesses formatos. A devoração simbólica da morte é uma maneira de dizer-lhe que se é forte diante dela e que ela não é mais temida que a própria vida. Em segundo lugar, destacam-se os elementos simbólicos que compõem a festividade e que fazem parte das oferendas dedicadas aos mortos: comidas, bebidas, flores, velas, incenso e outros objetos. Muitas dessas comidas e bebidas, além da flor de morto que é presença constante nesse dia, fizeram parte do mundo indígena de outrora. O caso brasileiro, por sua vez, aproxima-se

muito mais do modelo ibérico português não apresentando nenhum vestígio dos povos indígenas que aqui habitaram à época da colonização. A Igreja marcou fortemente o cotidiano do povo brasileiro, que viveu o catolicismo na sua forma mais tradicional de ser. As celebrações religiosas eram grandes acontecimentos: sérios para alguns e força do hábito ou divertimento para outros.

Diante da forma tão particular de celebrar os mortos, por parte do povo mexicano, podemos considerar a festividade como uma manifestação da identidade cultural desse país. Exatamente por esse motivo foi reconhecida como Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), no ano de 2003. A terceira parte desta dissertação vem de encontro com esse grande marco para a cultura mexicana. Ao realizarmos uma pesquisa sobre a região sul do México, com forte presença indígena (62 grupos atualmente sendo 41 os que celebram o Dia dos Mortos), mergulhamos no universo da celebração e compreendemos alguns dos aspectos homogeneizantes e heterogeneizantes que a envolvem e que fazem com que ela se torne tão única, fortemente identitária e rica, histórico e culturalmente falando.

A quarta e última parte da dissertação apresenta os principais símbolos das celebrações mexicana e brasileira e o que eles representam nesse universo simbólico. No caso mexicano, o pequeno povoado de San Andrés Mixquic, localizado na região sul da Cidade do México será o foco de nossa especial atenção por todas suas cores, sabores, texturas, sons e imagens: artesanatos diversos e muito coloridos, flores e frutas que exalam seus cheiros mais doces e exóticos, faróis, círios, velas e incensos que iluminam a negra noite, o pão de morto, as caveirinhas de açúcar e outros alimentos saborosos e curiosos, além de eventos como o *Alumbramiento* e o Passeio do Caixão. Na celebração do Dia de Finados brasileiro encontramos fortemente arraigados os elementos simbólicos do catolicismo sem a presença da figura e elementos indígenas tão comuns no caso mexicano: velas, cruz, missas, orações, flores e visita ao cemitério. Entretanto, ao longo da história, com as transformações sofridas pelo catolicismo, a celebração veio perdendo forças e, hoje em dia, as pessoas vão cada vez menos ao cemitério ou à igreja nessa data. A ruptura desse costume que nos acompanhou durante séculos pode ser atribuída à grande diversidade de religiões existentes no mundo e presentes no Brasil e que vêm ganhando cada vez mais espaço, transformando as mentalidades e mostrando novas maneiras de lidar com a morte e com os mortos.

CAPÍTULO 1**TANGO**

Efraín Huerta

*Hoy
Amanecí
Dichosamente
Herido
De
Muerte
Natural.*

HISTÓRIA DA MORTE

A reação do homem diante da morte é algo que desde o surgimento do mundo vem sendo (re)construído historicamente. Em cada época ela assumirá características particulares, sendo representada ora por uma maneira natural de encarar a finitude da vida, ora por uma maneira rude e cheia de angústia, enfatizando o desespero e a rejeição da ideia da perda de algum ente querido.

A forma atual de entender e encarar a morte acaba por pintá-la como um dos temas tabus de nossa época. Se antes era possível dizer que morte e vida caminhavam lado a lado nas sociedades, hoje dizemos justamente o contrário, que a morte e os mortos “[...] estão sendo banidos do convívio dos vivos [...]” (PAGOTO, 2004, p. 18). A morte, em sua essência misteriosa, desconhecida e ao mesmo tempo caracterizando-se como algo certo (a certeza da mortalidade humana), desperta o medo. E este, por sua vez, faz com que falemos cada vez menos nela, que não queiramos presenciá-la e sim negá-la, escondê-la. São estes os sentimentos de primeira ordem que afloram quando se fala em morte hoje em dia, segundo os estudiosos da área.

O medo da morte é um sentimento que pode ser considerado como universal. Esse medo é resultado da insegurança que temos por não termos a certeza de como será nossa “vida” após a morte. Temos medo do desconhecido, de sofrer e de não apenas perder, mas nos separarmos das pessoas que amamos e que são arrancadas do nosso convívio sem que possamos fazer nada para impedir essa ruptura. As religiões, nesse sentido, sempre desempenharam um papel muito importante. Por meio de seus ensinamentos, da fé e da crença tentaram dar ao homem explicações sobre sua origem, a origem da vida, sobre o que acontece após a morte, atuando de certa maneira como uma forma de consolo e conforto para as incertezas humanas. Assim como as religiões, a filosofia também propôs discussões sobre o assunto.

O sentimento de impotência e derrota diante da morte impulsionou o homem a buscar a imortalidade, desejo que pode ser evidenciado nas literaturas e nas artes em geral. Nos mitos e lendas, por exemplo, a presença de heróis que desafiaram e tentaram vencer a morte, como se ela fosse um inimigo eminente, são presença constante. O homem sempre procurou driblar a morte, seja encarando-a, como os nossos antepassados, ou ocultando-a e tentando fingir que ela não está presente, como nos nossos dias.

O estudioso francês Philippe Ariès (1988), um dos grandes nomes nos estudos sobre a morte, estabeleceu alguns conceitos que abordaram as atitudes do homem diante da morte ao longo do tempo e que serviram de base para muitas pesquisas no Brasil, entre elas a da psicóloga Maria Júlia Kovács. Em sua obra, Kovács (1992) agrupa os conceitos de Ariès em cinco tópicos: a morte domada; a morte de si mesmo; vida no cadáver, vida na morte; a morte do outro e a morte invertida. A morte domada ou domesticada, como a denomina Ariès, é aquela que é aguardada, comum e esperada como se fosse uma visita a ser recebida. É a morte da Idade Média, um tempo em que as guerras e as enfermidades eram grandes devastadoras da vida humana, já que naquela época não se contava com os recursos tecnológicos e a Medicina avançada que fazem parte da nossa vida hoje. O homem medieval sabia quando ia morrer e a morte esperada no leito foi um grande símbolo da época. O cerimonial da morte era público e a presença da família, de vizinhos e amigos no quarto, junto ao leito onde jazia o moribundo era indispensável, para que dessa forma ele pudesse receber as devidas homenagens e a absolvição sacramental que lhe facilitariam a entrada no reino dos céus. Tanto assim o era que o maior medo do homem da época era a morte repentina, a que não dava a oportunidade da pessoa se confessar, se arrepender de seus pecados e de receber as homenagens e a extrema-unção. A morte domesticada foi assim denominada por Ariès por tratar-se de algo considerado familiar, comum, próximo às pessoas e, sobretudo, ameno, já que não havia maiores demonstrações de emoção e desespero por parte da família. É característica desse período a proximidade com o corpo morto, fosse nos leitos ou nas igrejas, estas últimas, até então, atuando como locais de sepultamento da época. Estar perto dos santos era sinônimo de proteção para o corpo e a alma, que dessa forma estavam mais perto de Deus.

Com o passar do tempo e a transformação das mentalidades e das sociedades, novas preocupações começam a fazer parte da vida do homem. Ele passa a buscar garantias para a pós-morte por medo do que possa ou não encontrar nessa nova etapa. Apenas os enterramentos nas igrejas não mais satisfaziam a ideia de proteção no outro mundo. Também é um período de forte apego às coisas terrenas. Nesse contexto surgem as garantias para a “vida” no além, os chamados ritos de absolvição, que se traduziam em missas e orações aos mortos, donativos, testamentos. Estes últimos, ricos em gêneros e modelos, permitiram aos estudiosos decifrar e revelar a nova mentalidade do homem dos séculos XIV e XV (o que pensavam, seus anseios, suas posses):

Do séc. XIII ao séc. XVIII, o testamento foi o meio de cada um exprimir, muitas vezes de maneira muito pessoal, os seus pensamentos profundos, a sua fé religiosa, o seu apego às coisas, aos seres que amava, a Deus, as decisões que tenha tomado para assegurar a salvação de sua alma, o repouso do seu corpo. (ARIÈS, 1998, p. 46).

O corpo morto, tão próximo outrora, pouco a pouco vai sendo afastado, sendo agora colocado em caixões. É uma forma de negação da morte fazendo-se perceber. À busca de garantias para a permanência no além, que se tornou uma das grandes preocupações do homem da época, Ariès (1988) chama de “a morte de si próprio”, isto é, o homem preocupando-se consigo mesmo: com seu corpo, com sua alma.

Kovács (1992) aborda em sua obra o conceito de vida no cadáver, vida na morte, para falar do grande temor do homem dos séculos XVII e XVIII de ser enterrado vivo. É nesse período que os velórios ganham espaço no cerimonial da morte, como forma comprobatória e definitiva do fim da vida, e configuram-se tal qual os conhecemos hoje em relação ao comportamento das pessoas no que diz respeito à emoção de perder um ente querido. Ainda a respeito dos velórios, Ariès (1988, p. 81) nos descreve um velório do século XIII enfatizando a contenção de fortes emoções por parte dos familiares: “Durante o curto velório, em lugar dos gritos de dor dos familiares, havia monges a recitar o ofício dos mortos. Além disso, numerosas missas sucediam-se quase sem interrupção”. Não só a mentalidade do homem estava se transformando, mas os seus próprios comportamentos. A morte aguardada, comum, familiar, não menos triste, mas com expressões emocionais mais contidas por parte dos vivos, uma morte aceita como inevitável, portanto natural, vai sendo substituída por uma nova atitude: de dor, intolerância à separação dos entes queridos que morreram, espontaneidade na expressão de emoções, rompendo com o costume da morte no leito. É a morte romântica do século XIX:

Ora, no século XIX, uma paixão nova se apodera dos presentes. A emoção agita-os, eles choram, rezam, gesticulam. Não recusam os gestos ditados pelo uso, bem pelo contrário, mas tiram-lhes o seu carácter banal e costumeiro. Descrevem-nos a partir de então como se tivessem sido inventados pela primeira vez, espontâneos, inspirados por uma dor apaixonada, única no gênero. (ARIÈS, 1988, p. 45).

Com a morte romântica surge a preocupação com a morte do outro, a dor da separação dos entes amados. É uma morte vista como desejada, pois se caracteriza como a única forma de união àqueles que já se foram; de esperança na existência de uma vida além da morte, na qual as pessoas poderão se encontrar. O surgimento do Espiritismo é dessa época e dela

também o é a preocupação com as epidemias e a insalubridade dos cemitérios dentro das cidades e sepultamentos nas igrejas. Pagoto (2004, p. 97), em seu estudo sobre as transformações fúnebres ocorridas em São Paulo do século XVIII atenta para as novas relações familiares surgidas na Europa do século XVIII e XIX: “o uso do cemitério como espaço de visitação e cultivo da memória daqueles que já partiram”. O encontro familiar que antes ocorria no leito do moribundo passa a ser nos cemitérios.

No período romântico, a morte é vista como algo bom e está presente nas pinturas, na poesia, como forma de elo que mantém viva a união com aquele ente querido que já morreu, sem a presença dos obstáculos impostos pela vida – na arte tudo é possível. Também é comum no período a realização de saraus e festas nos cemitérios. Entretanto, já no século XVIII e, sobretudo no XIX, as ideias higienistas começam a invadir a Europa e a ultrapassar os trópicos, chegando às colônias¹. Médicos e outros profissionais da área da saúde atentaram, na época, para a importância da interdição dos sepultamentos nas igrejas e para a transferência dos cemitérios para fora das cidades. Os médicos acusavam os funerais e o contato próximo com o corpo morto como os causadores da propagação de várias moléstias e epidemias mortais no período. No Brasil, onde os cemitérios, tais como os conhecemos hoje, ainda não existiam, uma Carta Régia de D. João VI, datando de 1808 (PAGOTO, 2004), obrigava a construção de cemitérios públicos nas várias províncias brasileiras a fim de proibir os enterramentos nas igrejas. Esses cemitérios deveriam ser construídos separados das igrejas e longe dos centros urbanos. Neles, qualquer pessoa poderia ser enterrada, sem distinção, e a distância evitaria que as pessoas respirassem o ar infectado com a exalação dos corpos mortos e estes, por sua vez, não contaminariam o solo e, por conseguinte, as águas. Contudo, as transformações não ocorreram tão depressa e tampouco foram aceitas de imediato tanto por parte da população quanto da igreja². Mas a mesma população que sofria uma interferência direta na sua religiosidade, nos seus hábitos e tradições por conta das ideias higienistas e rechaçava os cemitérios, se viu assustada com as epidemias que alastravam vidas. A morte começava, então, a incomodar as pessoas. (PAGOTO, 2004). Teria sido esse acontecimento um dos maiores responsáveis pelas transformações tão profundas das atitudes do homem diante da morte, vendo-a como assustadora, repugnante, indesejada e ocultada como nos dias atuais[?].

¹ Brasil e demais países hispano-americanos.

² A igreja era detentora do monopólio dos enterros em solo sagrado, dos quais arrecadavam dinheiro. E o povo, compartilhava a crença de que ser enterrado em solo sagrado significava a obtenção de proteção divina e absolvição da alma. (PAGOTO, 2004).

A morte invertida, segundo Kovács (1992), e denominada por Ariès de interdita, é aquela escondida, longe dos olhos, também chamada por ele de “morte solitária”, pois o indivíduo não tem mais a sua família e seus amigos por perto na hora de sua morte. As despedidas não são mais comuns assim como morrer em casa também não mais o é. Segundo Kovács (1992, p. 39):

A sociedade atual expulsou a morte para proteger a vida. Não há mais sinais de que uma morte ocorreu. O grande valor do século é o de dar a impressão de que “nada mudou”, a morte não deve ser percebida. A boa morte atual é a que era mais temida na Antiguidade, a morte repentina, não percebida. A morte “boa” é aquela em que não se sabe se o sujeito morreu ou não.

A morte antes entendida como algo natural no percurso da vida passa agora a ser vista como uma derrota. Uma derrota que deve ser ocultada, escondida porque é vergonhosa e não é aceita. As pessoas não conseguem mais estar muito tempo junto ao enfermo e ao corpo morto. O local da morte foi afastado do seio familiar e transferido para o hospital e os cuidados com o corpo morto, por sua vez, para os serviços funerários:

Já não se morre em casa, no meio dos seus, morre-se no hospital, e só [...] sentimento diferente, característico da modernidade: evitar, já não ao doente mas à sociedade e ao próprio círculo de relações, o incômodo e a emoção demasiado forte, insustentável, provocados pela fealdade da agonia e a simples presença da morte em plena vida feliz, pois se admite agora que a vida é sempre feliz ou deve parecê-lo sempre. (ARIÈS, 1988, p. 56).

Ariès nos fala ainda sobre os ritos fúnebres. No século XIX eram costumeiros os prestígios fúnebres, o vestuário de luto, visitas e peregrinações aos cemitérios, o culto da recordação. Um conjunto de hábitos fixados para caracterizar o momento da morte e que hoje em dia não têm mais a mesma força. O luto, por exemplo, segundo ele, “deixa de ser, portanto, um tempo necessário cujo respeito a sociedade impõe. Tornou-se um estado mórbido que é preciso tratar, abreviar, eliminar.” (1988, p. 62). Kovács (1992, p. 40), caracteriza essa mudança como uma supressão do luto, fruto em parte, da covardia das pessoas em enfrentar a morte. Segundo ela, “a sociedade não suporta enfrentar os sinais da morte”.

O homem atual quer pensar cada vez menos na sua finitude inevitável. Vivemos em uma época em que as pessoas cultuam o corpo e a juventude. Esta última, prolongada pelo

avanço da Medicina: cirurgias plásticas, cremes, remédios, cuidados com a alimentação. Tudo o que possa prolongar a vida e a beleza do corpo é bem-aceito nos dias de hoje e dá a sensação de distanciamento da morte. De acordo com Zarauz López (2004, p. 15)³:

La muerte en las sociedades modernas es un hecho que se trata de ignorar. Los mejores niveles de vida, los descubrimientos médicos y comodidades que han permitido prolongarla, han modificado la percepción de la muerte. En el ámbito urbano no se pretende pensar en la muerte, se evita mencionarla pues ha dejado de ser compañera cotidiana: la vida y la muerte se han alejado.

A morte e os mortos, como vimos anteriormente, estão sendo banidos do convívio com os vivos. O que possibilite o menor contato com ela e com eles é praticado pelas sociedades atuais. Segundo Pagoto (2004, p. 131):

A transformação no modo de compreender a morte nos dias atuais é tão sensível que até a disposição dos velórios dentro da cidade foi modificada. Sua localização está cada vez mais próxima ao cemitério e, em muitos casos, acontece dentro dele próprio, poupando assim os transeuntes da visão – hoje considerada desagradável – de um cortejo fúnebre pelas ruas da cidade.

A morte caracteriza-se, nesse contexto, como uma intrusa, uma inimiga, uma ameaça que deve ser afastada de todos. Esse afastamento se dá pelo ocultamento, pelo silêncio, que se traduz, talvez, em uma falta de habilidade de lidar com ela.

³ “A morte nas sociedades modernas é um fato ignorado. As melhores condições de vida, as descobertas médicas e a comodidade que permitiram prolongá-la, modificaram a percepção da morte. No âmbito urbano não se pretende pensar na morte, evita-se mencioná-la, pois ela deixou de ser a companheira cotidiana: a vida e a morte se distanciaram.”

DIA DE TODOS OS SANTOS E DIA DE FINADOS

São muitas as versões que descrevem a origem do Dia de Todos os Santos e de Finados, ora relacionando-a com a Igreja e a religião católica, ora remetendo-a a celebrações pagãs realizadas pelas culturas de povos antigos como egípcios e celtas.

Segundo os estudos de Iglesias y Cabrera (2008, p. 38-40), encontramos três versões possíveis para a origem do Dia de Todos os Santos e Finados, sendo as duas primeiras de origem pagã. Segundo a autora, a primeira versão remonta à festividade pagã oriunda do Egito dedicada ao deus Osíris, importante figura representativa da eternidade, da agricultura, da morte e da ressurreição. Como foi assassinado pelo seu invejoso irmão e reviveu graças a sua esposa-irmã, Ísis, que com a ajuda dos deuses juntou os pedaços de seu corpo e o ressuscitou, sua morte e ressurreição eram celebradas uma vez por ano pelos egípcios e o festival tinha uma duração de quatro dias que correspondiam, segundo o calendário alexandrino, ao mês de novembro. Nesse festival, as pessoas penduravam lampiões em suas casas, os quais permaneciam acesos durante toda a noite. Acredita-se que serviam para iluminar o caminho para que as almas pudessem regressar nesse dia e desfrutar dos alimentos que lhes eram oferecidos, serem lembradas e retornar ao lugar dos mortos. A segunda versão, também pagã, nos remete ao que conhecemos hoje como Halloween, celebrado principalmente nos Estados Unidos como o Dia das Bruxas. É de origem celta cuja palavra significa a “véspera de todo o sagrado”. Nesse dia, 31 de outubro segundo nosso calendário, os mortos eram recordados e celebrados. Estes tinham a permissão de regressar as suas casas, desfrutar do calor proporcionado pelas chaminés e lampiões (já que de onde vinham era um lugar frio e sombrio) e da comida que era oferecida a eles em lugar junto aos vivos. Nas duas celebrações pagãs os cultos aos deuses e aos mortos estavam relacionados. A última versão, de origem católica ortodoxa, compreende que a celebração de Todos os Santos foi instaurada em 610 pelo papa Bonifácio IV quando este colocou no Templo de Agripina os restos mortais de pessoas consideradas mártires, isto é, os que foram assassinados pelos romanos, que renegavam a fé em Cristo antes de ser reconhecida a tolerância religiosa por parte do então imperador cristianizado Constantino. Esses mártires eram lembrados no Templo de Santa Maria com banquetes eucarísticos de pão e vinho de acordo com o aniversário de suas mortes em suas próprias tumbas. Já Mattoso (1996, p. 61-87) nos fornece outra versão. Segundo ele, a celebração do Dia de Finados, abordada na sua obra como uma festividade, foi instituída no

século XI por Odilon, um abade de Cluny, na França, a fim de rezar não só por uma classe específica de mortos, senão lembrar a todos os mortos. A iniciativa dos monges de Cluny rompeu com o caráter individual da celebração, uma vez que competia unicamente à família e aos parentes rezar e interceder por seus mortos. A ideia de coletividade passa a vigorar com a instauração da chamada Missa Geral para todos os defuntos no dia 2 de novembro, um dia após a já existente celebração do Dia de Todos os Santos. Dessa maneira, os monges pretendiam assegurar a oportunidade de salvação, por meio das orações, rezas e missas, de mais almas. Mattoso (1996) ainda acrescenta que a Igreja se valeu da instauração dessa data e dessa nova forma de cultuar os mortos como estratégia para controlar as formas domésticas (muitas vezes pagãs) de culto e também para divulgar a religião cristã no intento de aproximá-la da massa, uma vez que o estabelecimento de uma comunicação entre o mundo dos mortos e dos vivos por parte da Igreja remetia às práticas dos ancestrais. A obra de Zarauz López (2004, p. 100-103) compartilha das versões dos dois outros autores citados. Ele nos aponta que, segundo os estudos que realizou, o Dia de Todos os Santos foi instituído pela Igreja Católica de forma a contemplar a todos os santos na impossibilidade de celebrar uma festa para cada um deles. A festa, originalmente celebrada no dia 30 de junho, era consagrada aos apóstolos e talvez tenha adquirido uma associação com o culto funerário pela posterior inclusão dos mártires, a fim de que também fossem homenageados. Ainda segundo o autor, a data foi introduzida pelo papa Bonifácio IV em 607 como maneira provável de substituição da celebração pagã celta dedicada aos mortos. Outra versão apresentada por ele é que o culto teria sido estabelecido para celebrar a Virgem Maria e os mártires no templo levantado por César Augusto em Roma para Júpiter e outros deuses, no dia 13 de maio, data esta que coincide com uma das festas fúnebres dos antigos romanos. A mudança da data para primeiro de novembro também é atribuída ao papa Gregório III entre os anos de 731 e 732, quando dedicou a Todos os Santos uma capela da Basílica de São Pedro no Vaticano. Já no que diz respeito ao dia 2 de novembro, a celebração do Dia de Finados foi instituída no ano de 998 pelo abade Odilon de Cluny depois de escutar o relato de um peregrino que lhe contou que quando regressava da Terra Santa passou por um poço cavado na direção do Inferno de onde era possível escutar as queixas e lamentações dos atormentados. De acordo com o autor, outros documentos indicam a versão também apontada por Mattoso (1996), o qual aponta que a data foi estabelecida pelo próprio abade Odilon no século XI (ano de 1049) como forma de ajudar a todos os mortos no alcance da salvação. Entretanto, foi somente a partir do século XIII que a tradição se generalizou no mundo católico caracterizando-se também pela visita

aos cemitérios para depositar flores nos túmulos. O autor acrescenta que por decreto de Benedito XV, de 10 de agosto de 1915, devem ser celebradas três missas em sufrágio para as almas que se encontram no Purgatório, a fim de salvá-las.

O padre Natanael Rinaldi, em seu artigo publicado pelo Centro Apologético Cristão de Pesquisas – CACP (2007), nos relata que além do objetivo de salvar mais almas com a instauração de uma data para lembrar todos os mortos, a doutrina católica intencionava, com a celebração das missas, rezas e o ato de acender velas, acelerar a salvação das almas que se encontravam no Purgatório, que eram em grande número. Ele também aborda a origem do Dia de Finados como oriunda da determinação dos monges beneditinos de Cluny, na França, e da sua oficialização por meio da adoção da data pela Igreja Católica, no século XIII, pelo papa, na Itália.

O MUNDO DOS MORTOS EGÍPCIO, CELTA, GREGO E ROMANO: HERANÇAS

A crença na existência de um mundo dos mortos e na vivência da pessoa mesmo após a morte nessa outra dimensão foi compartilhada por diversos povos e culturas que tiveram ou não algum contato entre si. Há várias diferenças, mas também muitas semelhanças, que nos fazem traduzi-las em uma espécie de herança que foi deixada de povo para povo até chegar aos nossos dias.

Os egípcios não só acreditavam em uma nova vida após a morte como também na necessidade de fazer com que o morto se sentisse feliz nesse novo espaço. Para isso, as oferendas, desde a pré-história, desempenharam um papel simbólico muito importante. Dessa forma, era comum para os egípcios que nas tumbas fossem colocados alimentos e objetos que pudessem alegrar o morto, como joias, objetos pessoais dos quais ele gostava em vida, pequenas esculturas ou imagens representando escravos e mulheres para o servirem e o ajudarem a realizar possíveis e difíceis tarefas designadas pelas divindades. As imagens, por sua vez, deveriam criar um ambiente que se tornasse o mais real possível para o morto e o distraísse. Era comum nessa época a cena de suntuosos banquetes. A preocupação com o corpo, daí a mumificação, existia porque a crença na vida além-túmulo levava à crença também em uma existência corporal – era preciso cuidado com o corpo após a morte, já que para os egípcios a morte era a continuação da vida, mas de uma vida agora vista como eterna. Dessa forma, ocupavam-se muito da morte e até mesmo as pessoas mais simples se esforçavam para preparar as oferendas que o morto levaria para o outro mundo a fim de que nada lhe faltasse. A falta dos objetos que possivelmente o morto necessitaria e principalmente dos alimentos, poderia causar-lhe uma segunda morte, vista pelos egípcios como definitiva. O nome próprio, assim como as oferendas, também era de extrema importância, possuindo um grande valor simbólico na representação da personalidade da pessoa e, também, possuía o poder de manter viva a memória do falecido. Ele era gravado em caracteres duráveis que podiam ser vistos e pronunciados pelas pessoas, ainda mais se o morto fosse uma personalidade importante da sociedade. (CHALLAYE: 1981).

Um dos maiores achados no que diz respeito ao culto aos mortos no Egito, ao lado de outros textos funerários não menos importantes, é o *Livro dos Mortos*. Datado do Novo Império, era dividido em capítulos. Segundo Challaye (1981, p. 43):

[...] seus capítulos estavam reunidos em rolos de papiro envoltos em tiras de múmias, cujos exemplares mais bem cuidados eram enriquecidos por vinhetas. Este texto compunha-se, sobretudo, de fórmulas mágicas e litânicas que se reportavam à sorte dos defuntos.

O *Livro dos Mortos* era uma espécie de guia moral com o propósito de guiar o defunto no mundo dos mortos. Ele era colocado no sarcófago junto com o corpo morto e as oferendas. As fórmulas mágicas deveriam ser recitadas e ajudariam o morto a superar obstáculos na passagem pelos espaços do mundo dos mortos. Também era composto por hinos e rituais. Como no mundo dos mortos grego, no egípcio os defuntos tinham de passar por uma espécie de julgamento no tribunal dos mortos. Esse julgamento era presidido por um dos deuses de maior significação no Egito, Osíris, o senhor da vida eterna e da imortalidade, a quem o morto deveria prestar contas das ações realizadas em vida. Segundo o capítulo 125 do *Livro dos Mortos*, citado por Challaye (1981) e Vasques (2005), o morto podia realizar a sua defesa nesse tribunal por meio da confissão que eles chamavam de negativa, na qual o morto diria que ele não teve má conduta em vida: não causou sofrimento aos outros, não foi violento com a família, não foi injusto, prezando sempre pela justiça, não mandou matar. Dessa forma, tentava atestar sua inocência e dar leveza ao seu coração, que no momento do julgamento era pesado em uma balança competindo com a verdade, muitas vezes representada por uma pena. Em caso de ter sua culpa comprovada, seu coração seria devorado por um deus representado como um crocodilo. O direito à imortalidade era, inicialmente, um privilégio apenas dos faraós e seus familiares. No fim do Antigo Império, ele foi estendido aos nobres e funcionários importantes do reino, só sendo estendido às pessoas comuns muito tempo depois, após mudanças na representação das classes sociais.

O mundo dos mortos egípcio era guardado por um deus, Anúbis, também tido como o deus da mumificação. Ele era representado pela figura de um chacal, animal que na época vagava pelos cemitérios durante a noite e desenterrava ossos humanos. De acordo com Vasques (2005, p. 77), Anúbis caracterizava-se como:

[um] deus funerário egípcio representado com cabeça de canídeo, um chacal, cão ou raposa [...] Originalmente estava relacionado com o sepultamento e a vida após a morte do rei. Depois, foi associado ao culto de Osíris, tornando-se o deus da mumificação para todos os mortos.

A ideia da vida eterna e da imortalidade presente no mundo egípcio tem forte ligação com o deus Osíris e com a natureza. Segundo Challaye (1981, p. 52), “Viu-se no mito de

Osíris um modo de exprimir a morte da vegetação seguida de seu renascimento. E aproximam-no de outras narrações religiosas”⁴. Ainda segundo o autor, o deus Osíris foi um “deus bondoso, sofredor, moribundo e ressuscitado, foi sempre, no Egito, a divindade mais popular, mais ternamente querida.” (p. 52). Osíris era uma divindade associada à vegetação e à vida no mundo dos mortos, sendo esta última decorrente da história da sua vida. Segundo Vasques (2005, p. 76), Osíris era o “deus dos mortos, da ressurreição e da fertilidade [...] Originalmente era um deus da fertilidade, com características ctônias, associado à vegetação e à cheia do Nilo”. De acordo com uma das versões do mito sobre sua vida⁵, ele governou o Egito ensinando aos homens sobre agricultura (como plantar, colher, utilizar-se de técnicas), daí a associação a ela, como deus provedor das chuvas, dos alimentos, da fertilidade. A prosperidade de seu governo e seu reino incomoda e é ameaçada por seu invejoso irmão, Seth, governador do infértil deserto. Seth arma um plano para matá-lo contando com a ajuda de vários conspiradores. No retorno de uma das viagens realizada por Osíris, seu irmão ofereceu-lhe um banquete de boas-vindas. Para esse banquete Seth havia construído uma luxuosa caixa funerária com as medidas exatas do corpo do irmão sem que ele soubesse de nada, e promete presentear com ela aquele que nela coubesse. Não encontrando quem ali coubesse, Seth convida Osíris a tentar, tranca-o na caixa e o atira no rio Nilo. Sua esposa-irmã Ísis, que não estava presente na ocasião da festa, após vagar pelo Egito à procura do marido, recolhe o maior número de informações possíveis sobre a caixa e consegue encontrá-la, escondendo-a no meio da vegetação. Entretanto, o irmão Seth a descobre e em meio a sua fúria, manda esquartejar o corpo, que é espalhado pelo Egito. Ísis parte em uma nova busca, agora pela recuperação dos pedaços do corpo de Osíris, menos o pênis, que é substituído por um galho de árvore. Com a ajuda dos deuses, após ter conseguido juntar as partes do corpo de Osíris, Ísis ressuscita o marido, que passa a governar o mundo dos mortos. Da relação dos dois nasce Hórus, o responsável por vingar o pai e tomar o poder das mãos do tio Seth. Por causa dessa história, os egípcios dedicavam, anualmente, um festival aos mortos representando a morte e ressurreição do deus Osíris e também a morte e ressurreição da vegetação com as secas e cheias do Nilo.

Assim como os egípcios e a maioria das sociedades antigas, os celtas fizeram parte do rol de povos agrícolas primitivos cujos festivais e rituais giravam em torno do plantio e da colheita de alimentos. Os celtas possuíam quatro grandes festivais, os Sabás, que giravam em

⁴ Aqui o autor se refere à morte e ressurreição de Jesus Cristo no Cristianismo.

⁵ O mito de Osíris apresenta-se em várias versões.

torno das estações do ano. O Sabá considerado como o mais importante era o *Samhain*. Segundo Giosa (2007), baseada nos estudos de Squire (2003)⁶ e Quintino (2002)⁷, o festival de *Samhain*, o fim do verão e do ano celta, comemorado no dia primeiro de novembro de acordo com o nosso calendário, representava o início do inverno e, portanto, a morte da natureza: “Marcava um período de divisão entre a colheita e os dias frios e aterrorizantes de inverno.” (p.143). A autora nos fala ainda que diferentemente do Dia de Todos os Santos e do Halloween:

[...] originalmente, o *Samhain* era um festival pastoral do campo (os pastores eram os guardiões espirituais) com o objetivo de enaltecer os poderes do crescimento e a fertilidade e de acalmar os mortos, proteger contra as forças demoníacas e agradecer aos deuses por vários sacrifícios. (p.143).

O período do *Samhain* era visto de forma dual, representando fartura e perigo. Fartura porque simbolizava o fim das colheitas, e perigo porque tudo o que foi colhido deveria durar até a próxima primavera. Além disso, acreditava-se que nessa época, a relação com os antepassados⁸, ou seja, com os mortos e seu mundo, estava em vigor. Apenas uma tênue barreira separava o mundo dos mortos do mundo dos vivos, possibilitando a comunicação entre eles. Assim como havia espíritos bons, havia os ruins e com esses, era preciso ter muito cuidado. Durante esse período as almas eram guiadas para suas antigas casas com a ajuda da luz que emanava das lanternas postas nas janelas das casas, indicando-lhes o caminho. Nas casas, as almas recebiam oferendas de seus parentes que consistiam em bebidas e alimentos. Até lugares extras nas mesas eram deixados nas casas das famílias para receber os parentes mortos.

Os celtas também acreditavam, como os egípcios, na sobrevivência do morto. Diante disso, era necessário reunir os bens que seriam levados ao sepulcro: objetos pessoais, utensílios diversos, adornos, armas, já que poderiam ser úteis na nova vida. O mundo subterrâneo dos mortos era para eles um lugar agradável. Segundo Challaye (1981, p. 177): “pensavam eles que as almas emigram para o Ocidente e habitam ilhas longínquas e felizes”. Na mitologia céltica, o deus da morte é Balor. É um rei que é demônio e governa outros

⁶ SQUIRE, C. *Mitos e lendas celtas: rei Arthur, deuses britânicos, gaélicos e toda a tradição dos druidas*. Rio de Janeiro: Record; Nova Era, 2003.

⁷ QUINTINO, C. C. *O livro da mitologia celta*. São Paulo: Hi-Brasil, 2002.

⁸ Para as sociedades agrícolas primitivas os antepassados eram muito importantes já que se acreditava que eles abençoavam as plantações e as colheitas para que tudo saísse bem. Por esse motivo, os vivos deveriam compartilhar com eles todos os frutos conseguidos.

demônios que habitam lagos, poços negros e as profundezas dos mares. Esse deus foi assassinado por seu próprio filho com um tiro de estilingue.

Segundo Quintino (2002), citado por Giosa (2007, p. 164), os celtas acreditavam na existência de outro mundo – o dos mortos, mas não faziam uma divisão (considerada pelo autor como radical) entre céu e inferno. Para eles, o mundo estava dividido em três partes, sendo elas: a Terra, considerada como o Mundo do Meio; o “Mundo Superior – morada das forças criadoras e energias vitais da natureza; e o Mundo Inferior ou Outro Mundo – onde vivem os deuses e os ancestrais e de onde se adquire o conhecimento”. (p. 164). No que diz respeito aos animais, “O cão também era associado ao submundo celta, pois eram os guardiões das profundezas e possuíam vida longa.” (GIOSA, 2007, p. 207).

Os gregos possuem, segundo Vasques (2005) e Challaye (1981), duas visões contraditórias da morte e do mundo dos mortos, uma otimista e uma pessimista. De acordo com Vasques (2005, p. 39):

A visão tradicional remonta às crenças que aparecem nos poemas homéricos. A morte é vista como um repouso, havendo a necessidade de resignação, pois este é o destino de todos os humanos (mesmo dos heróis, filhos dos deuses imortais). A alma dos mortos é como uma sombra, que habita a sua tumba ou a região infernal, domínio de Hades.

Essas ideias contraditórias, segundo Challaye (1981, p. 182-183), não preocupavam os gregos, que tampouco procuraram conciliá-las:

Ora os mortos continuam, debaixo da terra, a levar uma vida que seus descendentes devem procurar, por suas oferendas, tornar agradável, ora a alma, deixando o corpo, atravessa o Estigio e vai aos infernos, onde é julgada por Minos, Eaco e Radamante: se ela merece castigo, sofre-o no Tártaro, mas se tem direito à recompensa, será feliz nos Campos Elíseos.

Como pudemos perceber, os gregos, assim como os egípcios e celtas, acreditavam na vivência do morto e na existência de um lugar específico para eles, seja o túmulo, o sarcófago ou um mundo dos mortos em outra dimensão que não a terrestre. De primeiro momento, existe a crença na vivência do morto no túmulo, que se caracterizava como a sua única morada a partir de então. Essa vivência implicava o oferecimento nas tumbas, por parte dos vivos (mais comumente os parentes), de alimentos, bebidas e até mesmo utensílios e objetos que pertenciam ao defunto (prática muito comum também de outros povos antigos como foi

visto anteriormente). Sendo ele um guerreiro, entre os utensílios figurariam também as suas armas. Um novo estágio da mentalidade grega, passando pelo que Vasques (2005) denominou como visão otimista e pessimista da morte, nos conduz para a concepção grega da existência de um inframundo, um mundo subterrâneo dos mortos. A primeira premissa, que nos leva à visão otimista da morte, é que todas as almas, não importando a classe social do defunto, iriam para esse lugar e teriam que aceitar o fato como algo inevitável, alheio à vontade dos homens. Lá levariam a mesma vida que levavam no mundo terreno desde que não fossem julgados como indignos desse merecimento (semelhante à concepção cristã de Purgatório). Segundo Steuding (1934), com base nas crenças deixadas por Homero, a vida no Hades (nome do deus do mundo subterrâneo e que também designava o próprio lugar) era triste. Continuava-se desempenhando as mesmas funções que em vida, mas de uma maneira improdutiva, inconsciente, sem energia, de maneira mecânica e melancólica. Caso fossem julgadas pelos juízes⁹ do tribunal de Hades – Minos, Radamante e Eaco – como culpadas por algum crime ou consideradas indignas por algum motivo, as almas sofreriam as consequências no Tártaro – o pior lugar do inferno (visão pessimista da morte). Os Campos Elísios, lugar de paz, alegria, harmonia e abundância de coisas boas, era dedicado somente aos justos, aos heróis e escolhidos dos deuses (semelhante à concepção cristã de Paraíso). De acordo com Vasques (2005, p. 39), “Os Campos Elísios, lugar para onde iam as almas dos bem-aventurados, era inicialmente reservado aos heróis. Depois, esta ideia se popularizou”.

Para chegar de fato ao mundo dos mortos grego era preciso atravessar rios extremamente perigosos; alguns, de um calor que era impossível suportar. A travessia era tarefa do barqueiro Caronte¹⁰, que deveria receber pelos serviços prestados. O pagamento deveria ser feito com um óbolo – moeda grega. Era costume que o defunto fosse sepultado levando essa moeda embaixo da língua. Aquele que não possuía o óbolo não poderia realizar a travessia e, como penalidade, ficaria lamentando-se às margens do rio Aqueronte (rio das dores) por toda a eternidade. Se Caronte deixasse alguma alma atravessar sem pagar ou sem permissão, era punido severamente. Outro guardião do mundo dos mortos grego era o cão gigante Cérbero. Em algumas versões ele aparece representado com três cabeças, em outras, com cinquenta.

Os antigos romanos partilhavam com os gregos a crença sobre a visão da morte como

⁹ Minos e Radamante, dois irmãos, foram em vida sábios legisladores. Por esse motivo, escolhidos por Hades para serem juízes do mundo dos mortos. Eaco, por sua vez, é auxiliar desses dois irmãos no tribunal. Também foi escolhido porque enquanto viveu, sempre apresentou grande espírito de justiça.

¹⁰ Caronte é representado como um velho barbudo, de feições esqueléticas e de vestimenta esfarrapada.

um repouso, um descanso e destino de todos. A visão pessimista, segundo Vasques (2005, p. 39-40), predominou no mundo romano somente a partir do século IV antes de Cristo, tendo como relevância, nesse período, o Culto de Mistérios. De acordo com a autora:

As doutrinas que supunham uma vida melhor após a morte estavam ligadas, no mundo grego e romano, aos cultos de Mistérios, como aqueles de Elêusis, consagrado a Deméter, e os de Dionísio. Pelo Império Romano circulavam doutrinas como o orfismo, que estavam imbuídas de conceitos filosóficos, esotéricos e de salvação da alma. Os iniciados no culto de Mistério não iam reencarnar, eles iriam direto para os campos Elísios.

As contribuições gregas ao mundo romano influenciaram em vários aspectos a vida dos romanos, entre eles, a religião. Foram trazidas aos romanos novas crenças e cultos. Entretanto, ao contrário dos gregos, os romanos não acreditavam na existência de um mundo dos mortos, mas sim na existência de espíritos. A mãe terra era para eles a uma vez que eles eram recebidos por ela. Por essa razão, no mesmo dia em que rendiam homenagens a essa deusa, os romanos cultuavam seus mortos oferecendo-lhes alimentos e bebidas diante dos túmulos. (STEUDING, 1934). Como acreditavam na existência de espíritos, havia aqueles que eles tinham por bons e os ruins. Os protetores eram diversos: de terras e propriedades, do lar, da despensa, entre outros. Entre os maléficos estavam os que vinham perturbar a tranquilidade dos vivos. Segundo Challaye (1981, p.195):

Os mortos eram primitivamente enterrados sob o lar, que eles defendiam. Por eufemismo chamavam manes (os bons) aos espíritos dos mortos. Dirigiam-lhes oferendas, tomava-se refeição com eles no dia dos mortos. Procurava-se apaziguar os mortos hostis, os lêmures, através de determinadas cerimônias.

O culto de Mistérios, também praticado pelos romanos, figurava como outro ramo da religião praticada. O objetivo principal da doutrina era praticar ações e viver de uma maneira que possibilitasse à alma ultrapassar a condição humana e poder gozar da vida divina. Os praticantes dessa doutrina acreditavam que não só os heróis podiam gozar dessa vida. Ela era possível também para os cidadãos comuns desde que fossem iniciados no culto. Acreditavam que “Pouco a pouco os espíritos vão tornar-se deuses.” (CHALLAYE, 1981, p. 196).

CAPÍTULO 2

MUERTE SIN FIN

José Gorostiza

*Desde mis ojos insomnes
mi muerte me está acechando,
me acecha, sí, me enamora
con su ojo lánguido [...]*

O BRASILEIRO E A MORTE: DIA DE FINADOS NO BRASIL

A relação do povo brasileiro com a morte de maneira festiva data de tempos muito antigos, à época da colonização portuguesa. As festas religiosas e os ritos fúnebres no Brasil, segundo Reis (1991, p. 49), seguiam os moldes de um catolicismo barroco cheio de pompas e exuberâncias:

Um catolicismo que se caracterizava por elaboradas manifestações externas da fé: missas celebradas por dezenas de padres, acompanhadas por corais e orquestras, em templos cuja abundante decoração era uma festa para os olhos, e sobretudo, funerais grandiosos e procissões cheias de alegorias, de que participavam centenas de pessoas.

Reis (1991) ainda nos fala sobre uma espécie de catolicismo lúdico no Brasil herdado de Portugal e refere-se à realização de danças nas festas religiosas, fato que favoreceu, por exemplo, à adesão dos negros às formas de celebração. Segundo o autor, o catolicismo no Brasil¹¹ foi “Um catolicismo ligado de maneira especial aos santos de devoção.” (p. 61). Faziam-se festas ao redor de imagens de cadáveres, teatralizavam-se funerais, procissões de enterros e velórios de santos; eram festas com fogueiras, balões, música, fogos de artifício, muita comida, bebida, atitudes que para Reis, significavam uma maneira de amenizar as angústias provocadas pela dor da morte: “Mas a produção fúnebre interessava sobretudo aos vivos, que por meio dela expressavam suas inquietações e procuravam dissipar suas angústias. Pois, embora variando em intensidade, toda morte tem algo de caótico para quem fica”. (p. 138).

Até o século XVIII, como vimos, os brasileiros celebravam a morte com muita festa e pompa. Os cortejos fúnebres vindos de Portugal representavam grandes eventos sociais para as pessoas da época. Para participar dele as pessoas colocavam suas melhores vestimentas, joias e se preparavam como convidados de uma ilustre festa ou de um grande desfile anunciado pelo badalar dos sinos das igrejas. Esses cortejos também representavam uma das poucas opções de lazer para a população pobre. Um momento de integração, interação e diversão no qual se ouvia música, dançava-se, comia-se e bebia-se e ainda era possível conversar com muitas pessoas e distrair-se. De acordo com Reis (1991, p. 138):

¹¹ A obra deste autor trata, sobretudo, de características do estado da Bahia na época colonial.

O espetáculo fúnebre realmente distraía o participante da dor, ao mesmo tempo que chamava o espectador a participar da dor. Reunidos solidários para despachar o morto, os vivos recuperavam algo do equilíbrio perdido com a visita da morte, afirmando a continuidade da vida.

A morte era entendida como algo natural e tratada de maneira familiar e festiva, assim como o nascimento e o batismo, por exemplo. Alguns velórios e enterros baianos do século XIX contavam com convidados que realmente recebiam convites para participarem do momento fúnebre. Nesses velórios, Reis (1991, p. 130) nos conta que se gastava muita vela e que dependendo das condições financeiras da família “usavam-se castiçais de prata ou de madeira para iluminar o cadáver e afastar os maus espíritos que costumavam rondá-lo”. Ainda sobre os velórios, Reis fala sobre a presença dos familiares e amigos nessa ocasião e do costume de providenciar comida e bebida para essas pessoas, acrescentando que esse costume não foi herança somente portuguesa como também africana, persistindo nos dias atuais principalmente no meio rural. A conotação festiva também estava presente nos funerais infantis, para os quais o autor utiliza a expressão “funerais sem lágrimas” (p. 139). A criança era vestida de anjo e velada coberta de flores. Seu funeral era acompanhado por muitas pessoas e tocava-se uma música alegre, pois se acreditava que a criança estava retornando para junto de Deus, o que era considerado como um privilégio.

O panorama dos festejos começou a mudar em meados do século XIX a partir da sua proibição por parte de Dom João VI e Dom Fernando José de Portugal. Assim como os cortejos, o enterramento nas igrejas, prática comum da época, também foi proibido. A proibição adveio de ideias higienistas e sanitaristas por parte dos profissionais da área da saúde pública europeia e que atribuíam aos mortos e ao corpo morto as causas de várias doenças e epidemias da época. A necessidade da criação de cemitérios públicos no Brasil data dessa época e, em alguns lugares como na Bahia, encontrou-se forte resistência quanto à utilização do novo espaço para os enterramentos, agora não mais em lugar sagrado, o que gerou tristeza, descontentamento e revoltas por parte daqueles que queriam que suas almas fossem salvas estando mais perto de Deus, isto é, enterradas no solo das igrejas. Dessa forma, a morte para a população brasileira (e para a europeia também) ganhou uma conotação negativa e começou a ser associada à doença, a algo ruim e que pode ter contribuído, em grande medida, para uma caracterização mais tristonha da celebração do Dia de Finados no Brasil.

Reis (1991, p. 90) nos fala, ao comparar o culto aos mortos dos africanos com o católico português trasladado ao Brasil, que a Igreja, ao contrário dos africanos, que possuíam uma forma de comunicação ritual complexa com seus mortos (dos quais os espíritos estavam presentes na vida dos vivos, influenciando no cotidiano deles), “não se interessava especificamente em cultuar os mortos, concentrando-se em salvá-los”. Ainda segundo ele, o culto aos mortos adquiriu maior importância graças ao catolicismo popular: “Os mortos ganharam maior importância no catolicismo popular, ainda impregnado de fortes componentes mágicos e pagãos”. As pessoas acreditavam que os mortos tinham o poder de atormentar ou ajudar os vivos e por isso, necessitavam ser recordados, homenageados.

Os mortos eram lembrados anualmente no Dia de Finados. Quando se tratava de figuras religiosas, além da realização de missas também havia procissões sobre as sepulturas dessas pessoas para que fossem recordadas e homenageadas. Esse evento era tido como um dos principais momentos de comunhão entre as pessoas no qual a presença fazia-se muito importante: “As cerimônias de Finados estavam entre aquelas a cujo comparecimento o compromisso ‘muito recomendava’”. (REIS, 1991, p. 208). A Igreja tinha a preocupação de salvar as almas do Purgatório que, por sua vez, necessitavam da ajuda dos vivos para tal feito, daí a importância das missas, orações e rezas destinadas a essas almas.

Cascudo (2002, p. 233) descreve a tradição da celebração do Dia de Finados no Brasil como uma herança portuguesa cheia de crenças, superstições e proibições, principalmente entre as populações do interior e de cidades litorâneas, que até hoje acreditam, segundo o autor, que nesse dia não se deve caçar nem pescar e ter coragem de passar por lugares onde houve alguma morte. Ainda segundo o autor, citando Morais Filho (2002), continuamos seguindo a tradição religiosa na realização de atividades para esse dia:

A comemoração *Omnium Fidelium Defunctorum*, datando do século X, mantém tradição imemorial em todos os cultos religiosos. A decoração dos túmulos e a visita aos cemitérios ambientam, no espírito popular, credices incontáveis. As sepulturas são cobertas de flores, com exibição de castiçais de prata, velas acesas, outrora guardadas, o dia inteiro, pelos escravos fiéis.

A celebração do Dia de Finados no Brasil é uma das muitas tradições herdadas de Portugal e vindas com a colonização. A religião católica na sua forma mais tradicional esteve fortemente presente na vida dos brasileiros guiando e orientando suas práticas cotidianas. Acompanhava o homem desde seu nascimento, passando pelo batismo, pelo casamento até a

morte. De acordo com Del Priore (2002, p. 69), “[...] a igreja católica desempenhou um importante papel na constituição da sociedade brasileira, quer pelo caráter assumido na cristianização dos indígenas e na catequese dos colonos, quer pela difusão da fé católica [...]”. A crença na continuidade da vida em outro espaço que não o terreno motivava muitas práticas conduzidas pela Igreja, entre elas, a celebração do Dia de Finados, entendida como uma obrigação por parte das pessoas para com os mortos, a fim de dar-lhes assistência e aliviar suas penas no Purgatório. As almas, dessa forma, eram assistidas a cada ano por missas, preces, orações, oferenda de flores e velas. Recebiam visitas nos cemitérios e eram homenageadas com procissões fúnebres. No período colonial, segundo Morais Filho (2002, p. 226):

E os convidados da morte seguiam em procissão fúnebre, com ramos e amores-perfeitos, de sempre-vivas e ciprestes com grinaldas e emblemas, no solene cortejo, em que a rainha coroada era um esqueleto com panejamentos negros, tendo em uma das mãos descarnadas uma foice, e na outra a ampulheta simbólica.

Morais Filho (2002) nos descreve a celebração do Dia de Finados no Rio de Janeiro na época colonial como um momento ora triste, ora alegre. Triste porque revivia as perdas sofridas, trazendo lágrimas e dor ao lembrar aqueles entes queridos que não se encontravam mais entre os vivos. Entretanto, também era um momento alegre porque representava comunhão, integração, um momento de socialização entre as pessoas. Mas era de uma alegria comedida, recatada, contida nos gestos e de forte expressão nas pompas da celebração: procissões e romarias, castiçais, serpentinas, badaladas de sinos, grinaldas de ciprestes e flores, muitas velas, urnas funerárias, ricas decorações nas igrejas. Segundo o autor, umas das primeiras providências tomadas pelas famílias, antes mesmo da chegada do dia da celebração dos finados, era pedir a um padre para rezar a missa pelos defuntos tanto nas igrejas quanto nos cemitérios. Os armadores, comuns nessa época, eram pessoas encarregadas de armar, isto é, ornamentar os túmulos com murais, banquetas contendo urnas funerárias com inscrições e fechos de prata, castiçais de prata, velas de cera entre outros adereços.

Nos templos o autor destaca a presença de cortinas nas cores preta, amarela e branca e do carrilhão dos mortos (conjunto de sinos que executam músicas), anunciando pelo soar dos sinos o lamento fúnebre de mais um aniversário de morte de alguém desde a véspera. Também era comum na época as pessoas pobres pedirem esmolas com o pretexto de rezarem pelas almas – a Missa das Almas. Aqueles que não podiam contribuir com dinheiro, como os

escravos¹², contribuíam com alimentos. Nesse dia as esmolas eram dadas de bom grado, a fim de que fosse possível conseguir mais uma oração para o ente querido falecido, pois acreditava-se que quanto mais orações recebesse o morto, maior seria o poder de sua salvação do Purgatório. O aspecto lutuoso da celebração era realçado pelo semblante das pessoas: “E todos os sinos dobravam, pedindo sufrágios pelos mortos, ao passo que imenso povo, vestido de luto, desfilava tão pesaroso, que nem um sorriso dourava-lhe o semblante severo”. (MORAIS FILHO, 2002, p. 227). O momento de comunhão, citado anteriormente, era visto quando as famílias encaminhavam-se às igrejas e aos cemitérios para prestar as suas homenagens. Para as igrejas, as pessoas também levavam grinaldas de ciprestes e de flores. Os espaços religiosos como conventos, igrejas, Ordens Terceiras e templos, nesse dia, eram ricamente decorados e não podia faltar a imagem do corpo de Cristo. Viam-se panos pretos com cruces de galão cobrindo as sepulturas dentro das igrejas e valiosos castiçais com velas acesas:

Nos conventos e nas ordens terceiras onde o culto dos mortos revestia-se de todo o aparato litúrgico, as pompas fúnebres do rito executavam-se majestosas, de acordo com o caráter decorativo do recinto sagrado. No altar-mor fechava-se o trono com um véu preto e docel da mesma cor, destacando-se ao fundo a sacrossanta imagem do Cristo, de tamanho natural, com o corpo cheio de sangue e os olhos cheios de perdão. (MORAIS FILHO, 2002, p. 227-228).

Nas missas realizadas pelas igrejas destacava-se, também, o canto gregoriano, que emocionava os fiéis. Nos cemitérios, os familiares e amigos do defunto dedicavam-lhe preces e orações ademais das oferendas. As pessoas da época sentiam-se, como já foi dito, no dever de realizar esse ritual aos seus mortos. Ainda segundo Moraes Filho (2002, p. 229):

As grandes senhoras, os personagens ilustres, o cidadão pouco avultado, a família obscura, o escravo, enfim, percorriam os templos, rezando as suas orações, encomendando os seus mortos, assistindo às missas em sufrágios, que diziam-se até

¹² Marginalizados pelo sistema escravista da época, os negros escravos ou alforriados viam nas Irmandades uma forma de fuga dessa marginalização social a que estavam expostos. Elas davam a oportunidade a essas pessoas de profissionalizar-se e serem reconhecidas socialmente. Esse tipo de associação dava maior importância às categorias raciais em detrimento das sociais. As Irmandades eram associações locais que tinham como função auxiliar a Igreja na facilitação da vida em sociedade. Elas promoviam a devoção de um santo e os fiéis ditos comuns, leigos, desempenhavam suas atividades devocionais sem a necessidade da intervenção direta e constante de padres e outros religiosos. Essas organizações leigas contribuíram e muito com suas práticas, principalmente por meio de festas e celebrações para o crescimento do catolicismo e o aumento do número de fiéis. (DEL PRIORE, 2002, p. 37-41; 69).

às três horas. Então o povo saía, dispersava-se sem tumulto, cômico de haver desempenhado religiosos deveres.

Assim como anunciavam a chegada do dia da celebração das almas, as badaladas dos sinos também anunciavam o momento de despedir-se delas: “E os sinos dobravam pelos fiéis defuntos, até que a noite aninhava-lhes de novo o túmulo no silêncio e no mistério”. (MORAIS FILHO, 2022, p. 229).

Como na Europa, no Brasil os enterros nas igrejas também foram proibidos por conta da disseminação de enfermidades, entre elas, a febre amarela. A abertura dos cemitérios públicos data de 1851. Moraes Filho (2002, p. 230) atribui a esse fato uma nova maneira de celebrar o Dia de Finados, segundo ele menos respeitosa e mais ausente, isto é, caracterizando-se cada vez mais como um costume que está sendo deixado de lado:

Depois... tudo se foi! O mármore dos túmulos manchou-se das nódoas do vinho e das obradas refeições; a vaidade foi cuspir no esqueleto de hoje – ela que será o esqueleto de amanhã; o sacerdote agride pelas preferências, como se a sua prece sacrílega pudesse aliviar das penas a seres mais puros.

As pessoas continuaram indo aos cemitérios e às missas nas igrejas, mas com menor frequência que outrora. Ainda de acordo com Moraes Filho (2002, p. 230), muitos dos que vão aos cemitérios hoje o fazem como alguma forma de diversão em turma no meio da noite. Para ele, o sentido de comunhão, coletividade e respeito aos mortos entrou em decadência. Decadência esta que pode ser atribuída ao fato do distanciamento físico dos vivos com o corpo morto e ao aumento do número de pessoas que têm outra religião que não a católica, haja visto o sincretismo religioso ao qual o Brasil está exposto, uma vez que uma pessoa que declara pertencer à religião católica pode participar do evento da lavagem das escadarias do Senhor do Bonfim, pular as sete ondas em comemoração à entrada do ano-novo e entregar flores à Iemanjá, fazer meditação entre outras atividades que confirmam a imagem de um país pluriétnico e, por conseguinte, pluricultural também no âmbito religioso.

O MEXICANO E A MORTE: RAÍZES DO CULTO INDÍGENA

Sendo o México o resultado de uma profunda mestiçagem, nas palavras de Zarauz López (2004), não podemos afirmar que o culto aos mortos mexicano seja homogêneo. Neste momento cabe aqui demonstrar não a atual forma de cultuá-los, senão, regressar no tempo e entrar em contato com suas raízes: os cultos indígenas pré-hispânicos.

A sociedade dos antigos mexicanos¹³ era repleta de ritos e crenças assim como também o era de deuses. Era uma sociedade baseada na agricultura e nas guerras como maneiras de sustentar a vida nas tribos e no mundo. Dessa forma, seus deuses eram aqueles responsáveis pelos fenômenos e elementos da natureza, assim como deuses responsáveis por uma classe específica da sociedade: pelas guerras, pela Medicina, pelas necessidades carnis, pelos alimentos em geral, pela chuva, pelo vento, pelo fogo, pelas flores, pelo vinho, pelos desamparados, pelos comerciantes; deusas da terra, dos mantimentos, dos remédios e ervas protetoras, das mulheres que morriam no primeiro parto, da água, etc. Cada um tinha sua função e importância dentro dessa cosmovisão e recebiam homenagens de acordo com essa importância. Segundo Eliade (1991, p. 34) a respeito desse tipo de sociedade:

As sociedades arcaicas e tradicionais concebem o mundo que as cerca como um microcosmo. Nos limites desse mundo fechado começa o domínio do desconhecido, do não formado. De um lado, um espaço cosmicizado, uma vez que habitado e organizado. Do outro lado, fora desse espaço familiar, existe a região desconhecida e temível dos demônios, das larvas, dos mortos, dos estranhos – ou seja, o caos, a morte, a noite. Esta imagem de um microcosmo-mundo habitado, cercado de regiões desérticas identificadas ao caos e ao reino dos mortos, sobreviveu mesmo nas civilizações muito evoluídas, como as da China, da Mesopotâmia ou do Egito.

Como a sociedade era baseada na agricultura, o calendário girava em torno dos períodos de plantações, colheitas, chuvas e secas e estava dividido em dezoito meses, cada um com suas festas fixas e móveis oferecidas aos deuses em forma de sacrifício a fim de agradecer as graças recebidas ou obtê-las. Os antigos mexicanos acreditavam que se os deuses não fossem alimentados e venerados, eles se enfureceriam e destruiriam o mundo. Tinham

¹³ Os antigos mexicanos à época da conquista espanhola eram os da etnia mexica ou mais comumente conhecidos como os astecas, mas cabe lembrar que eles eram apenas um dos vários povos indígenas que se encontravam no país nessa época. Podemos dizer que a própria cultura asteca era também mestiça, já que eles assimilavam a cultura daqueles que eram capturados nas guerras para serem oferecidos em sacrifícios.

grande temor de que isso acontecesse.¹⁴

A vida desse povo foi primorosamente estudada pelo frei Bernardino de Sahagún. Ele foi um dos muitos evangelizadores que vieram para a Nova Espanha (México) a fim de catequizar os indígenas, difundindo assim a religião católica, mas um dos poucos que compreendeu que a ideia de torná-los católicos perfeitos, idealizados como se eles não tivessem cultura e tampouco religião, não era a forma mais eficaz de evangelização. Era um frade franciscano e acreditava que a Nova Espanha só se tornaria uma sociedade civilizada, no sentido europeu da palavra, a partir do momento que se começasse a conhecer e dominar a cultura daquela gente, expressada pela sua língua, ritos e crenças¹⁵. Sua obra, um intento astucioso nesse sentido, que contou com o relato e o testemunho de diversos indígenas, considerados pela História como seus informantes, é conhecida como *Códice florentino* porque em algum momento de sua tentativa de publicação, vai parar em Florência, na Itália, e assim é batizada.

O homem pré-hispânico era muito religioso e se valia da religião, dos mitos, símbolos e imagens para tentar compreender e explicar o mundo a sua volta. Segundo Zarauz López:

El hombre prehispánico se encontraba imbuído de un misticismo que permeaba todas las esferas de la vida social, económica, militar y, por supuesto, religiosa. Por ello, sus preocupaciones en torno al origen del mundo, la vida y la muerte alcanzaron particular importancia, convirtiéndose por momentos en el centro de su vida. Los mitos cosmogónicos y la religión misma fueron los recursos de que se valieron los pueblos prehispánicos para explicarse la vida y su sentido, la muerte y sus secuelas, o simplemente lo terreno incomprendible, para así obtener orden y tranquilidad ante lo incierto. (2004, p. 35)¹⁶

Os astecas, nomeados por alguns estudiosos da cultura mexica como “o povo da morte”, foram talvez os que mais desenvolveram e intensificaram o culto aos deuses e à

¹⁴ A lenda mexicana que trata dos Cinco Sóis retrata esse temor. Segundo a lenda, o mundo seria destruído quando chegasse a era do quinto sol, justamente na época da chegada dos espanhóis. Muitas dessas e outras valiosas informações as quais podemos ter acesso hoje em dia sobre a cultura dos antigos mexicanos são provenientes da obra do frade Bernardino de Sahagún. SAHAGÚN, Fray Bernardino de. *Historia General de las cosas de la Nueva España*. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

¹⁵ É preciso levar em consideração que mesmo que Sahagún tenha se valido dos relatos indígenas para compor sua obra, ainda assim ela está permeada por suas concepções católicas, que podem ser apreendidas em vários momentos.

¹⁶ O homem pré-hispânico encontrava-se impregnado de um misticismo que permeava todas as esferas da vida social, econômica, militar e, certamente, religiosa. Por esse motivo, suas preocupações em relação a origem do mundo, da vida e da morte alcançaram uma importância particular, transformando-se, em alguns momentos, no centro de sua vida. Os mitos cosmogônicos e a própria religião foram os recursos de que se valeram os povos pré-hispânicos para explicar o sentido da vida, da morte e suas sequelas, ou simplesmente o terreno do incompreensível, para dessa forma, obter ordem e tranquilidade diante do incerto.

morte. Tratava-se, na época da conquista espanhola, de uma sociedade altamente guerreira dona de amplos territórios. De seu significado e importância deriva o fato de serem considerados como referência incontestável da festividade dedicada aos mortos no México e da mexicanidade de um modo geral.

O sacrifício praticado pelos astecas, caracterizando o ritual de vida e morte dessa sociedade, relaciona-se com a lenda do Quinto Sol (criação e destruição do mundo). Segundo ela, o deus Quetzalcóatl, estando no inferno em uma batalha contra o deus dos mortos, banhou os ossos humanos com seu sangue para dar vida ao homem. A única forma de retribuição seria então, oferecer aos deuses o sangue humano e sua devoção. Segundo Zarauz López (2004, p. 41):

En esta cosmovisión, el hombre debe ofrendar sangre y vida a los dioses, en pago por el sacrificio que éstos hicieron para infundirle vida. Al respecto vale la pena señalar que por ello se justificaban los sacrificios: para que los dioses vivieran era necesario el pago, el sacrificio de los hombres que eran hechos prisioneros en una campaña militar.¹⁷

A relação desses povos com a morte, nessa perspectiva, ganha um sentido natural, na medida em que sem ela, não haveria vida. E por esse motivo, talvez, os antigos mexicanos possam ser chamados de povo da morte. Uma morte que sempre esteve ambientada na perspectiva da festa, comemoração, celebração dedicada aos deuses.

O panteão asteca era repleto de deuses e vários deles estavam relacionados com a morte. Entre os mais representativos encontramos Mictlantecuhtli, Tláloc, Tezcatlipoca e Huitzilopochtli. Mictlantecuhtli era o senhor do inframundo, deus da morte, e vivia acompanhado por sua esposa Mictlantecacihuatl, ambos representando a escuridão, o subterrâneo, a devoração de cadáveres, mas também, de forma positiva, a regeneração da vida possibilitada pela terra (plantio e colheita). Tláloc, deus da chuva, era o responsável pelas inundações, por raios, mas também por ajudar a semear a terra. Segundo a crença dos astecas, as pessoas mortas por raios ou afogadas iam para a residência do deus Tláloc, o Tlalocan. Os deuses Tezcatlipoca e Huitzilopochtli, estavam relacionados com a guerra, e, portanto,

¹⁷ Nesta cosmovisão, o homem deve oferecer sangue e vida aos deuses, como pagamento pelo sacrifício que estes fizeram para incutir-lhe vida. A esse respeito vale a pena ressaltar que por esse motivo, se justificavam os sacrifícios: para que os deuses vivessem era necessário o pagamento, o sacrifício dos homens que eram feitos prisioneiros em uma campanha militar.

também com a morte. Da relação dos astecas com os deuses é possível visualizar a dualidade vida e morte presente no que apresenta cada deus de positivo e negativo.

Os antigos mexicanos acreditavam que os deuses poderiam destruir o mundo e os homens. Então, diante do temor de que isso acontecesse, faziam votos, oferendas, penitências, jejum para que eles não ficassem zangados. Também acreditavam que existia um inframundo – o mundo dos mortos, para onde iam as almas. Esse inframundo era chamado por eles de Mictlán: “*Quetzalcoátl hizo y edificó unas casas debaxo de la tierra, que se llaman Mictlancalco*” (SAHAGÚN, 1988, p. 218)¹⁸. A concepção de morte que tinham os astecas não estava associada às ideias de recompensa e punição, de bem e mal, presentes no cristianismo e representadas respectivamente pelo Paraíso e pelo Inferno. A ida da alma para algum desses lugares não tinha nenhuma relação com o comportamento da pessoa em vida. O que determinaria o destino dessas almas seria o tipo de morte de cada indivíduo. De acordo com a causa do falecimento a alma poderia ir para três lugares possíveis dentro da concepção do mundo dos mortos asteca: o Tlalocan, o Omeyocan ou Tonatiuh e o Mictlán.

Os mexicas, cuja sociedade tinha sua vida baseada na agricultura, davam bastante importância ao sol e à chuva como fontes de manutenção da vida. De tal forma que no reino dos mortos havia dois lugares especiais que os representavam, o Tlalocan e o Omeyocan ou Tonatiuh. O primeiro, lugar de Tláloc, o deus da chuva, representado pela cor azul simbolizando a água, com uma máscara na qual sobressaíam os olhos redondos e o bigode formado por serpentes. Na Casa do Sol, era missão dos guerreiros mortos acompanharem o seu nascimento desde o horizonte até o momento que ele se punha, a fim de que ele, o Sol, nunca parasse de iluminar o mundo dos vivos.

O Tlalocan era o paraíso terrenal, destino daqueles que morriam atingidos por raios, afogados ou os que padeceram de doenças incuráveis (relacionadas com a água como a pneumonia), como a lepra, a sarna, pequenos tumores, além daqueles que haviam sido sacrificados em honra ao deus da chuva (sobretudo crianças). No Tlalocan, as almas viviam na companhia dos deuses tlaloques, responsáveis pelas chuvas, e não passavam nenhum tipo de necessidade das quais poderiam ter passado em vida devido aos invernos extremamente frios e às secas que prejudicavam as plantações. Havia nesse espaço alimentos em abundância, como milho, abóbora, pimentão e pimenta, feijão, tomate, e as almas podiam desfrutar de paz e tranquilidade, sem nenhum tipo de provação, obstáculo a ser superado,

¹⁸ “Quetzalcoátl fez e edificou umas casas debaixo da terra, que se chamam *Mictlancalco*.”

castigo ou punição. Quando eram enterrados os corpos, acompanhavam-lhes sementes que eram postas no queixo do morto e que depois, em contato com a terra, dariam frutos. As almas que iam para esse espaço eram consideradas como privilegiadas, tidas como divinas porque sofreram muito em vida devido à doença. E, quando morriam, os corpos não eram queimados, e sim diretamente enterrados¹⁹.

O Omeyocan ou Tonatiuh, Paraíso do Sol, Casa do Sol ou Céu do Sol, era semelhante ao Tlalocan no que diz respeito às conotações paradisíacas. Como as almas dos que iam para o paraíso terrenal desfrutavam de conforto, paz e tranquilidade, os que iam para esse espaço também gozavam. De acordo com os escritos de Sahagún, era um lugar agradável, repleto de árvores e frescor. Essas almas viviam na presença do Sol, uma das divindades mais importantes para os antigos mexicanos e, como vimos anteriormente, responsável pela manutenção da vida na Terra, ofertando-lhes luz e calor. Não era qualquer alma que ia para a Casa do Sol. As almas, também tidas como privilegiadas, eram a dos guerreiros que matavam e morriam nas guerras, em defesa de seu povo. Era a morte mais gloriosa – a morte florida, desejada. Esses guerreiros eram considerados como valentes e dignos de reconhecimento e prestígio. Também iam para esse local as almas de prisioneiros de guerra que eram sacrificados em honra dos deuses. As almas que iam a esse lugar tinham um tempo diferente de trajeto que durava apenas oitenta dias de viagem. Os familiares desses mortos não podiam lavar o rosto e a cabeça durante esse período em sinal de luto e realizavam também oferendas a eles. Passados quatro anos da morte desses indivíduos e após os devidos cuidados dos vivos para com esses mortos por meio de oferendas, suas almas se transformavam em lindas aves de plumas ricas ou belas borboletas e podiam transitar pelos dois mundos, de vivos e mortos, sendo o néctar das flores seu alimento²⁰. Além das almas citadas acima, as mulheres que morriam no parto também viviam na Casa do Sol e tinham *status* comparado ao dos guerreiros em importância. Quando morriam no parto, elas eram chamadas de *mocihuaquetzqui*, mulher valente, guerreira e eram assim divinizadas. Tanto assim o era que quando enterradas (no pátio do templo das deusas *cihuapiltin*), o marido juntamente com amigos, parteiras e outros familiares tinham de realizar uma vigília de quatro noites a fim de que nenhuma parte do corpo da mulher fosse roubada, pois acreditava-se que se usados como amuletos de guerra, trariam sorte para quem os levasse consigo. O corpo da mulher era

¹⁹ Ver Sahagún (1988, livro III, cap. II, p. 222-223).

²⁰ Sahagún, op. cit., 222-223.

banhado e vestido com as melhores roupas que possuía em vida. Conforme nos conta Sahagún (1988, p. 410):

*Y aunque la muerte de esas mujeres que se llamaban mocihuaquetzque daba tristeza y lloro a las parteras cuando murían, pero los padres y parientes della alegrábanse, porque decían que no iba al Infierno, sino que iba a la Casa del Sol, y que el Sol, por ser valiente, la había llevado para sí.*²¹

O terceiro e último lugar para onde uma alma poderia ir no mundo dos mortos asteca era o Mictlán, associado ao Inferno dos católicos por situar-se no mundo subterrâneo – inframundo. Assim como o Hades grego, o Mictlán era um lugar escuro, sinistro, sem portas e janelas e que não possibilitava a fuga da alma que lá entrasse. Era habitado pelos deuses Mictlantecuhtli e Mictlantecacíhuatl, senhor e senhora da morte, respectivamente. Esse deus tinha cabelos crespos e levava adornos de papel e ossos humanos. Ademais, ele e sua esposa usavam máscaras feitas de crânios humanos. O deus dos mortos “tenía el pelo encrespado, los ojos en forma de estrella, adornos cónicos de papel en la frente y la nuca, una bandera y una estola de papel blanco y orejeras hechas con huesos de hombre”²². (IGLESIAS Y CABRERA, 2008, p. 45).

Para o Mictlán se dirigiam as almas consideradas comuns, de pessoas que morreram de morte natural ou algum tipo de doença – todos iam para esse lugar independente da classe social. Essas almas tinham uma jornada a cumprir: uma caminhada que duraria quatro anos transitando por diversos lugares desse espaço e no qual teriam que lidar com uma gama de obstáculos a serem superados para enfim chegar ao local de descanso eterno. Os obstáculos dessa árdua jornada das almas consistiam em passar por montanhas, serras, cruzar rios caudalosos, passar por caminhos estreitos e pedregosos, enfrentar fortes ventos que cortavam como navalhas e escapar dos animais guardiões dos caminhos, alguns devoradores de corações humanos, como no julgamento do mundo dos mortos egípcio. Esses obstáculos caracterizavam os nove níveis do inframundo. Aquele que chegasse ao nono, o Chignahuamictlan, poderia descansar em paz. (ZARAUZ LÓPEZ, 2004, p. 50).

Assim como no mundo dos mortos grego, no asteca os animais atuavam como guardiões ou guias das almas. No inframundo grego o cão Cérbero, de três cabeças, era quem

²¹ E ainda que a morte dessas mulheres que se chamavam *mocihuaquetzque* provocava nas parteiras tristeza e pranto, os pais e parentes delas, entretanto, alegravam-se, porque diziam que elas não iam para o Inferno, e sim, para a Casa do Sol, e que o Sol, por elas serem valentes, as havia levado para si.

²² “tinha o cabelo crespo, os olhos em formato de estrela, adornos cónicos de papel na testa e na nuca, uma bandeira e uma estola de papel branco e adornos de orelhas redondos feitos com ossos humanos.”

cuidava para que as almas não tentassem fugir de lá. Já no asteca, o cachorro de cor marrom-avermelhada era o ajudante e guia das almas que auxiliava na difícil tarefa de atravessar um rio perigosíssimo. Esses cachorros eram gigantes, chamados *Xólotl*, e levavam uma espécie de amuleto de algodão pendurado no pescoço. Segundo Sahagún no *Códice florentino* (1988, p. 221): “y al pescuezo le ponían hilo floxo de algodón. Decían que los defunctos nadaban encima del perrillo cuando pasaban un río del infierno que se nombra Chicunahuapa”²³. O cachorro, que geralmente pertencia ao morto em vida, era morto e queimado no mesmo dia do funeral de seu dono para acompanhá-lo no mundo dos mortos. Somente os cachorros com as características descritas acima poderiam realizar o feito de atravessar as almas por esse rio. Segundo a crença dos astecas, os cachorros brancos eram vistos como puros e os negros, como impuros e não podiam entrar na água do rio. Dessa forma, o defunto padecia naquele lugar do inferno chamado Chicunamichtla, sem poder chegar ao último nível.

Muitos indígenas criavam cachorros dessa cor com o propósito de que quando morressem, pudessem ajudá-los na travessia do rio no inframundo. Entretanto, se alguém maltratasse o cachorro em vida, este se vingaria da pessoa recusando-se a realizar a travessia quando morto. De acordo com Sahagún (1988, p. 291), outro animal que vale a pena ressaltar, entre os muitos que representavam para os astecas sinônimo de mau agouro e eram relacionados com a morte, é a coruja, tida por eles como a mensageira do deus do inferno:

*Decían que aquél era el mensajero del dios Mictlantecuhtli, que iba y venía al Infierno. Por eso le llamaban yautequihua, que quiere decir mensajero del dios del Infierno y diosa del Infierno, que andaba llamar a los que mandaban.*²⁴

Um quarto lugar possível no mundo dos mortos, um lugar especial, era dedicado aos bebês (lactantes), chamado de Chichihuacuauhco, lugar dos pequeninos. Essas crianças mortas, consideradas como puras, eram alimentadas por uma árvore que em seus galhos possuía mamas e oferecia leite aos pequenos. Ali estariam até que pudessem regressar ao mundo dos vivos por meio da reencarnação.

No que diz respeito aos enterros e ritos funerários, podemos dizer que os mais velhos da comunidade, tidos como sábios (entre eles os sacerdotes), desempenhavam função

²³ “no pescoço colocavam-lhe um fio frouxo de algodão. Diziam que os defuntos nadavam em cima do cachorrinho quando cruzavam um dos rios do inferno denominado *Chicunahuapa*.”

²⁴ “Diziam que aquela era a mensageira do deus *Mictlantecuhtli*, que ia e vinha do Inferno. Por isso a chamavam *yautequihua*, que quer dizer mensageira do deus do Inferno e da deusa do Inferno, que andava a chamar àqueles a quem os deuses mandavam que chamasse.”

semelhante à dos padres no catolicismo. Quando alguém importante morria (senhores, guerreiros) eram eles quem realizavam as orações e consolavam a família do defunto com suas palavras, principalmente as esposas. Eram eles também que se encarregavam das cerimônias com o corpo, vestindo-o e enfeitando com papéis picados, unguindo-o com água sobre a cabeça. Os corpos eram ajeitados de forma que as pernas ficavam encolhidas. E assim, o corpo era atado para que não saísse da posição fetal (indicando o retorno ao ventre da mãe terra). Depois de unguídos, os corpos eram amortalhados e alguns pertences do defunto o acompanhavam. Os mais velhos eram responsáveis pela exumação e enterro dos ossos sendo essa cerimônia semelhante a uma missa. Enquanto uns enterravam o corpo, outros cantavam em honra ao morto (entoando hinos e orações). Além de alguns pertences (se era um senhor, entre os pertences figuravam muitas joias e plumagens ricas), papéis picados também eram postos para que o defunto os levasse pelos caminhos árduos pelos quais haveria de passar no inframundo e tinham a função de aliviar a pena dele. O mesmo tratamento era dado aos corpos femininos com algumas diferenças básicas: os pertences eram queimados assim como as vestes que usavam para que pudessem proteger-se do frio e dos ventos cortantes no mundo dos mortos. Entre os pertences figuravam objetos que a mulher usava em vida para tecer, cozinhar, etc. Após todo esse ritual de preparação do corpo, os corpos eram queimados pelos anciãos; e os restos mortais, cinzas e os ossos, juntamente com os carvões, eram unguídos com água antes de serem enterrados. Se o defunto era um guerreiro, Sahagún (1988, p.157) nos conta que uma bandeira era fincada na sepultura em sua honra, juntamente com seu escudo rodeado de flechas:

*A honra de los que habían muerto en la guerra tomaban una caña de maíz que tenía nueve nudos, y ponían en la punta della un papel como bandera, y otro largo que colgaba hasta abaxo. Al pie de la caña ponían la rodela de aquel muerto, arrimada con una saeta [...]*²⁵

Os rituais funerários, realizados tanto para nobres quanto para pobres, distinguiam-se no que se refere à qualidade dos produtos e objetos que iriam acompanhar o morto. Para os nobres, por exemplo, eram colocadas pedras preciosas. Para os pobres, por sua vez, pedras de menor valor. Essas pedras preciosas eram colocadas na boca do morto, a fim de que levasse

²⁵ “Em homenagem aos que haviam morrido na guerra pegavam um talo de pé de milho que possuía nove gomos e colocavam na ponta dele um papel representando uma bandeira, e outro comprido que chegava até o chão. Ao pé do talo colocavam o escudo do defunto escorado por uma flecha [...]”.

para o outro mundo o símbolo do seu coração – igualmente precioso. Um dos aposentos principais da casa do defunto era reservado para o enterro. Nele era enterrado um jarro ou panela com uma pedra verde chamada *chalchíhuítl* juntamente com os ossos do defunto. As oferendas eram realizadas no local onde a pessoa estava enterrada. Essas oferendas consistiam em: copos, panelas, vasilhas com alimentos, urnas funerárias, colares de contas de cristal ou outras pedras preciosas ou semipreciosas, serpentina, figuras de deuses e homens, títeres de barro, selos, maquetes de lugares sagrados, cenários da vida cotidiana, papéis, maço de gravetos, caules de plantas perfumadas, fibra frouxa de algodão, fibras coloridas, roupas femininas e masculinas, acessórios emplumados, e muitos objetos dos mais variados para que a viagem ao inframundo fosse suportável. (IGLESIAS Y CABRERA, 2008, p. 44). Além disso, uma figura fundamental do mundo dos mortos, o deus Mictlantecuhtli, não poderia ser esquecido. Dessa forma, além daquilo que o morto fosse precisar, também eram feitas oferendas destinadas a esse deus, para que a alma do morto lhe entregasse e pudesse ter acesso ao nono e último nível do mundo dos mortos. Se o defunto fosse um nobre, o acompanhavam na morte vinte dos escravos e escravas que os serviram em vida, pois existia a crença de que eles também o serviriam no mundo dos mortos²⁶. Os mexicas acreditavam que as almas só conseguiriam ultrapassar os níveis do inframundo e obteriam o descanso eterno com a ajuda dos vivos. Essa ajuda era oferecida a eles, em geral, pelos familiares por meio de cerimônias fúnebres, nas quais eram feitas oferendas aos mortos durante os quatro anos de suas mortes.

Como vimos anteriormente, a sociedade asteca era repleta de deuses, possuindo um enorme panteão. Igualmente repletos eram os rituais dedicados a eles por meio de festas. A vida desse povo era orientada por um calendário ritual dividido em dezoito meses de vinte dias, sendo que os cinco dias que sobravam, eram considerados funestos, de mau agouro, assim como quem nascia nesses dias, era considerado como um desafortunado. Nas festas, que eram dezoito, seguindo os meses do calendário, o culto à morte ocupava um lugar de destaque, aparecendo muitas vezes, seja direta ou indiretamente. Foram cinco as principais festas astecas relacionadas com a morte e os mortos: uma dedicada às crianças mortas, outra aos adultos, uma a todos os defuntos falecidos após os quatro primeiros anos de falecimento, a festas dos *tamales*²⁷, dedicada também a todos os defuntos, e festas dedicadas a deuses

²⁶ Sahagún, op. cit., p. 219-222.

²⁷ Os *tamales* eram considerados alimentos sagrados e eram servidos nas festas, em cerimônias religiosas, oferecidos aos deuses e aos mortos.

específicos (da guerra, do fogo, sol, etc.) nas quais os mortos recebiam alguma espécie de homenagem e eram recordados.

Uma das festas, ademais de ser realizada em honra ao Deus da Guerra, também era dedicada às crianças mortas – *muertecitos*, consideradas como inocentes. Nessa festa, mês em que as flores eram abundantes, elas figuravam como oferenda ao deus Huitzilopochtli. Os ministros das províncias vestiam-se com mantas negras e nos templos cantavam-se canções fúnebres enquanto realizavam-se oferendas aos seus defuntos. Passado o período de vinte dias, era a vez dos mortos adultos serem rememorados. Para eles eram realizadas as mais diversas oferendas, de alimentos a vestimentas e objetos. Além disso, era um festejo praticado pelas famílias para honrar seus mortos.

Na Festa dos Defuntos, também dedicada ao Deus do Fogo, era realizado um tributo maior aos mortos, no qual as pessoas pintavam seus corpos de preto, sobretudo o rosto, e cantavam clamores e prantos em memória dos falecidos. Os sacerdotes vestiam-se com os seus trajes mais suntuosos para essa celebração, tida como muito solene e na qual também se sacrificavam muitos homens. Em outra comemoração aos defuntos eram realizados sacrifícios aos deuses e fabricados objetos para serem oferecidos a eles, como dardos e flechas de madeira. Segundo Sahagún (1988, p. 157):

*Al quinto día hacían unas saeticas pequeñas a honra de los difuntos [...] y poníanlas resina en las puntas, y en el cabo el caxquillo era de un palo. De por ahí ataban cuatro saeticas y cuatro teas con hilo de algodón floxo, y poníanlas sobre las sepulturas de los difuntos. También ponían juntamente un par de tamales dulces. Todo el día estaba esto en las sepulturas, y a la puesta del Sol encendían las teas, y allí se quemaban las teas y las saetas. El carbón y ceniza que della se hacía enterrábanlo sobre la sepultura del muerto.*²⁸

Os defuntos também eram representados em madeira. Segundo Zarauz López (1988, p. 60):

[...] se elaboraba una representación del finado en madera: le ponían papel azul en la nariz, plumas, un tocado de hierbas, pliegos de papel, comida y cacao mientras le

²⁸ No quinto dia confeccionavam umas flechinhas em homenagem aos defuntos [...] e colocavam resina nas suas pontas; o cabo era de madeira. Então, atavam quatro flechinhas e quatro tochas com fio frouxo de algodão e colocavam-nas sobre as sepulturas dos defuntos. Também colocavam junto dois *tamales* doces. Isto ficava sobre as sepulturas durante todo o dia e quando o sol se punha acendiam-se as tochas e ali eram queimadas juntamente com as flechas. O carvão e as cinzas resultantes dessa queima eram enterrados sobre a sepultura do morto.

*cantaban. La ceremonia se efectuaba durante los primeros años posteriores al fallecimiento de la persona.*²⁹

Na última festa, ao Deus do Fogo, no mês considerado como o da ressurreição, as pessoas deveriam comer *tamales* e ofertá-los tanto ao deus quanto aos seus mortos, colocando um em cima da sepultura de cada finado³⁰.

A respeito dos sacrifícios, das cerimônias e das homenagens aos mortos, Sahagún (1988, p. 87) nos relata que nas festas de sacrifícios em honra aos deuses aqueles que eram sacrificados geralmente eram os cativos de outras tribos. Para cada deus havia uma forma de sacrifício diferente seguindo toda uma simbologia. Havia também nessa sociedade a prática de velar os mortos (até mesmo antes de sua morte como era o caso daqueles que seriam sacrificados), a do enterramento ou exumação e de lembrar os finados, como vimos ao longo do trabalho. Na festa da Deusa do Sal, por exemplo, que ocorria no sétimo mês do calendário mexicano antigo, enfeitava-se uma mulher com as vestimentas dessa deusa de forma a representá-la:

*La noche antes de la fiesta velaban las mujeres con la misma que había de morir, y cantaban y danzaban toda la noche. Venida la mañana, aderezábanse todos los sátrapas y hacían un areito muy solemne, y todos los que estaban presentes en el areito tenían en la mano aquellas flores que se llaman cempoalxóchitli [...] Otras muchas ceremonias se hacia en esta fiesta [...]*³¹

A flor *cempoalxóchitli*, ou flor de morto, que estará presente na maioria das festas, é a flor laranja que hoje em dia é um dos símbolos da morte na celebração do Dia dos Mortos no México. Chevalier e Gheerbrant (2008, p. 438-439) apontam que para a civilização asteca, as flores eram muito mais do que simples ornamentos. Elas estavam relacionadas ao curso dos dias, do tempo, da vida, exprimindo “fases específicas das relações entre os deuses e os homens”. De acordo com os vinte dias que formavam o mês do calendário asteca, a flor era um dos signos que representavam os dias.

²⁹ “[...] elaborava-se uma representação do finado em madeira: colocava-se papel azul no seu nariz, penas, uma coroa de ervas, folhas de papel, comida e cacau enquanto cantavam para ele. A cerimônia era realizada durante os primeiros anos posteriores ao falecimento da pessoa.

³⁰ A descrição dessas festas pode ser encontrada nas obras de Iglesias y Cabrera (2008), Sahagún (1988) e Zarauz López (2004), constantes da bibliografia desta pesquisa.

³¹ Na noite anterior à festa as mulheres faziam uma vigília em companhia daquela que seria sacrificada. Cantavam e dançavam a noite toda. Chegada a manhã, todos os governadores se enfeitavam e faziam um baile solene. Todos os presentes nessa festa levavam nas mãos aquelas flores chamadas de *cempoalxóchitli* [...] Muitas outras cerimônias eram realizadas nessa festa [...].

Ainda de acordo com os relatos de Sahagún (1988, p. 93), o décimo terceiro mês era dedicado à festa em honra aos montes, que eles consideravam também como divindades. Essa festa corresponde ao mês de setembro do nosso calendário atual, quando começam no México os preparativos para o Dia dos Mortos. Nela os antigos mexicanos homenageavam os defuntos, mas não a todos eles, só a uma classe determinada considerada como valente, divinizada e privilegiada pelos deuses:

Hacían también estas imágenes en memoria de aquellos que se habían ahogado en el agua o habían muerto de tal muerte que no los quemaban, sino que los enterraban [...] Después que con muchas ceremonias habían puesto en sus altares a las imágenes dichas, ofrecíanles también tamales y otras comidas, y también los decían cantares de sus loores y bebían vino por su honra.³²

Essas imagens às quais o autor se refere são pedaços grossos de madeira, pau ou raízes de árvores. Esses pedaços de madeira eram cobertos com uma espécie de massa até que formassem a imagem de um monte. As homenagens aos mortos seguiam na próxima festa, a décima quarta, que ocorria em fins do mês de outubro e começo de novembro pelo nosso calendário. Nela as pessoas se sangravam em forma de penitência e confeccionavam flechas e dardos para a guerra. Passado o período de penitência que durava quatro dias, os mortos recebiam como oferenda um maço de flechas de madeira e *tamales*.

Sahagún (1988, p. 155) nos relata alguns tipos de oferendas entregues aos mortos e a questão da posição social, pois ricos e pobres não realizavam o mesmo tipo de oferenda. As pessoas de classe baixa costumavam ofertar mais comida que outros objetos:

Y luego, en amaneciendo, ponían estas imágenes en sus oratorios, sobre unos lechos de espadaña o de juncias o juncos. Habiéndolos puesto allí, luego los ofrecían comida, tamales y mazamorra, o cazuela hecha de gallina o de carne de perro. Y luego los incensaban echando encienso en una mano de barro cocido, como cuchara grande llena de brasas. Y a esta ceremonia llamaban colonóhuac. Y los ricos cantaban y bebían pulque a honra destes dioses y de sus defuntos. Los pobres no hacían más de ofrecerlos comida, como se dixo.³³

³² Faziam também estas imagens em memória daqueles que morreram afogados ou por algum motivo que os levavam a serem enterrados e não, queimados. [...] Depois de muitas cerimônias e com as imagens colocadas em seus respectivos altares, também eram oferecidos aos mortos *tamales* e outras comidas, cantos e louvores e bebia-se vinho em sua honra.

³³ Assim que amanhecia, colocavam estas imagens em seus oratórios sobre uns leitos de junco. Uma vez colocados ali ofereciam-lhes comida, *tamales*, mingau de milho ou bolachas, ou um ensopado de galinha ou carne de cachorro. E em seguida, incensavam tudo com uma colher de barro cozido cheia de brasa. Esta cerimônia era chamada de *colonóhuac*. Os ricos cantavam e bebiam *pulque* em homenagem a esses deuses e seus defuntos. Já os pobres, apenas lhes ofereciam comida, como já foi dito.

Nessas festas os cativos que seriam oferecidos aos deuses em sacrifício eram enfeitados com papéis picados. Os papéis, muitas vezes coloridos, assim como os perfumes, flores, comidas, pedras preciosas e plumagens ricas, eram considerados como um tipo de oferenda aos deuses.

Em muitas das inumeráveis festas que se faziam em honra dos deuses, Sahagún nos fala que os antigos mexicanos utilizavam papéis tingidos de várias cores (brancos, azuis, pretos, amarelos) como adereços, ornamentos na pele em algumas oferendas, cobrindo-as. O corpo dos mortos também era coberto com papéis coloridos. Também diz que esses nativos faziam vigílias e velavam aqueles que seriam mortos em sacrifícios e, quando estes eram levados aos templos para as cerimônias de morte, eram acompanhados por várias pessoas em forma de procissão. A vigília era sempre feita durante toda a noite.

No que diz respeito à oferenda de papéis coloridos picados, Chevalier e Gheerbrant (2008) falam sobre a simbologia das cores no seu *Dicionário de símbolos*. A cor amarela para os astecas está profundamente ligada aos deuses, ou mais especificamente, representa o poder dos deuses. O deus Huitzilopochtli, “o Guerreiro vitorioso, Deus do Sol e do Meio-Dia, é pintado de azul e amarelo” (p. 40), por exemplo. Sendo o amarelo, então, a cor dos deuses, a luz que emana dela permite uma comunicação entre homens e deuses. Na sua relação com a morte, a cor amarela também representa a pele da terra e a coloração da nossa pele com a chegada da morte: “Na cosmologia mexicana, o amarelo-ouro é a cor da pele nova da terra, no início da estação das chuvas, antes que se faça verde de novo. Está, então, associada ao mistério da Renovação” (p. 40). A divindade das chuvas primaveris, considerada também como deus dos ourives, Xipe Totec, era venerada nas festas da primavera. A cor amarela se fazia presente nas vestes dos sacerdotes. Estes, “se revestiam das peles das vítimas, suplicadas para aplacar essa divindade temível. Tais peles eram pintadas de amarelo [...]” (p. 40). A cor azul é classificada pelos autores como a mais profunda, imaterial, fria e pura (com exceção do branco neutro) das cores. Profunda porque pode ser observada sem nenhum obstáculo; imaterial porque apresenta o efeito da transparência; fria e pura por apresentar neutralidade, indiferença, tranquilidade: “Impávido, indiferente, não estando em nenhum outro lugar a não ser em si mesmo, **o azul não é deste mundo**; sugere uma ideia de eternidade tranquila e altaneira, que é sobre-humana – ou inumana.” (p. 107, grifo nosso). A cor azul, assim como a branca, consideradas como cores marianas, isto é, divinas, “exprimem

o desaparego aos valores deste mundo e o arremesso da alma liberada em direção a Deus [...]” (p. 108). Para os astecas, a cor era representada tanto positiva quanto negativamente:

Essa cor azul-celeste é, no pensamento dos astecas, o azul-turquesa, a cor do Sol, por eles denominado Príncipe de Turquesa (Chalchihuitl); era um sinal de incêndio, de sequeidão, de fome, de morte. Mas Chalchihuitl é também essa pedra verde-azulada, a turquesa, que ornava a vestimenta da deusa da renovação. Quando morria um príncipe asteca, antes de incinerá-lo substituía-se seu coração por uma dessas pedras [...]. (p. 109).

O branco, assim como o preto, está associado ao rito de passagem, simbolizando tanto a morte como o renascimento: é luz, alvorada, é energia; é ausência, frio, vazio, é silêncio. Segundo os autores (p. 142-143), o branco, primitivamente, era a cor da morte, do luto, e por isso, as aparições de outro mundo, assim como as almas, são representadas nessa cor. No pensamento religioso asteca, a cor branca, assim como a amarela, estava relacionada com o Sol e com os deuses de um modo geral. O branco representava o invisível, a entrada em um mundo desconhecido, localizado no Oeste, onde o Sol se punha. Os guerreiros oferecidos em sacrifício ao deus Sol apresentavam vestes e calçados brancos, assim como adornos. Os deuses do panteão asteca também eram representados com ornamentos brancos, pois todo sacrifício direcionado a eles representava renascimento:

Nesse sentido, o Oeste é branco para os astecas, cujo pensamento religioso, como se sabe, considerava que a vida humana e a coerência do mundo estavam inteiramente condicionadas ao percurso solar. O Oeste, por onde desaparece o astro do dia, era denominado *a casa da bruma*, representava a morte, i.e., **a entrada no invisível**. (grifo dos autores).

A cor preta, por sua vez, é frequentemente representada sob o prisma negativo, estando associada à ausência de toda luz, à obscuridade, à impureza, à melancolia, ao pessimismo, à aflição e angústia, à infelicidade, ao luto e à morte, mas à morte sem esperança de renascimento. Tanto o é que está presente nas vestimentas ltuosas e na representação de seres diabólicos para o cristianismo (que não crê na reencarnação). Em muitas culturas, também é associada ao inferno, ao mundo subterrâneo, como é para os astecas: “Conforme os povos localizem seu inferno e o mundo subterrâneo no Norte o no Sul, uma ou outra dessas direções é considerada preta. Assim, o Norte é preto para os astecas [...]” (p. 740).

CAPÍTULO 3

LA CALACA FLACA

Oscar Chávez

*Mucho cuidado señores, porque la muerte anda lista
En el panteón de dolores ya nos tiene una pocita
Para los compocitores y uno que otro periodista
Licenciados y doctores todos están en su lista*

*Tukutuku tikitaka, que recanija calaca
Cunado menos lo pensamos, nos hace estirar la pata
Yo mele escape una vez, pero por poco y me atrapa [...]*

O DIA DOS MORTOS MEXICANO NA ATUALIDADE

Um dos grandes escritores mexicanos, consagrado internacionalmente, o pensador e poeta Octavio Paz (1976, p. 45-61) analisa em sua obra o perfil do povo mexicano do ponto de vista histórico (no que diz respeito principalmente à colonização do país) e psicológico. Ele tece explicações para as diversas expressões e atitudes desse povo: do que é ser um mexicano e o que o diferencia das demais nacionalidades, o chamado conceito de mexicanidade. Um dos capítulos dessa obra, mais precisamente o terceiro capítulo, “Todos os Santos, Dia de Finados” é dedicado às festas populares e a essa celebração realizada entre os dias um e dois de novembro. Ele nos oferece a descrição/explicação tanto de seu significado para o mexicano, como da maneira como ela é celebrada por eles. Segundo ele, o Dia de Finados é comemorado com muita alegria e burlas à morte. Para Paz, o motivo de tanta alegria provém do fato de as festas serem como uma espécie de válvula de escape para aqueles que têm tantos problemas e que, de um modo geral, fazem parte de um povo pobre e solitário:

O solitário mexicano ama os feriados e as festas públicas. Tudo é ocasião para reunir-se. Qualquer pretexto é bom para interromper a marcha do tempo e celebrar, com festejos e cerimônias, homens e acontecimentos. Somos um povo ritual. (p. 45).

Em suma, as festas populares no México configuram-se como uma forma de diversão para o povo. Elas são sempre muito coloridas, com muita música, dança, vestimentas e comidas exóticas:

A arte da festa, aviltada em quase todos os lugares, conserva-se intacta entre nós. Em poucas regiões do mundo é possível viver um espetáculo parecido com o das grandes festas religiosas do México, com suas cores violentas, ácidas e puras, suas danças, suas cerimônias, seus fogos de artifício, suas vestimentas insólitas e sua inesgotável cascata de surpresas, feitas de frutas, doces e objetos, que são vendidos nesses dias, nas praças e nos mercados. (p. 45).

Entre essas maneiras de celebrar e alimentos característicos, Paz (1976) nos destaca as caveiras de açúcar, pães que representam ossos humanos e burlas à morte que se realizam no Dia dos Mortos:

Caveiras de açúcar ou de papel de seda, esqueletos coloridos de fogos de artifício, nossas representações populares são sempre zombaria da vida, afirmação da ninharia e insignificância da humana existência. Enfeitamos nossas casas com caveiras; no dia de Finados, comemos pães que imitam ossos e nos divertimos com canções e anedotas em que a morte pelada ri [...]. (p. 55-56).

Em meio a essa atmosfera de festa que Paz descreve, também aparece a crítica à sociedade, à pobreza do país; à violência e ao problema do alcoolismo, que para ele acentuam-se ainda mais nos períodos de festas. Também critica a tristeza e a solidão das pessoas, fruto da extrema condição de pobreza e que culminam, para ele, no desapego atual à vida:

Em suma, se na festa, na bebedeira ou na confidência, nos abrimos, fazemo-lo com tal violência que nos dilaceramos e acabamos por nos anular. E diante da morte, como diante da vida, damos de ombros e oferecemos um silêncio ou um sorriso desdenhoso. A festa e o crime passional ou gratuito revelam que o equilíbrio de que nos gabamos é apenas uma máscara, sempre em perigo de ser estraçalhada por uma súbita explosão da nossa intimidade. (p. 60).

Paz termina por dizer que a celebração do Dia dos Mortos bem como o culto à própria morte no México vem perdendo suas raízes e significados e não passa de uma festa a mais na qual o povo possa divertir-se, beber, pular e cantar, ainda que considere como positivo o fato de que é por meio dessas mesmas festas que o povo pobre e triste, nas palavras dele, tem a oportunidade de reunir-se com seus semelhantes e compartilhar momentos que dão sentido a sua vida religiosa e política:

Assim, pois, nossas relações com a morte são íntimas – mais íntimas, talvez, que as de qualquer outro povo –, mas despidas de significação e desprovidas de erotismo. A morte mexicana é estéril, não engendra, como a dos astecas e a dos cristãos. (p. 56).

Outros autores descrevem a celebração de maneira menos incrédula, como uma verdadeira manifestação da identidade cultural mexicana, fruto de um sincretismo religioso. Identidade essa que de acordo com alguns estudiosos está ameaçada por invasões exteriores, como, por exemplo, a do Halloween norte-americano. Ricardo Flores Cuevas, historiador mexicano, em seu artigo dedicado ao Día de Muertos,³⁴ não acredita que a presença de

³⁴ Artigo disponível em: <<http://www.mixquic.com.mx/contenido/muertos.html>>. Acesso em 24 jan. 2012.

elementos do Halloween, tão criticada por alguns autores, represente uma invasão cultural ou a morte da tradição. Para ele não passa apenas de um dos possíveis reflexos do mundo globalizado que traz para a cultura mexicana apenas a incorporação de alguns objetos que não interferem na essência da celebração, como a figura da abóbora laranja e o feito das crianças pedirem suas *calaveritas*, isto é, ajuda em dinheiro. No que diz respeito à manifestação da mexicanidade, segundo Brandes (2000), são três as principais características que definem a singularidade da celebração mexicana do Dia dos Mortos: primeiramente, o próprio nome “Dia dos Mortos”, já que a Igreja Católica a nomeia como “Dia dos Fiéis Defuntos”; em segundo lugar, a enorme variedade e quantidade de pães, doces e alimentos presentes nesse período, e por último, o humor e o estado de júbilo que permeiam toda a festividade.

A evolução do culto aos mortos mexicano surge das raízes indígenas pré-hispânicas, em especial as dos povos astecas³⁵, das raízes espanholas, partindo da visão europeia, medieval e católica de conceber o mundo. Desse choque entre culturas, culturas essas que se enfrentaram, passaram por adaptações, assimilações e fusões, resultou uma nova nação, a nação mexicana, com religião, cosmovisão, filosofia, idiomas e raças miscigenadas. Enfim, um novo lugar com uma nova mentalidade. A maneira atual de celebrar os mortos no México insere-se nesse panorama de imposição cultural, adaptação e assimilação da tradição católica e resistência da tradição indígena. Segundo Zarauz López (2004, p. 107), o que se vê hoje no México não é nem uma celebração indígena pura, tampouco a tradição católica ortodoxa:

*[...] éste no fue un proceso completo, homogéneo, perfecto, ni mucho menos, pues la conquista espiritual generó de entrada una resistencia, y posteriormente una adaptación tanto de los indígenas como de los sacerdotes católicos a las nuevas formas de culto. En realidad, se creó una interpretación sui generis del catolicismo por parte de los indios y una manera de profesar “nueva” por parte de los sacerdotes españoles.*³⁶

Ainda segundo Zarauz López (2004), os padres, sobretudo os franciscanos, que vieram evangelizar os indígenas, se valeram da combinação de ritos pagãos com cerimônias católicas, isto é, de algumas identificações entre as religiões indígenas e a católica, como por exemplo, a

³⁵ Quando chegaram os espanhóis, os astecas eram os que estavam no poder, entretanto, não podemos esquecer que haviam muitos outros povos indígenas como olmecas, maias, toltecas, púrepechas, entre outros, dos quais também deriva a atual forma de celebração do Dia dos Mortos espalhada por diferentes partes do país.

³⁶ [...] este não foi um processo completo, homogêneo, perfeito, nem menos que isso, pois a conquista espiritual gerou de imediato uma resistência, e posteriormente, uma adaptação tanto dos indígenas quanto dos sacerdotes católicos às novas formas de culto. Na realidade, foi criada uma interpretação *sui generis* do catolicismo pelos índios e uma ‘nova’ maneira de professar por parte dos sacerdotes espanhóis.

presença de deuses no panteão asteca, que eles associaram aos santos; algumas cerimônias como o batismo e o culto aos mortos, a ideia de Paraíso, entre outras, para propagar a religião cristã de forma mais natural.

Desse longo processo de fusão cultural resultou uma forma de cultuar os mortos característica do povo mexicano e que Zarauz López (2004, p. 149) descreve como:

*[...] una celebración llena de misticismo y memoria, formándose un nuevo carácter lúdico y festivo cuyas expresiones llenas de colores, sabores, texturas, manifiestas en la comida, artesanías, flores y ritos que, después de siglos, seguimos haciendo hoy en día los mexicanos.*³⁷

Para o autor, essa celebração é uma das grandes manifestações da identidade cultural mexicana que conforma a memória e a tradição desse povo. Manifestação essa que abarca vários âmbitos da vida do mexicano, estando presente na sua comida, bebida, nas artes, na literatura, na política, na economia.

Sendo a festa um fato social, político e histórico, o momento e o espaço da celebração são produtores de discursos, significados e o compartilhamento de experiências coletivas. A festa faz parte das civilizações e acompanha gerações. Ela subverte o tempo cotidiano, substituindo-o por um momento alegórico, transportando-o para o campo do simbólico. Festejar também significa aprender, pois se aprende com os momentos de brincadeiras e de experiências com a memória coletiva, com o retorno às vivências do passado. O ato de comemorar propicia aos povos o resgate para um tempo presente de alguns eventos e acontecimentos que estão guardados na memória, de modo que ela possa ser refeita de maneira constante e coletiva. (ITANI, 2003).

A questão da brincadeira, da burla em relação à morte é retratada por Esparza (1996, p. 106). Segundo ele, brincar com figuras de caveiras sejam elas comestíveis ou para presentear alguém é uma grande diversão e tradição no México:

La figura de “la calaca”, casi siempre graciosa, se plasma en actitudes jocosas, en gran jolgorio, con una gran carga de humorismo místico; un ejemplo de ello son las

³⁷ [...] uma celebração cheia de misticismo e memória, resultando em um novo caráter lúdico e festivo cujas expressões repletas de cores, sabores, texturas, presentes na comida, no artesanato, flores e ritos que depois de séculos, nós mexicanos, continuamos realizando.

*calaveras de azúcar con el nombre del amigo, del compadre, de los familiares. Es un regalo tradicional, símbolo de amistad y de cariño.*³⁸

Outra manifestação humorística no Dia dos Mortos mexicano são as chamadas *calaveras*. Presentes na literatura popular são versos cômicos à maneira de epitáfios dedicados a parentes e amigos ou também podem ser dedicados a personagens políticos como forma de crítica. De acordo com Esparza (1996, p. 106):

*Una manifestación más de esta jocosidad con que se intenta ver a la muerte son los versos conocidos popularmente como “calaveras” que aparecieron por primera vez a finales del siglo XIX en diversas publicaciones y aun en hojas sueltas. Los personajes políticos y otras figuras prominentes son la (sic) víctimas favoritas de este juego.*³⁹

Tão representativa como é, e apresentando-se como uma marca indelével da memória e identidade do povo mexicano, no ano de 2003, *La festividad indígena dedicada a los muertos*⁴⁰ no México foi reconhecida como Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). A festividade foi reconhecida pelo seu forte valor artístico, histórico, antropológico e, sobretudo, por sua importância para a identidade cultural do país bem como a dos grupos indígenas que a criaram. Ela foi considerada como uma obra-prima da humanidade não só pelo seu caráter indígena e popular como por apresentar uma rica demonstração do que é o México pela sua gastronomia, rituais e expressões artísticas. Assim consagrada, como patrimônio da humanidade, fica ao México a tarefa de promovê-la, preservá-la, difundi-la e fortalecê-la como tal. A festividade dedicada aos mortos no México tem sua maior expressão entre os povos indígenas localizados na região centro-sul do país, sendo ela um costume profundo e dinâmico para esses povos. Profundo porque veneram os seus antepassados, e dinâmico, porque passou e ainda passa por uma série de transformações ao longo da vida em

³⁸ A figura da “caveira”, quase sempre graciosa é caracterizada por atitudes jocosas, em grande folia, com uma imensa carga de humorismo místico. Um exemplo disso são as caveiras de açúcar com o nome do amigo, do compadre, dos familiares. É um presente tradicional, símbolo de amizade e carinho.

³⁹ Uma manifestação a mais desta jocosidade com a qual tenta-se enxergar a morte são os versos conhecidos popularmente como caveiras, que apareceram pela primeira vez a finais do século XIX em diversas publicações ainda em folhetins. Os personagens políticos e outras figuras proeminentes são as vítimas favoritas dessa brincadeira.

⁴⁰ CONSEJO NACIONAL PARA LA CULTURA Y LAS ARTES – CONACULTA. *La Festividad Indígena Dedicada a los Muertos en México. Obra maestra del patrimonio oral e intangible de la humanidad*. Unesco. México, 2003.

sociedade. Também é a base da vida em comunidade para esses grupos. Entre eles destacam-se os da região maia, *nahua*, zapoteca e mixteca, nas quais a festividade tem tanto importância cerimonial como festiva. Representa aquilo em que acreditam esses grupos (cosmovisão) e influencia na vida em comunidade. Isso porque não é somente um momento de encontro com os antepassados, mas de encontro entre os vivos, entre grupos, famílias, povoados e comunidades que compartilham momentos de festejos, de práticas e crenças. O México conta atualmente com mais de 60 grupos indígenas e cada grupo tem sua forma peculiar de venerar os seus mortos, seja de forma festiva, em comunidade ou de forma mais familiar, com rituais domésticos. De acordo com o *Programa Nacional para el Desarrollo de los Pueblos Indígenas 2001-2006*⁴¹, foi oficializada a existência de 62 grupos indígenas que atualmente vivem no México. Entretanto, apenas 41 grupos étnicos celebram a festividade indígena dedicada aos mortos, a saber: os *amuzgos*, *atzincas*, *cuicatecos*, chatinos, *chichimeca-jonaz*, *chinantecos*, *chocho-popolocas*, choles, *chontales de Oaxaca e Tabasco*, *huastecos o teneek*, *huaves*, *huicholes*, *ixcatecos*, *ixiles*, *jacaltecos*, *lacandones*, *matlatzincas*, *mayas*, *mayos*, *mazahuas*, *mazatecos*, *mixes*, mixtecos, *motozintlecos*, *nahuas*, *pames*, *popolucas*, *purépechas*, *tepehuas*, *tepehuanos*, *tlapanecos*, *tojolabales*, *totonacas*, *triquis*, *tzeltales*, *tzotziles*, *yaquis*, *zapotecos* e zoques. O artístico está presente nas formas de celebração: na arquitetura simbólica dos altares, nos arcos de flores, nas oferendas, na culinária cerimonial, na preparação dos espaços rituais, na dança, na música, nas orações e rezas. A festividade indígena dedicada aos mortos no México é considerada como uma das expressões culturais mais antigas do mundo e de grande representação e importância para os grupos indígenas que habitam o México hoje. As celebrações tradicionais do Dia dos Mortos no México são de forte expressão na região centro-sul do país, como vimos anteriormente, apresentando-se em áreas específicas de 20 estados dos 31 que compõem o México, além do Distrito Federal: Campeche, Chiapas, Durango, Estado do México, Guanajuato, Guerrero, Jalisco, Michoacán, Morelos, Nayarit, Oaxaca, Puebla, Querétaro, Quintana Roo, San Luis Potosí, Tabasco, Tlaxcala, Veracruz, Yucatán e Zacatecas. A festividade está associada, em muitas comunidades, ao período de colheita de alimentos, principalmente o milho, o que nos remete à época pré-hispânica, em que havia um longo período de escassez e logo de abundância, quando se davam as festas de agradecimento pela colheita e a divisão, com os antepassados, dos alimentos colhidos, pois acreditava-se que eles haviam ajudado para que

⁴¹ Citado em CONACULTA, 2003.

houvesse boa colheita. Assim se crê nas regiões de Guerrero, Oaxaca e Chiapas, por exemplo. (CONACULTA, 2003).

Diante de tanta diversidade de grupos indígenas, sem esquecer-nos dos mestiços, não é possível dizer que no México a celebração do Dia dos Mortos é homogênea. Assim como a sociedade, que é pluriétnica e pluricultural, a celebração também o é, demonstrando sua heterogeneidade de acordo com as mais variadas manifestações culturais que aportam por parte de seus promotores, sejam os grupos indígenas ou os mestiços. Além desse fator, há também a questão do sincretismo que modificou as antigas práticas pré-hispânicas, dando uma nova cara à maneira de relembrar os defuntos. Entretanto, nas palavras de Iglesias y Cabrera (2008, p. 69-70), ainda que com uma gama das mais variadas formas de celebração, esta conta com algumas práticas consideradas comuns a todas as manifestações: ir ao cemitério, limpar e adornar as tumbas, dar as boas-vindas e despedidas às almas, a montagem do altar, a presença dos alimentos e bebidas como parte de oferendas, a vigília nos cemitérios, a celebração dos ofícios religiosos, assim como o partilhar dos alimentos ofertados com amigos e familiares. Sendo que todas essas práticas são realizadas entre os meses de outubro e novembro.

A celebração do Dia dos Mortos no México não deve ser encarada somente como uma grande festa com muitas cores e sabores na qual é possível divertir-se. Para o mexicano, principalmente aquele que segue as tradições indígenas, ela tem profundo significado espiritual e ritual que segue vivo até os dias de hoje, ainda que tenha passado por algumas adaptações e assimilações advindas da conquista europeia. O profundo significado espiritual e ritual ao qual nos referimos é bem mais presente e observado em regiões nas quais foram preservadas e revitalizadas as tradições indígenas dos ancestrais mexicanos. Como os indígenas entendiam que era primordial recordar os seus mortos e realizar oferendas a eles a fim de que eles pudessem alcançar o lugar de descanso no mundo dos mortos e ajudá-los no período de plantio e colheitas para que houvesse abundância de alimentos, entende-se a não prática dessas ações como uma falta de respeito para com eles. Falta de respeito essa que pode resultar em vinganças por parte dos mortos em relação aos vivos.

De acordo com Zarauz López (2004), entre os lugares de maior representatividade da celebração mexicana destacam-se as cidades de Mixquic, Pátzcuaro, Huasteca, Oaxaca, Chiapas, Guerrero e a Região Maia com o Festival Hanal Pixán. É curioso observar que os lugares destacados encontram-se na região Sul do México. Entretanto, o espanto é dissipado quando também se observa que a região é a mesma que apresenta o maior número de grupos

indígenas existentes no país. A autora Iglesias y Cabrera (2008) também aponta algumas regiões, na sua grande maioria localizadas na parte sul do México, com exceção da Baixa Califórnia, que está localizada no norte do país.

Um passeio pelo Mundo dos Mortos no Sul do México

O Dia dos Mortos no México, heterogêneo, como vimos, apresenta vários dias de celebração de acordo com quem o celebre. Segundo a obra de Iglesias y Cabrera (2008), cada região mexicana terá sua maneira e data particular de venerar os mortos. A autora traça um pequeno percurso apontando algumas dessas regiões, suas datas de celebração e alguns grupos indígenas aí presentes, como em Veracruz, Puebla, Oaxaca e Baixa Califórnia. Para esses grupos indígenas, a celebração está intimamente ligada com o calendário agrícola, já que é nos meses de colheita, representando a fartura diante da escassez de períodos anteriores. E não há data melhor para ofertar alimentos aos mortos que essa, na qual há abundância deles. De maneira geral, as datas mais recorrentes de celebração do Dia dos Mortos são 1º e 2 de novembro: no primeiro se cultuam as almas das crianças; no segundo, a dos adultos. Sobre Veracruz, ela nos fala acerca dos totonacas, que no dia de São Lucas, comemorado em 18 de outubro, rendem homenagens aos mortos que tiveram uma morte violenta (acidente, afogamento, assassinato), enquanto que às crianças e aos adultos, rendem homenagens nos dias 31 de outubro e 1º de novembro, respectivamente. Em contrapartida, seus conterrâneos de Papantla, assim como os Zihuateutle de Puebla, dedicam os dias 20 e 30 de outubro aos mortos que têm até um ano de falecimento. Já os mais velhos, que já morreram há mais de um ano são homenageados nos dias 1, 2 e 3 de novembro. Os *nahuas* de Zongolica, Veracruz, recebem as crianças, assim como as que não foram batizadas no dia 31 de outubro. No dia 1º de novembro, chegam as almas dos adultos mortos de morte natural e em seguida, nesse mesmo dia, as solitárias, as dos órfãos e criminosos. As almas solitárias são aquelas que não possuem familiares que rezem por elas. Os *nahuas* da região de Xoxocotla, Morelos, começam a comemorar nove dias antes de 2 de novembro, ou seja, 23 de outubro. Nesses dias, os sinos soam das 6 às 7 da noite para que todos se lembrem de começar os preparativos para receber os antepassados. Nesses nove dias, além do emblemático soar de sinos, são realizadas oferendas aos mortos, que consistem em dois copos com água, um ramalhete de flor de morto e um prato com ameixas, até que cheguem os festejos tradicionais do dia 2 de novembro. Os *otomís* começam a celebrar no dia 28 de outubro, que é dedicado àqueles que morreram de forma repentina. O dia 29 é dedicado aos afogados, o dia 30 às crianças sem batismo, o dia 31 aos que foram batizados, chamados de *angelitos* – anjinhos – e o dia 1º de novembro, finalmente aos adultos. Os mestiços tlaxcaltecas dedicam aos mortos os dias 29 de

outubro (àqueles que morreram sem serem batizados, aos afogados, e bebês que nem chegaram a nascer), 30 de outubro (àqueles que não são lembrados por ninguém, as almas solitárias), 31 de outubro (às crianças, os anjinhos) e por fim, o dia 2 de novembro (aos adultos). Entre os choles de Oaxaca, por sua vez, a celebração é bem extensa compreendendo o período de 25 de outubro a 5 de novembro, no qual todas as almas podem vir sem distinção. Já entre os mixtecas, as almas das crianças são recebidas no dia 31 de outubro, as dos adultos no dia 2 de novembro e as almas solitárias no dia 3 de novembro. Entre os *amuzgos*, é costume dedicar o dia 24 de outubro aos anjinhos, o dia 30 àqueles que morreram repentinamente, o dia 31 aos mortos de morte natural e o dia 1º de novembro, a Todos os Santos. Os pai-pai da Baixa Califórnia, assim como os choles, recebem as almas de uma única vez, com a diferença de ser somente em um dia, o dia 2 de novembro. Os *tzeltales* de Chiapas seguem o calendário maia e recebem os seus mortos no dia 15 de outubro, finalizando a celebração no dia 2 de novembro, segundo a tradição católica hispânica.

A herança dos astecas pode ser claramente observada na celebração dos grupos indígenas nas quais são dedicadas datas direcionadas a cada tipo de morto. Lembremos que os astecas possuíam um ritual distinto para cada tipo de morte, aliás, cada tipo era o que orientava o destino do corpo morto e o rumo que seria tomado no Mictlán, mundo dos mortos. Já o conceito de alma solitária – *anima sola*, é uma representação do pensamento cristão que foi incorporado com o estabelecimento do Dia de Finados no calendário litúrgico, que como vimos, consiste em missas e orações que intercedam por todos os mortos, inclusive por aqueles que não são lembrados por ninguém.

Atendo-nos unicamente aos estados localizados ao sul do México no que diz respeito à forma de celebração do Dia dos Mortos, de acordo com a obra de Zarauz López (2004), iniciamos nosso passeio pelo estado de Michoacán, mais precisamente pelos distintos povoados que rodeiam o lago de Pátzcuaro e a ilha de Janitzio. O significado do nome do lago nos leva a relacionar o lugar com a morte: o lugar que se tinge de negro, segundo a cultura *tarasca*, para a qual a cor negra estava relacionada com o funerário, com o lugar onde viviam os mortos. Segundo Zarauz López (2004), os *tarascos* acreditavam que o lago, assim como a cidade, eram a entrada ao reino dos mortos! Hoje em dia, vários ritos realizados na celebração do Dia dos Mortos devem suas origens a tais convicções. Pátzcuaro ainda conserva uma população indígena notável, sendo a etnia purépecha a que mais se destaca. Sua economia é predominantemente pesqueira e agrícola, além de contar com muitos comerciantes. Em razão da notável presença da população indígena, o povoado segue mantendo suas tradições. A

celebração do Dia dos Mortos inicia-se a fins de outubro, por volta do dia 28, encerrando-se no dia 2 de novembro. No dia 28 as almas do limbo, as pessoas que morreram vítimas de algum acidente ou aquelas que têm menos de um ano de falecimento, são recebidas. No dia 31 é preparada uma canastra com tudo o que será levado para o cemitério de Janitzio para ser oferecido em forma de oferenda: alimentos, bebidas, velas e flores. O dia 1º de novembro é dedicado às crianças, que recebem uma missa denominada “Vigília dos Anjinhos” nas igrejas. O dia 2, por sua vez, é dedicado às almas dos adultos, recebidas pelas badalas dos sinos das igrejas. Uma peculiaridade da região é o cruzamento do lago em canoas carregando velas e círios acesos e com redes estendidas, realizado pelos habitantes do povoado. Diz-se que a visão proporcionada pelo feito assemelha-se a lindas borboletas borboleteando no manto noturno. Os familiares depositam nas tumbas comidas e bebidas para alimentar os mortos; flores e velas para enfeitar o local e guiá-los. No dia 1º de novembro à meia noite os familiares se encaminham aos túmulos e depositam os alimentos e velas sobre uma toalha branca. As famílias realizam cantos, orações, comem, bebem, dançam e conversam com seus mortos. Em outro povoado da região, Jarácuaro, grupos de dançadores dançam em honra dos mortos na praça principal. Os alimentos depositados nas tumbas são retirados no dia 2 de novembro e são levados à igreja, onde são compartilhados por todos.

Nas regiões citadas se vê claramente a presença do sincretismo religioso cerimonial da celebração: Os rituais indígenas são completados pelos católicos. Em relação ao turismo, muito grande por causa das formas de celebração da região e da divulgação proposta pelo governo (baile, feiras de artesanato, concursos), por um lado beneficia tanto a região quanto os costumes; e por outro, de caráter mais negativo, esvazia o sentido da espiritualidade, que vai perdendo um pouco o significado ritual devido à comercialização da festividade.

O próximo destino reserva uma maneira muito peculiar de comemorar a festividade do Dia dos Mortos apegada às raízes indígenas, revivendo a cada ano a tradição. Esse lugar, chamado de Huasteca, está situado ao norte do estado de Veracruz. As celebrações iniciam-se no final de setembro, dia 29, que é o Dia de São Miguel, o patrono dos mortos. Acredita-se que nesse dia São Pedro abre as portas do Céu, dando permissão aos mortos para que eles saiam e possam receber, no dia de São Luas, 18 de outubro, a sua primeira oferenda. Os que primeiro recebem essa oferenda são aqueles que morreram vítimas de afogamento, de tiro ou de algum acidente. A oferenda consiste em *enchiladas*, frango, bebida, velas, incenso e *copal*, porque se acredita que são aquelas almas que mais penam pelo tipo de morte que tiveram as pessoas. Os dias subsequentes são dedicados aos preparativos para a celebração. A flor

cempasúchil, cultivada desde junho, é colhida no dia 31 de outubro denominado, assim, de “Dia da Flor” ou “Dia dos Arcos”. Os arcos são enfeitados com essas flores e flores brancas que são colocados diante da casa do defunto. Além das flores como adorno, os arcos contam com frutas (mexerica, laranja, lima, maçã) e pães com figuras humanas, também como enfeites. As frutas ficam penduradas no arco. Embaixo do arco confecciona-se um altar contendo papel de seda picado, chocolate, pão, aguardente, refrigerante, cerveja, cigarros, água (limpa para beber), velas e imagens religiosas. Esse dia 31 de outubro está dedicado às almas das crianças. Acredita-se que como são pequenos, não têm força suficiente para carregar velas grandes. Por esse motivo, as velas oferecidas são pequenas e finas. A comida para as crianças é diferente daquela oferecida aos adultos consistindo em caldo de frango, *tamales de ajonjolí*, feijão, chocolate, pão, suco ou refrigerante e frango sem pimenta. As almas das crianças são guiadas por um caminho de pétalas de flores (confeccionado também por crianças) e por palavras elaboradas de carinho da mãe que as invocam desde o altar. O caminho de pétalas é regado de água benta para purificá-lo. O dia 2 de novembro está reservado aos mortos adultos. As mulheres são as encarregadas da preparação dos alimentos: *tamales*, *mole de guajolote*, arroz, café, chocolate, *elotes*. A oferenda, ademais desses alimentos, constitui-se de velas, frutas, frango. Em frente ao altar é colocada uma penca de banana e quatro velas grandes. Do lado de fora da casa se arma uma cruz feita com pau e enfeitada com flores. Aquelas almas que não têm família que as recorde são agraciadas com uma oferenda de alimentos que é disposta ao lado da cruz. Nesse mesmo dia 2 as pessoas se dirigem aos cemitérios para limpá-los e enfeitá-los. Sobre os túmulos são colocadas as comidas, o *copal*, quatro velas acesas, tudo sobre uma toalha. Acredita-se que as almas necessitam de 20 minutos para consumir a essência e o aroma dos alimentos ofertados assim que, depois desse período de espera, tudo é dividido e consumido pelos familiares e amigos presentes. Os familiares permanecem nos cemitérios até a noite, quando se vê tudo iluminado pelas velas acesas e o som de trios *huapangueros*. Saindo dos cemitérios, as pessoas costumam visitar os seus compadres, comadres e padrinhos para oferecer-lhes parte da oferenda. Outras duas cerimônias realizadas nessa época são: a Dança dos Velhos, realizada entre 31 de outubro e 2 de novembro, e o Carnaval de Xantolo, até o dia 3 de novembro. Um dos requisitos para participar da Dança dos Velhos é que os participantes sejam homens e idosos. Quanto ao vestuário dos dançarinos, uns devem estar em farrapos, outros, vestidos elegantemente ou ainda, usando máscaras e bengalas. Essa dança representa o ciclo vital: nascimento-reprodução-morte. Uns acreditam que o nome da dança deve-se ao fato da

longevidade dos homens de Huasteca. No que diz respeito ao uso das Máscaras, essas serviam e servem para ludibriar a morte, impedindo-a de reconhecer os dançarinos e levá-los para o mundo dos mortos. Os personagens principais da dança, o Diabo, a Morte, uma mulher grávida e um vaqueiro dançam ao som de *huapangos*. Os vaqueiros são aqueles que quando fazem soar o chifre de touro, convidam as almas para participar do baile. A festividade ainda tem continuidade oito dias depois do baile. Como os mortos estão de partida, são preparados alimentos para serem dedicados a eles, em especial os *tamales*, e são levadas flores para o cemitério, principalmente para os que morreram de morte natural. Acredita-se que aqueles que morreram de forma trágica (afogados ou em acidentes) não se ausentam no mesmo dia das outras almas. Elas permanecem no mundo terreno até o dia 30 de novembro. No carnaval dedicado aos mortos toda a gente vai fantasiada com máscaras de velhos feitas de madeira, representando as almas dos mortos. Os participantes dançam ao som de grupos de violinistas, violões e *jarana*, interpretando *huapangos*, em direção ao altar de arcos que foi confeccionado e dedicado aos finados. Ali recolhem as oferendas deixadas. A celebração é concluída no dia 3 de novembro quando representantes de cada bairro, ao som dos *huapangos* dançam até chegar ao cemitério.

A próxima parada da viagem nos deixa na região maia, em especial na península de Yucatán. Nessa região os preparativos para a veneração dos defuntos iniciam-se bem cedo com a confecção de diferentes tipos de artesanato como velas, brinquedos para as crianças mortas, xícaras, vasos, pratos e incensários que comporão o altar. Ele é montado nas casas sobre uma mesa, que simboliza a terra. A toalha branca colocada sobre ela representa as nuvens. A cruz, a vida. Ademais, encontram-se imagens de santos católicos, que substituíram os deuses pré-hispânicos. A oferenda é colocada em xícaras, e compreende frutas, milho, amendoim, abóbora, um tipo de inhame, pimenta, folha de tabaco, mel e alguma bebida alcoólica, água e sal (ambos símbolos da vida). Além desses itens, também fazem parte da oferenda alguns objetos do defunto e flores amarelas e roxas. Para as almas das crianças, são colocadas velas brancas no altar e xícaras pequenas com chocolate, *atole*, *tamales*, doces de coco, mandioca, inhame e pão em forma de animais. Todas as comidas para os pequenos são preparadas sem pimenta. Ademais, são oferecidos brinquedos e se reza diante do altar. O *Hanal Pixán*, recepção das almas dos adultos, inicia-se no dia 1º de novembro, quando os homens do povoado, bem cedo, começam cavando o “forno de terra”, um grande buraco feito no chão onde são cozidos os grandes *tamales* que eles chamam de *mukbipollos*. São feitos de massa de milho, manteiga de porco e sal. Já o recheio é de carne de porco, frango ou galinha.

Eles são envoltos em folha de bananeira. Acredita-se que as almas permanecem no mundo terreno durante uma semana. Nesse período são realizados vários tipos de oferendas. O caráter religioso e místico da celebração continua vivo por meio do *Hanal Píxan* maia e do forte apego às tradições.

No estado de Puebla, em Huaquechula, povoado de origem *nahua*, o apego às tradições é aparente na maneira de venerar seus mortos, organizada em quatro festividades, das quais cada uma está dedicada a um tipo de morto, ou melhor dizendo, a um tipo de morte, como nos relatos de Sahagún a respeito dos mexicas. Os primeiros a serem recordados no dia 28 de outubro são os que morreram vítimas de algum acidente. Em seguida, no dia 31 são recepcionadas as almas das crianças. O dia 1º de novembro está reservado aos que morreram de morte natural ou vítimas de alguma doença, enquanto o dia 2 de novembro é dedicado à visita ao cemitério após a missa na paróquia. Trinta dias antes da celebração já se preparam as oferendas. Estas consistem em uma fotografia do morto, flores e velas. A chegada das almas é anunciada pelo badalar dos sinos nas igrejas. Nesse momento, são realizados alguns rituais como regar com água benta o caminho a ser percorrido pelas almas desde o cemitério até as suas casas. Além da água benta também são jogadas pétalas de flores e espalhado o cheiro do incenso. Segundo Zarauz López (2004, p. 166, tradução nossa):

A água benta é borrifada para que a alma reconheça o caminho de sua casa; as flores simbolizam o carinho da família e o incenso e o *copal* indicam que está sendo recebida uma alma que goza da graça de Deus. Já as velas, iluminam a trilha e o espírito chega sem contratempos a sua casa.

O povoado camponês de Santa Apolônia, perto a capital do estado de Tlaxcala, venera seus mortos de maneira semelhante às comunidades indígenas de Puebla. Os preparativos para a celebração são iniciados já no mês de junho com o plantio da flor de morto – *cempasúchil* –, que é colhida em agosto. Em relação à recepção das almas, assim como em Puebla, cada dia está dedicado a um tipo de morto. A recepção inicia-se no dia 28 de outubro quando chegam as almas dos que morreram sem receber o batismo, dos que morreram em algum acidente e dos que nasceram de parto cesáreo, ou seja, dos que não nasceram de forma natural e foram arrancados do ventre de suas mães. São dedicadas a elas flores roxas, vermelhas e azuis, sendo elas rosas, cravos e goivos. O dia 29 de outubro está reservado para aqueles que morreram afogados ou sem terem sido batizados. Para eles são dedicadas flores brancas, rosas e azuis. O dia 30 de outubro está dedicado às almas solitárias. O dia 31, como em Puebla, está

reservado às almas das crianças. Elas são recebidas com brinquedos, frutas e doces. Os túmulos são enfeitados com flores brancas, azuis e rosadas. É costume na região deixar abertas as janelas das casas para que as almas possam circular livremente, sem nenhum obstáculo. No dia 1º de novembro é a vez da chegada das almas dos adultos, que são recebidas com *tamales*, *moles*, pão e fruta, pão de morto ou pão das almas, doce de batata-doce e de abóbora no tacho, mel, alfenim, leite e água. À maneira dos astecas, terminada a celebração, a oferenda é compartilhada com os pobres. Essa oferenda, ademais dos alimentos citados, constitui-se de flores, imagens religiosas enfeitadas com papel de seda, velas e incenso. Para que as almas não se percam no caminho do cemitério até as suas casas, são espalhadas pétalas de rosas formando uma trilha ou se ilumina o caminho com lamparinas a óleo.

Entre os *otomís* do Estado do México, a celebração começa no dia 31 de outubro com a recepção das crianças que morreram prematuramente, sem batismo e se encontram no limbo. Os chamados “anjinhos” são as crianças que morreram batizadas e são recepcionadas no dia 1º de novembro, enquanto os adultos são recordados no dia 2 de novembro. Como em todas as regiões, é preparada uma oferenda com alimentos, bebidas, velas, incensos, *copal* e flores. As almas das crianças são recebidas com rojões para que encontrem o caminho de casa sem se perder. São disponibilizadas a elas vasilhas para que bebam água, *atole*, chocolate e comam pão, frutas, bolachas e doces. A oferenda dos adultos é mais completa, consistindo em *mole de guajolote*, *tamales*, pão, arroz, sopa, *gorditas* de milho, cigarros, *pulque* e aguardente. Os cemitérios são limpos e enfeitados com flores. Alguns louvores são cantados enquanto se queima o *copal*.

Segundo Zarauz López (2004, p. 168) é em Oaxaca que a celebração do Dia dos Mortos é vista com maior diversidade, heterogeneidade e colorido. Isso porque o estado conta com maior presença e diversidade de povoação indígena do México. De acordo com suas pesquisas, a forma de celebrar os mortos atualmente muito tem em comum com a maneira de celebrar dos indígenas pré-hispânicos. Assim como seus antepassados, para a celebração matam perus e preparam *tamales* para a confecção do altar a ser ofertado. Durante a noite as pessoas se reúnem diante do altar para realizar as orações aos deuses e aos mortos pedindo-lhes que os guardem e protejam. Antigamente era pedido a eles que favorecessem os vivos com saúde, boas colheitas e prosperidade. Não se podia levantar o olhar, de modo que quem o fizesse receberia o castigo dos deuses por desrespeito e ofensa a eles e aos mortos. Nos dias de hoje, a celebração oaxaquenha inicia-se no dia 31 de outubro com a chegada dos defuntos

pequenos. Para eles são oferecidas flores de morto, velas, *copal*, um arco de varas e o famoso pão de morto. As velas só são colocadas no momento da chegada dessas almas. Na noite de 1º de novembro um grupo de pelo menos quarenta pessoas se fantasia de morte, diabo, viúva, médico, padre, capataz, bruxa, coroinha e avós, de modo a dançar fazendo representações a fim de afugentar os mortos para que retornem ao seu mundo. Essas pessoas vão de casa em casa pedindo “o morto”, ou seja, prendas que consistem em comida e bebida. Ao sul do estado de Oaxaca e nos povoados de Tehuantepec e Juchitán são elaborados altares especiais pela etnia zapoteca. Esses altares são colocados sobre uma estrutura de nove níveis ou degraus feitos com gavetas. Eles simbolizam o retorno ao ventre da mãe terra, no que diz respeito aos nove meses para o nascimento, e à elevação da alma passados os nove dias que ela demora em espiritualizar-se. Uma particularidade dessa região consiste em adornar o cômodo da casa no qual se encontra o altar com cachos de banana e cana de açúcar. Os altares são enfeitados com as cores branca (representando a luz), preta e roxa (representando o luto). O arco formado com folhas de palma é enfeitado com mexericas e maçãs (que são penduradas no arco) e flores de defunto. Nos nove níveis que o altar apresenta acrescenta-se chocolate e licores (entre eles o *mezcal*), círios e velas, *tamales* de galinha, caveiras de açúcar, pães, frutas, a comida favorita do defunto e uma cerveja. As crianças mortas são recordadas com muita música e cânticos, pois acredita-se que a morte foi algo bom para elas, uma vez que não tiveram que passar pelos sofrimentos e dificuldades da vida. A oferenda zapoteca é composta por flores de morto, crista-de-galo, frutas como laranja, lima e cocos, pães e *tamales*, caveirinhas de açúcar, a cerveja e alguma comida ou bebida que era de preferência do defunto. Os jovens costumam visitar as casas do povoado e, cooperando com dinheiro, comem e bebem com as pessoas da casa, além de dançar canções tradicionais e dedicá-las aos falecidos. O jantar deles conta com *tamales* para comer e *mezcal*, cerveja e café para beber. Com as visitas ao cemitério levando círios e velas a celebração, que se inicia no dia 31 de outubro, é finalizada, realizando-se, ao mesmo tempo o ritual católico e o indígena. O culto aos mortos para os zapotecas é completado na Semana Santa, quando todos acodem aos cemitérios levando flores, círios e velas. Ademais, costuma-se oferecer doces, tais como o de abóbora, batata doce, entre outros. Os pescadores *huaves* do istmo oaxaqueño apresentam uma maneira peculiar de montar o seu altar, diferente das que vimos até agora. Eles desenvolvem uma espécie de conversa com seus mortos pedindo-lhes que protejam os vivos dos perigos da vida, das doenças. Posteriormente, o altar é elaborado. Ele conta com três níveis, sendo os dois superiores dedicados a Deus e o inferior, a todos os mortos, ou seja, não

é um altar direcionado a um familiar falecido senão aos mortos de um modo geral. O altar é montado sobre uma mesa na qual são colocados guardanapos, um vaso com manjeriço, uma panela, velas, flores e imagens religiosas de santos católicos. No dia 2 de novembro as mulheres vão aos cemitérios carregando flores e velas para enfeitar os túmulos. Ali realizam suas orações e cantos. No povoado de Ayutla, localizado ao noroeste do estado de Oaxaca e habitado pela etnia *mixe*, a manutenção da tradição ancestral se faz presente de forma bastante contundente, conservando a integração religiosa da comunidade. No final do mês de outubro as famílias já se encarregam de comprar nos mercados aqueles produtos que serão utilizados na preparação das oferendas aos mortos como flores de morto, crista-de-galo vermelha, velas e castiçais, frutas (maçã, goiaba), pão e bebidas. O altar é erguido em um dos cômodos da casa. Ele já tem de estar pronto no dia 31 de outubro com *tamales* de carne de vaca, peixe, texugo, camarão, flores, imagens e velas. Ademais, são colocadas figuras de açúcar e de pão representando flores e carinhas de anjos. O cômodo no qual está montado o altar deve ser perfumado com *copal*. No dia seguinte, as pessoas saem convidando compadres e amigos para que venham compartilhar a oferenda e recordar juntos os seus mortos. Por esses dias, os cemitérios e as igrejas contam com bandas musicais para receber os seus mortos em uma atmosfera alegre e harmônica.

Seguindo viagem nos deparamos com os índios zoques do estado de Chiapas. Eles associam o Dia dos Mortos ao período de colheita. Dessa forma, o Dia dos Mortos para eles significa o fim do ciclo agrícola. É o período em que são colhidos os melhores produtos. As pessoas aproveitam para pedir aos mortos que eles intercedam junto a Deus para que este abençoe a próxima colheita para que seja tão boa quanto a anterior. No dia 31 de outubro as pessoas sobem às montanhas para apanhar flores e plantas para a preparação dos altares, que também contam com copos com água, a comida e a bebida favorita do defunto, frutas da temporada, arcos de flores amarelas, pão doce, café e *tamalitos* (pequenos *tamales*). O lugar onde o altar será montado é previamente purificado. O altar conta ainda com pequenas figuras de Santo Antônio, colocadas após a purificação do ambiente. Em Chiapa de Corzo, povoado de índios e mestiços que se dedicam à agricultura, ao artesanato e ao comércio, o altar é montado em três níveis, contendo flor de morto, alguma foto do falecido, imagens de santos de devoção da família e do defunto. Na madrugada do dia 2 de novembro todos do povoado se dirigem ao cemitério para despedir-se de seus entes queridos falecidos. Ali queimam incensos e há música e dança. No dia seguinte, ao meio dia, as almas devem regressar ao reino dos mortos. Essa partida é anunciada pelo badalar dos sinos.

No povoado camponês de Teloloapan, de comunidade *náhuatl*, no estado de Guerrero, a tradição é mantida viva com seus altares e oferendas para os mortos. Se morre uma criança, a despedida para essa alma conta com música de violino e violão a fim de alegrar as almas dos pequeninos. A chegada dessas almas, como na maioria dos lugares destacados, é no dia 31 de outubro e para elas são oferecidos pães em forma de animais, doces, frutas, *atole*, chocolate e brinquedos feitos de barro. Os altares são compostos por toalhas brancas bordadas especialmente para essa ocasião, santos de devoção da família e do falecido são colocados ao centro da mesa juntamente com flores e velas. Essas últimas também são colocadas à entrada da casa para indicar o caminho para as almas que chegarão. Posteriormente, as oferendas são levadas ao cemitério por ocasião da despedida às almas e ali os alimentos são intercambiados entre amigos e parentes.

Na Cidade do México, no Distrito Federal, anualmente são realizadas oferendas públicas em empresas, escolas, universidades, estabelecimentos comerciais e museus – entre os mais destacados, o de Antropologia e o de Culturas Populares, cuja intenção é resgatar aspectos históricos da cultura pré-hispânica e preservar a tradição e a arte popular. Também há diversas conferências, palestras sobre o tema da morte, recitais de poesias, exposições e mostras de arte popular, bailes, concursos de fantasias, de altares e de *calaveritas*, além de ciclos cinematográficos. No Zócalo, no centro da cidade, por exemplo, esses eventos são comuns somados a apresentações de dança de grupos indígenas e a um *show*, realizado a cada ano pelo governo, que consiste na montagem de um palco para as apresentações de artistas e um grande túnel como sua extensão representando um forno – forno este onde é assado o pão de morto. Dentro desse túnel as pessoas podem contemplar exposições relacionadas com o tema e deliciar-se com as guloseimas típicas vendidas (caveiras de chocolate e açúcar, doce de abóbora, pão de morto, etc.). Entretanto, no ano de 2011, a “megaoferenda”, como é chamada pelos habitantes locais, foi substituída por uma oferenda de esculturas que tinham como tema os monstros, seres que habitam o mundo dos mortos. O órgão responsável pela criação e exposição dessas criaturas, os *alebrijes*, foi o Museu de Culturas Populares. Uma das esculturas levava o nome de *Viene del Mictlán* – aquele que vem do mundo dos mortos. Era representado por cores vivas e na cabeça sustentava crânios humanos. Possuía dentes bastante afiados representando uma das feras devoradoras do Mictlán.⁴² Durante a noite dos dias 28 e 29 de outubro, à entrada do metrô do Zócalo, um grupo grande de pessoas vestidas com trajes

⁴² Ver APÊNDICE A: DIA DOS MORTOS NO MÉXICO

indígenas e instrumentos típicos realizavam um baile à maneira dos astecas. As palavras proferidas nos cantos eram em língua indígena e o espaço era perfumado com incenso e *copal* por alguns dos participantes, conferindo ao ambiente uma atmosfera mística.

Cada parte do México tem sua forma particular de realizar oferendas e recordar os seus mortos, assim os elementos comuns também dão lugar aos diferentes. É importante perceber que semelhante é a vontade das pessoas de receber as almas em um ambiente harmônico, onde reinam a espiritualidade, a lembrança e a comunhão acima de tudo; mas a maneira de conduzir a cerimônia varia de lugar para lugar, de acordo com a crença de cada um e dos elementos de que se dispõe para realizá-la. A realidade econômica também determinará o que e como será oferecido algo aos mortos. Contudo, seja a oferenda simples ou luxuosa, o importante é recordar os antepassados e compartilhar o presente para garantir o futuro.

CAPÍTULO 4

BIENVENIDA A LAS ALMAS DE LOS ADULTOS

Refrão popular

*Entren, ánimas benditas. Pasen papá, mamá,
tíos, tías, abuelitos, abuelitas. Dispensen lo
poco que les ofrecemos, pero es de corazón.
Aquí está su casa, aquí están sus cosas. Beban
su pulquito, descansen ahí está la cama y las
sillas [...]*

O DIA DOS MORTOS EM MIXQUIC E EM SÃO PAULO: SEUS SÍMBOLOS

San Andrés Mixquic é um pequeno povoado localizado na região sul da Cidade do México, no bairro de Tláhuac, a aproximadamente duas horas de distância viajando em ônibus. Sua economia é predominantemente agrícola, fato esse que contribuiu para uma maior preservação da maneira indígena de celebração do Dia dos Mortos, uma vez que os elementos naturais da celebração, frutos do cultivo da terra, estão mais que presentes. Seu nome deriva de *mesquite*, árvore típica do país e especialmente encontrada em Mixquic à época da conquista. Entretanto existem defensores da ideia de que o nome deriva de *miquiztli*, morte em *nahuatl* (a língua dos astecas), valendo-se da estreita relação do povoado com a morte, em razão das celebrações vividas a cada ano e os sacrifícios que foram realizados pelos indígenas da região. Segundo seus habitantes é muito importante manter viva a tradição herdada dos ancestrais indígenas para não perder a essência daquilo que são. As pessoas do povoado ilustram essa importância partindo da imagem da participação das crianças no ritual de preparação dos altares, confeccionando trilhas com pétalas de flores e fantasiando-se de personagens do mundo subterrâneo dos mortos, por exemplo. Também é possível constatar a participação das crianças quando visitamos as escolas por esses dias. Elas realizam megaofendas nas escolas com a ajuda dos pais e professores. O espaço fica aberto para visitação. A magnitude da celebração dos mortos em Mixquic é tão contagiante que já conquistou fama nacional e internacional. Mexicanos e turistas acodem à cidade em meados de fins de outubro para comprar e vender produtos e para apreciar a festa. Uma mexicana do estado de Guerrero comentou que a cada ano viaja a Mixquic para apreciar o evento, que é muito divertido, e aproveitar para ganhar dinheiro vendendo brincos, anéis e pulseiras confeccionados à mão.

A celebração no povoado começa por volta de 27 de outubro, quando as residências são limpas para receber a visita das almas dos entes queridos. No dia 31, quando chegam as almas infantis, faróis são colocados na entrada das casas de modo a iluminar o caminho, facilitando a locomoção das almas. Muitos desses faróis vistos tinham a forma geométrica de uma estrela – a estrela-guia. Também são colocadas pétalas de flores brancas desde a entrada até o cômodo da casa onde se encontra o altar oferecido. Nesse altar são colocadas flores, velas brancas, incensos, enfeites de papel de seda de cores diversas, brinquedos, alimentos como *tamales*, frutas, *pan de muerto*, chocolate, milho, *mole*. Bebidas doces como o *atole* e

chocolate não podem faltar nessa composição sempre colorida, representando a infância. Na atualidade, segundo uma senhora habitante entrevistada, é comum que sejam colocados no altar artigos na cor rosa para as meninas falecidas e na cor azul para os meninos. Quanto aos adultos, bebidas alcoólicas estão presentes de acordo com a preferência dos defuntos.

O historiador local e diretor do Teatro Miquiztli, Ricardo Flores Cuevas, acredita que o aroma que se pode sentir nesses dias é o responsável pelo início do ritual: o aroma das flores e frutas da temporada, o incenso, o pão de morto. São eles que dão o sinal e ativam a memória das pessoas, alertando-as de que a chegada das almas está próxima. (informação verbal).⁴³

Em Mixquic, uma pessoa falecida é lembrada em quatro datas específicas: aos nove dias de seu falecimento, representando os nove níveis do inframundo pelos quais a alma deve passar para chegar ao mundo dos desencarnados; aos quarenta dias; no aniversário de sua morte; e, especialmente, entre os dias 31 de outubro e 2 de novembro de cada ano. O ritual ou a cerimônia, como preferem chamar os habitantes, como vimos, inicia-se com a chegada dos “mortinhos”, isto é, das almas das crianças no dia 31 de outubro, como na maioria dos estados mexicanos. Elas chegam ao meio-dia após as doze badaladas dos sinos da igreja, a Paróquia de San Andrés, localizada no centro do povoado. Para essas pequenas almas é elaborada uma oferenda, geralmente sobre uma mesa ou *petate*. A oferenda das crianças consiste em: velas pequenas, sendo uma para cada criança falecida na família; figuras de barro representando animais e anjos; frutas da temporada como banana, maçã, goiaba e mexerica, além de cana, *atole*, pão, chocolate, *tamales* doces e salgados; jarra com água; um prato ou pires com sal e *copal*. Uma característica dessa oferenda é que tudo o que é oferecido, como é para crianças, apresenta-se em miniatura e as flores utilizadas para o adorno devem ser brancas, representando a pureza, a ternura e a inocência infantil. São elas os gladiólos e os *alhelíes*, em especial os brancos. No incensário são colocadas as brasas de carvão e o *copal*. Todas as portas da casa são abertas e, na porta de entrada, a mãe da criança falecida lhe dirige algumas palavras de boas-vindas, convidando a alma a adentrar a casa. A família se reúne diante da oferenda e a mãe convida a alma do filho para desfrutar do pequeno banquete oferecido a ele. Essas pequenas almas retornam ao mundo dos mortos no dia seguinte, 1º de novembro, ao meio-dia, mesmo horário em que chegaram ao mundo dos vivos.

As almas dos adultos também são recebidas com o badalar dos sinos da igreja no dia 1º de novembro. O caminho de pétalas brancas dedicado às crianças dá lugar às pétalas

⁴³ Entrevista concedida no dia 1º de novembro de 2011 no Teatro Miquiztli.

amarelas da flor de morto – *cepasúchil*. Nas casas, essas almas são convidadas a entrar, sendo chamadas por seus nomes ou graus de parentesco: “Entrem mãe, pai, tios, avós”, dizem os familiares. São convidadas para comer e beber das oferendas e desfrutar dos espaços da casa e dos móveis. As oferendas de adultos e crianças são distintas. A oferenda dos adultos não comporta o *atole*, por ser uma bebida doce, nem os brinquedos, os *tamales* doces e as flores brancas. Fazem parte dessa oferenda as bebidas alcoólicas, como licores e o *pulque*; os *tamales* de carne com pimenta (no altar infantil é expressamente proibida a presença de pimenta); algum prato ou bebida que o defunto gostava, assim como objetos e pertences dele; água; sal; caveirinhas de açúcar com o nome do falecido; *alegrías* e amarantos. Um elemento que não pode ficar de fora é a imagem, ou melhor, a fotografia do morto. As flores também estão presentes nesses altares, mas em cores vivas, que chamam a atenção das almas pelo colorido e pelo cheiro: *cepasúchil*, *alhelí* e *terciopelo*. Os objetos que não cabem na mesa ou nos degraus dos altares que apresentam níveis não podem ser colocados diretamente sobre o chão, e sim sobre um tapete ou esteira, feito com uma espécie de palha, chamado de *petate*. É comum encontrar nas casas cadeiras ao lado das mesas, nas quais são colocados chapéus, roupas, sapatos, maços de cigarro, isqueiros, ou seja, objetos e pertences preferidos pelo defunto. É montado um altar (ou é dedicado um espaço no altar já montado) com imagens dos santos padroeiros do local e de devoção do falecido e ele comporta uma cruz, representando a ressurreição. A família toda reunida diante do altar realiza orações às almas dos familiares e amigos falecidos convidando-os a partilharem das oferendas com os vivos. No dia 2 de novembro, quando as almas adultas devem retornar ao mundo dos mortos, as famílias se dirigem aos cemitérios, que são enfeitados com flores, círios, velas, a fim de iluminar o caminho de retorno dessas almas. O retorno das almas é cercado por um ambiente reflexivo e espiritual nas palavras de Zarauz López (2004, p. 153) “Los rezos, las luces vacilantes y el humo del copal propician un ambiente de reflexión y contacto espiritual con los defuntos”⁴⁴. Ainda segundo o autor, o contato com os mortos é fortalecido no dia 3 de novembro, quando as oferendas são compartilhadas entre parentes e compadres: “De esta forma la festividad se constituye en un puente de unión entre los vivos y muertos”⁴⁵.

Toda a celebração é permeada por um certo clima de carnaval. Uma grande feira toma as ruas do povoado e pessoas circulam a todo instante desfilando suas fantasias relacionadas

⁴⁴ “As rezas, as luzes vacilantes e a fumaça do incenso propiciam um ambiente de reflexão e contato espiritual com os defuntos.” (Tradução nossa).

⁴⁵ “Dessa maneira, a festividade se converte em uma ponte de união entre vivos e mortos.” (Tradução nossa).

com a morte: bruxos e bruxas, a própria morte carregando uma foice, as caveiras à maneira de *Catrina*, o Diabo, seres sombrios, entre outras. As crianças, fantasiadas de bruxos, bruxas, magos e fadas, caveiras e abóboras se divertem comendo as caveirinhas de açúcar ou chocolate ou ainda seu delicioso doce de abóbora. Na feira é possível encontrar comida e bebida das mais variadas, artigos de artesanato e até roupas. No teatro local, Teatro Miquiztli, assiste-se a apresentações de dança, peças teatrais e conferências com temas fúnebres, e até um pequeno espaço é dedicado ao teatro de marionetes, intitulado Museo de la Calaverota, uma paródia do Museo de la Calaverita, localizado no povoado. Ali as caveiras representam situações do cotidiano de maneira jocosa. À entrada do teatro, somos recebidos com um pequeno altar elaborado sobre uma mesa contendo flores de morto – *cempasúchil*, velas grandes, frutas como laranja, banana, maçã e cana, o pão de morto, água, sal, bebidas alcoólicas, *golletes*, um crânio que leva um nome na testa e um porta-retratos com o teatro de fundo representando a imagem do defunto. Tudo sobre uma toalha branca bordada com a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe e rosas. É comum nessa época que os estabelecimentos comerciais exponham um altar. Assim podemos encontrar um ao entrarmos em uma padaria ou num hotel, por exemplo. Na fachada, o teatro exhibe figuras de imensos crânios humanos sustentados por ferros, assemelhando-se ao *zompantli*, e representando os sacrifícios realizados pelos indígenas da região. Na praça central, localizada ao lado da igreja e do cemitério local, são exibidas apresentações de dança de escolas locais e de outros lugares do México, apresentações de peças teatrais, concurso de fantasias e *shows* de artistas mexicanos, entre eles a cantora de música popular Tania Libertad, que conquistou o público ao cantar *LLorona*⁴⁶.

No dia 2 de novembro ao entardecer, os habitantes do pequeno povoado se dirigem ao cemitério local em uma espécie de procissão carregando velas, círios, incensos, *copal* e flores. Todos esses elementos são depositados sobre os túmulos. O evento conhecido como *Alumbramiento* ou *Alumbrado*, uma vez que é possível deslumbrar-se com a quantidade de chamas acesas dos círios, velas, carvões e incensos, tem como finalidade iluminar o caminho de retorno das almas ao mundo dos mortos – para que as almas não se percam no percurso. O *Alumbramiento*, a feira e os *shows* acontecem todos ao mesmo tempo. Um senhor que velava

⁴⁶ Música profundamente melancólica relacionada à lenda mexicana da época colonial. Diz-se que a chorona é a alma de uma mulher que à meia-noite aparece chorando, gritando e correndo pelas ruas. Segundo a lenda, ela era uma mulher muito bela, mas pobre, que se apaixonou por um homem rico e teve três filhos com ele. Ao ver que ele a abandonou para casar-se com uma mulher rica, no ato de desespero mata seus três filhos. Condenada à morte, no momento em que era levada para o cumprimento da sentença, ao passar diante de sua casa soltou um grito horripilante e caiu morta. Curiosamente, o homem que amava morreu no mesmo dia.

um túmulo quando perguntado se o barulho não incomodava respondeu de forma negativa, dizendo que é bom que os mortos sintam essa atmosfera de agitação, alegria, que é um costume mexicano que os estrangeiros talvez não entendam, e que se ele tivesse dinheiro teria pagado para uma banda de *mariachis* tocar enquanto ele velava seu parente. Também comentou que devido à violência, causada principalmente pelas pessoas que se embriagam durante o festejo, as autoridades locais proibiram a permanência de pessoas no cemitério que pretendiam passar a noite velando seus mortos. Foi fixado, então, um horário para a despedida das almas e exatamente às 21 horas ouvimos o badalar dos sinos da igreja anunciando a hora da partida, tanto das almas quanto dos vivos.

Os familiares permanecem diante dos túmulos até a hora da partida das almas, velando-as, e ali conversam entre si, riem, cantam, conversam com seus mortos e enfeitam os túmulos. Eles são adornados com uma grande quantidade de flores, principalmente a *cempasúchil* ou flor de morto, tradicional nesses dias. Fazem das flores um verdadeiro instrumento de arte, pois formam figuras de esqueletos, cruzeiros, entre outras imagens curiosas. Mais parece um concurso de arte que poderia até receber premiação. As velas, por sua vez, são colocadas à cabeceira e ao pé do túmulo. Os carvões ardendo em chamas se encontram dentro de um recipiente e são colocados no ponto que coincide com as linhas que formam a cruz feita de flores. É difícil circular pelo cemitério ou entrar na igreja, pois a quantidade de pessoas presentes é muito grande. Há famílias inteiras, inclusive a presença das crianças diante dos túmulos. É um ambiente totalmente místico que embriaga os presentes pelo forte cheiro de flores, incensos e *copal*. Ademais, acende o brilho nos olhos pela grande presença de flores coloridas e chamas.

A festividade em Mixquic, assim como é percebida e sentida por seus habitantes, é concluída no dia 3 de novembro com o intercâmbio de oferendas entre amigos, parentes e compadres. Essa prática tem como finalidade aguçar o espírito de boa vizinhança e amizade além, é claro, de estreitar os laços familiares. É costume preparar um prato típico chamado *mixmole* no dia 3 de novembro como sinal de que a festa está por terminada. É um prato que leva na sua composição pimenta, tomate verde, verduras como a acelga, e carne de peixe e de rã. Segundo informações concedidas em entrevista por Dona Branca, uma habitante local, antigamente o festejo durava oito dias e esse prato típico era feito no oitavo e último dia de celebração, sendo servido com *tortillas calientes* (informação verbal)⁴⁷.

⁴⁷ Entrevista realizada no dia 2 de novembro, no povoado de Mixquic, em visita a um altar doméstico em casa aberta à visitação.

O povoado tornou-se, ao longo do tempo, uma referência turística nacional no que diz respeito à celebração do Dia dos Mortos mexicano, atraindo diversos patrocinadores para eventos como os concursos de altares e caveiras. Outros dois eventos de bastante repercussão, realizados no dia 1º de novembro, são a procissão chamada *Campanero* (grupo de pessoas reunidas para as visitas às casas) e o *Paseo del Ataúd* (Passeio do Caixão). Nessa procissão, grupos de crianças tocam sinos por todo o povoado diante das casas, com a finalidade de conduzir as almas a seus lares. Cada grupo transporta um caixão, e uma pessoa carrega um círio; também carregam uma bolsa para guardar as doações em dinheiro ou alimentos das oferendas que irão obter. Diante das casas entoam uma melodia tradicional (ZARAUZ LÓPEZ, 2004, p. 154). Quanto ao “Passeio do Caixão”, participa dele um grupo de jovens que passeia pelo povoado carregando um caixão com um esqueleto de papel-cartão. Seguidos por turistas e pessoas fantasiadas, fingem chorar pelo morto e pedem que lhes seja ofertado algo da oferenda. Essas pessoas percorrem as ruas dos povoados pedindo permissão para entrar nas casas e realizar uma oração para as almas dos falecidos. A oração é realizada diante do altar onde se encontra a oferenda. O dono da casa permanece com o grupo diante do altar até que termine a oração e, ao final, os *Campaneros* recebem frutas e *tamales* do dono da casa como forma de agradecimento. O grupo segue visitando as casas e no final do percurso reparte tudo o que foi ganho.

O Significado dos Elementos da Oferenda

Os principais símbolos da celebração do Dia dos Mortos mexicano, aliados a outros elementos que complementam a oferenda de acordo com cada região e crença de quem a celebra, traduzem um universo do qual podemos contemplar cheiros, cores, sons, sabores e imagens dos mais variados. Todos os nossos sentidos podem ser aguçados por esse universo em que comidas, bebidas, literatura, música, dança e pinturas revelam a identidade de um povo permeada por um simbolismo ritual. A representação simbólica, responsável pela nossa afirmação e existência no mundo, partindo da premissa da inteiração do homem com o meio e com outros homens, determinará a função e o lugar de cada elemento do universo representado.

De acordo com o quinto capítulo da obra da autora Iglesias y Cabrera (2008, p. 95-160), os símbolos da oferenda do Dia dos Mortos podem ser divididos em três categorias, a saber: os símbolos de agregação, os psicopompos e os iconográficos. Os símbolos de agregação são os que tornam possível que as almas se apropriem da essência dos alimentos oferecidos, assim como da utilidade dos objetos ofertados. A força adquirida propicia às almas o poder de permanência no mundo terreno e de retorno ao mundo dos mortos. Fazem parte dos símbolos de agregação alimentos como *tamales*, pão, *tortillas*, frutas, *mole*, doces, *pulque*, *atole*, chocolate, água e bebidas alcoólicas. Artigos como roupas, brinquedos e instrumentos de trabalho também estão presentes. Já os símbolos psicopompos têm a finalidade de guiar as almas, seja no percurso que as traga ao mundo dos vivos, seja no que as leve de volta ao mundo dos mortos. Funciona como um canal de comunicação entre esses dois mundos. Os elementos que representam essa categoria de símbolos são as velas e círios, as flores, o *copal* e o incenso. Os símbolos iconográficos, por sua vez, favorecem o estabelecimento de um canal entre o céu e a terra. Esse canal é o responsável pela possibilidade de venerar e honrar os santos e as virgens, de modo que eles possam proporcionar cuidados e proteção às almas dos mortos e aos familiares vivos que realizam as oferendas. São eles as imagens religiosas, as cruzes, a imagem dos falecidos em forma de fotografias e pequenos artigos que recordem o morto, como uma toalha de mesa com o nome dele bordado, por exemplo, que é comum nas oferendas. Outras representações como pinturas, músicas, quadros, versos, esculturas e caricaturas também podem ser consideradas como símbolos iconográficos e estão inseridas no que Zarauz López (2004) denomina de “a

morte plástica”. Os versos propostos pelas *calaveritas* e a imagem da caveira *Catrina*, do ilustre artista mexicano José Guadalupe Posada, figuram como exemplos desse tipo de expressão. O altar dedicado aos mortos também funciona como um canal de comunicação entre o mundo dos mortos e dos vivos e contempla a maioria dos principais símbolos em um mesmo espaço, fato que contribui para que ele seja, talvez, considerado como um dos símbolos mais importantes.

Praticamente todos os elementos considerados pelos mexicanos como símbolos do Dia de Mortos são encontrados em um dos maiores, senão o maior símbolo de todos – o altar. Em Mixquic acredita-se que a oferenda do altar tem que contar com nove elementos, simbolizando os nove níveis que a alma tem que percorrer no inframundo. A falta de algum dos elementos pode representar a perda da essência espiritual da oferenda. De acordo com os habitantes de Mixquic esses elementos são: a água, o sal, o círio, o *copal* ou o incenso, as flores, o *petate*, os brinquedos, o pão, o *gollete* e a cana.

Passemos a tratar desses elementos-símbolos, então. Segundo Chevalier (2008, p. 15), “As significações simbólicas da água podem reduzir-se a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência.” A água, elemento vital e por isso, divino, aparece nas oferendas mexicanas como fonte de fortalecimento das almas. Elas necessitam de água para matar sua sede após numa longa jornada de vinda ao mundo dos vivos e regenerar as suas forças para o retorno ao mundo dos mortos. Nas palavras de Chevalier (2008, p. 17), a água é considerada como algo que abençoa. Já o sal possui vários significados nesse contexto. Aparece como sinônimo de purificação e sabedoria. Também acredita-se que por meio desse elemento o corpo não se corrompe. Relacionado ao paladar, é um convite ao banquete. O círio (velas e ceras) produz as chamas que iluminam o caminho das almas significando fé e esperança de uma “vida” melhor após a morte. De acordo com as informações de Dona Blanca, “Lo primerito que se pone en el altar cuando suenan las campanas es el agua y la sal [...] y la cera [...] que alumbra el camino.” (informação verbal). Na época pré-hispânica os indígenas utilizavam o *copal*, uma vez que o incenso não era conhecido por eles. O *copal*, além de fazer parte da oferenda para os mortos, nessa época, era um elemento importantíssimo da oferenda realizada aos deuses, ou seja, era um elemento sagrado. O ambiente tomado pelo seu perfume é significado de reverência e supõe uma atmosfera ritual, religiosa. O perfume das flores também tem esse poder. As flores brancas são dedicadas às crianças, como vimos anteriormente, e não figuram nos altares dos adultos. As flores brancas mais comuns nesses dias são a *alhelí* e a *nube*. A cor branca aparece como

sinônimo de pureza e ternura, por esse motivo, dedicada às crianças. As flores amarelas, por sua vez, significam riqueza e por isso não podem faltar nos altares dos adultos. Significa *glamour*, preciosidade, algo especial dedicado aos seus mortos. A *cempasúchil* também é conhecida como flor de ouro. O *petate*, utilizado antigamente como rede, cama, mesa e até mesmo como mortalha, é um objeto importante que significa, sobretudo, respeito. Funciona como uma extensão do altar. Nele são colocados todos os itens que não couberam no altar e que seria uma falta de respeito para com os mortos não oferecê-los ou depositá-los diretamente sobre o chão. Os brinquedos estão relacionados aos altares infantis e simbolizam a alegria das crianças. Com a presença deles as almas das crianças se sentem mais alegres, contentes. O pão figura como elemento de comunhão, união dos vivos com os mortos e dos vivos com os vivos. É sinônimo de convite ao compartilhamento. Na época pré-hispânica os *tamales* exerciam esse papel. O *gollete* fica pendurado no altar sustentado por pedaços de cana. Seu significado na oferenda não é algo fechado. Os mexicanos acreditam que esteja relacionado com os crânios dos capturados em guerra na época pré-hispânica e que eram atravessados por varas formando um altar de crânios, representando a morte. Esse altar recebia o nome *zompantli*. Além desses importantes e indispensáveis elementos há os adicionais e não menos importantes, que serão encontrados com frequência nos altares mexicanos como as comidas e as bebidas, as frutas, objetos e pertences do defunto, caveiras em forma de doce e brinquedos, papéis picados e o retrato do falecido, representando cada morto da família.

O Simbolismo dos Altares

Fazer ou colocar os altares para os mortos é algo que está bastante difundido no México e tem um forte simbolismo. Eles são variados e representam um sacrifício daqueles que os preparam, constituindo-se numa forma de desejar que as almas estejam em paz e contentes por serem lembradas pelos seus e que, por sua vez, proporcionem-lhes ajuda e proteção na vida. Em contrapartida, trata-se também de fazer com que desapareça toda a tristeza e raiva por parte das almas e assim evitar que elas causem algum mal às pessoas. O fato de não colocar os altares às almas e ofertar-lhes as oferendas constitui-se em uma falta grave e em um dos motivos para que elas queiram vingar-se por não terem sido lembradas e veneradas pelos seus parentes vivos. Serem lembradas e nutridas significa serem respeitadas, e, dessa forma, elas estarão sempre fortes e felizes, prontas para voltar ao reino dos mortos e ali permanecerem até que chegue a data de homenagem novamente.

O altar de mortos mexicano tem um famoso arco, que é enfeitado de maneira que não apareçam os suportes e é coberto com uma toalha de mesa sobre a qual são postas as oferendas (alimentos, bebidas e objetos variados). Os altares podem se apresentar nos seus mais variados tipos e formas.

A essência ideológica e simbólica dos altares dos mortos mexicanos é determinada pelos componentes culturais indígenas e hispânicos que ali se fazem presentes. Sendo os segundos, impostos com a Conquista. Dessa forma, não só a cultura de colocar os altares, como toda a cultura de um povo que passou pelo processo de colonização, dita toda a América Latina, deve ser vista como algo que passou por processos de sincretismo, adoção, adaptação, readaptação e até mesmo justaposição de aspectos culturais. O altar do Dia dos Mortos mexicano é um grande exemplo da combinação de elementos pagãos e católicos, fruto do processo acima referido.

Como foi dito anteriormente, existem altares dos mais variados, assim como o é a maneira de venerar os mortos. Iglesias y Cabrera (2008, p. 75-76) nos fornece a classificação de alguns tipos de altares, que partiu de um estudo analítico realizado por ela e que segue critérios de espaço, forma, condição e extemporaneidade. Assim, vemos altares que se encontram dentro de casa, em igrejas, nas tumbas. Em casa pode-se encontrar sobre uma mesa com arco ou sobre uma toalha, na mesa sem o arco, na mesa disposto em níveis; no chão com arco, sem arco ou em níveis; na mesa e no chão com arco, sem arco, em níveis; pendurados no

teto, nos armários e prateleiras. Nas igrejas, podem ser vistos em forma de ataúde ou em níveis. No cemitério os encontramos nas tumbas com arco ou sem ele. Os níveis em que são dispostos os altares podem chegar até sete. E de acordo com a condição da alma – podem ser para crianças ou adultos; a temporalidade também será explicitada: há altares para mortos novos e velhos, isto é, de acordo com a quantidade de anos que a pessoa já está morta, o altar apresentará características específicas. Os primeiros altares elaborados são para aqueles com um ano ou menos de falecimento, ou seja, para os que faleceram mais recentemente, e os segundos, para os que têm mais de um ano de falecimento. Também há tipos de altares que não são colocados em datas tradicionais e os que são permanentes.

Os altares colocados em casa são chamados de altares domésticos. Caracterizam-se como os mais comuns e não substituem ou inibem a colocação de oferendas na tumba dos mortos, considerada como uma extensão daqueles postos em casa. Quanto à estrutura do altar, ela é uma adaptação dos altares cristãos, segundo Iglesias y Cabrera (2008), ainda que a utilização do arco possa ser atribuída tanto à cultura cristã como à indígena, pelo fato de ser uma prática adotada por ambas. Para os cristãos, o arco simboliza o que é divino, bom. Para os indígenas pré-hispânicos, sobretudo para os mexicas, o arco também tinha um caráter divino, sagrado, e era utilizado em algumas cerimônias e rituais religiosos, podendo ser feito com folhas, arbustos, flores, plumas. Entre os grupos indígenas atuais, os arcos podem simbolizar a porta do céu, a terra, a fertilidade e a proteção à alma; um caminho que serve para guiar a alma do mundo dos mortos até a terra no dia em que são realizadas as homenagens a ela. Alguns grupos costumam purificar o arco com água benta e incenso para afastar maus espíritos; outros penduram frutas, simbolizando a fertilidade e a terra; e há os que penduram frutas, flores e pão para atrair e guiar a alma até o altar. Os altares que são postos no chão, por sua vez, simbolizam a fecundidade e a regeneração propostas pela terra, que oferece alimentos aos homens, mas que também os recebe quando mortos, alimentando-se deles e proporcionando-lhes nova vida no mundo dos mortos.

Os mortos que têm maior importância e ocupam um lugar preferencial nos altares são os chamados mortos grandes (os *abuelos*, os mais velhos, os antepassados) que são as pessoas que morreram de morte natural, velhice, por doenças. Os outros mortos compartilham um espaço no altar dos mortos grandes ou, às vezes, recebem um altar pequeno com apenas flores e velas. Quanto às almas solitárias ou esquecidas, como as chamam os habitantes de Mixquic, algumas pessoas dedicam-lhes um prato com alimentos em algum espaço do altar, ou esse prato é oferecido a essas almas sendo colocado debaixo de uma árvore, ou até mesmo são

dedicados a elas altares pequenos, mas do lado de fora da casa. Em Mixquic é costume oferecer um círio para as almas esquecidas. Segundo eles, cada círio presente no altar representa um parente falecido e além deles, é dedicado um a essas almas porque há famílias inteiras que já faleceram e não têm quem as recorde (informação verbal). Em algumas regiões mexicanas, são os sacristãos das igrejas os encarregados de colocar um altar para as almas solitárias. Também são eles que levam as oferendas (velas, flores, comida e bebida) aos cemitérios para aqueles mortos cuja tumba está esquecida.

Em alguns lugares do México, as crianças também são homenageadas com altares, mas esses diferem dos altares dos adultos. As crianças como vimos são chamadas de *angelitos* (anjinhos), mas nem todos o são. Há uma diferenciação de acordo com o tipo de morte: os anjinhos são aquelas crianças já batizadas que morreram de forma natural, quase sempre por causa de alguma doença; há as que nem chegaram a nascer, quase sempre por causa de um aborto, seja ele natural ou provocado (as almas dos nimbos); e as que morreram sem serem batizadas (as almas do limbo). Quanto aos altares dedicados a elas, são bem menores se comparados aos dos adultos por causa do tamanho mesmo das crianças; assim como as oferendas também devem sê-lo, apresentando-se em diversas miniaturas. As comidas que são oferecidas, de maneira alguma devem ser condimentadas com pimenta. Os objetos colocados devem ser de cor branca, inclusive as flores, representando a pureza e inocência delas. Os doces quase sempre são figuras de animais, de brinquedos, casinhas com flores, sapatinhos, todos bem pequenos. Nada pode ser em tamanho grande e que figure nos altares adultos, pois acredita-se que a criança ficaria muito triste. Esses pequenos objetos são ricos em cores alegres. Também há a presença de pães em miniatura, frutas e doce de abóbora – *dulce de calabaza*, muito apreciado no México.

Os altares extemporâneos, isto é, oferecidos fora do período de celebração do Dia dos Mortos, são oferecidos geralmente no aniversário de morte do falecido ou quando morre uma pessoa. É um costume, sobretudo de alguns grupos indígenas, assim que entre os mestiços, não está muito difundido. Os altares permanentes, por sua vez, caracterizados por serem domésticos, ficam montados durante todo o ano em algum espaço da casa. Ele conta com imagens de santos padroeiros e de devoção da família. Ali as pessoas recordam os seus antepassados e realizam as suas orações diárias.

O Dia de Finados no Brasil hoje

Atualmente, o Dia de Finados no Brasil continua sendo orientado, em maior proporção, pela tradição religiosa católica, em razão de sua forte tradição histórica. Segundo Del Priore (2002, p. 06), “Aliada ao reino português, a Igreja católica lançou-se à tarefa da colonização do Brasil com tanta eficácia, que se transformou numa das mais sólidas e rígidas instituições de poder no país.”

A igreja e o cemitério são os dois espaços principais para os quais se dirigem aqueles que querem recordar e homenagear o entes queridos que já morreram. Contudo, a decadência da celebração, à qual se refere Moraes Filho (2002), citado anteriormente, se faz presente quando percebemos o número cada vez menor de pessoas que vão às missas nesse dia e visitam os cemitérios.

Recordo-me que quando criança e até mesmo adolescente, nessa data meus pais e minha avó paterna sempre acendiam velas para as pessoas queridas já falecidas e sempre havia grande movimentação das pessoas para as visitas aos cemitérios, entretanto, não me recordo de nenhuma vez ter acompanhado algum familiar nessas visitas a não ser em enterros. Também me recordo da superstição por parte das pessoas ao meu redor que me diziam que esse dia 2 de novembro não era um bom dia para realizar passeios ou atividades divertidas. Um momento que me marcou muito em relação a esses dizeres, época em que eu tinha por volta de 11 anos, foi quando fui com a esposa de meu tio paterno visitar uma irmã que morava em outro bairro um pouco distante e, quando voltávamos para casa, presenciamos um acidente de carro que vimos de dentro do ônibus; essa minha tia reforçou a ideia acima dizendo que não deveríamos ter saído de casa, pois era muito perigoso sair nesse dia.

O que podemos notar hoje em dia, e digo isso não só baseada nos dados coletados para a realização da pesquisa, mas também partindo da minha experiência de vida, é que o Dia de Finados, pelo menos na cidade de São Paulo, não é celebrado com tanta veemência como antigamente e também não é tido pelas pessoas como uma data de tamanha importância que as impeça de realizar outros tipos de atividades que não religiosas. O ato de relembrar os mortos não é mais caracterizado como uma obrigação, como muito bem nos apontou Moraes Filho (2002) em seus estudos.

O trabalho de campo realizado no Brasil, especificamente na cidade de Guarulhos e no bairro de Itaquera, em São Paulo, está dividido em duas partes, constituídas de uma visita ao cemitério e de aplicação de questionários.

O trabalho de campo realizado no ano de 2010 constituiu-se de uma visita ao Cemitério Primavera, situado na cidade de Guarulhos (SP), no dia 2 de novembro. Na entrada fomos assediados pelos vendedores de flores que tentaram insistentemente vendê-las. Ainda na entrada pudemos observar a presença de uma grande faixa propondo as atividades do dia, como por exemplo, o horário das missas, uma vigília com atividades artísticas e palestras com psicólogos abordando a questão do luto.⁴⁸ Ao entrarmos no cemitério fomos invadidos por um misto de tranquilidade, solidão e nostalgia. Tranquilidade pela presença do imenso tapete verde do gramado coberto por muitas flores nas suas mais variadas cores e formas. Solidão e nostalgia pelo imenso vazio presenciado. Algumas poucas pessoas e famílias foram vistas reunidas diante de algum túmulo, realizando orações ou acendendo velas no cruzeiro.⁴⁹ Nesse espaço também pudemos observar, além da presença das velas, a de pão e água, representando duas valiosas fontes de vida, sendo o pão a representação do alimento. Percorrendo alguns túmulos, foi possível verificar que além das flores ofertadas, alguns continham comidas. Desses também foi possível verificar que, na sua grande maioria, tratava-se de pessoas que possuíam sobrenome japonês. Na cultura japonesa é comum a oferenda de alimentos para os mortos. Um fato que nos chamou muito a atenção foi a presença de uma banda animadora, trajando um visual dos anos 1950 e que, segundo as palavras da vocalista, estava ali “para espantar a tristeza.” A banda convidava todos a cantar e dançar temas antigos para esquecer a tristeza provocada pela perda de algum parente ou amigo. Enquanto os adultos se deliciavam com as canções interpretadas pela banda, era oferecido um serviço de pintura de rosto para as crianças, que se mostraram muito animadas. O palco estava montado a poucos metros da entrada do cemitério, de modo que, quando percorridos os túmulos, não foi possível ouvir o som da banda que tocava. Dessa forma, as famílias que realizavam suas orações não foram incomodadas. As pessoas não demonstraram nenhuma aversão à presença da banda e muitos estavam sentados nas cadeiras dispostas diante do palco apreciando o *show*.

A segunda parte do trabalho de campo, datada de 2011, constituiu-se da aplicação de 40 questionários, na sua grande maioria a pessoas que residem na cidade de Guarulhos, mas estendendo-se, também, a Itaquera e a pessoas de outros estados que residem na cidade de São Paulo. Por causa da resistência aos questionários, realizaram-se, inicialmente, conversas informais sobre a percepção dessas pessoas a respeito da celebração e das atividades

⁴⁸ Ver APÊNDICE B: DIA DE FINADOS NO BRASIL.

⁴⁹ Cruzeiro é o espaço no cemitério utilizado pelas pessoas para acenderem velas para seus mortos e realizarem suas orações. Sua estrutura é de concreto apresentando duas cavidades, uma superior e uma inferior com superfície plana onde são depositadas as velas, círios e outros objetos.

desenvolvidas nesse dia até conseguir-se que algumas delas respondessem ao questionário. As conversas informais foram muito produtivas porque não houve inibição por parte das pessoas em falar o que pensavam, permitindo-nos fazer alguns apontamentos importantes.

As pessoas que colaboraram com a pesquisa apresentam idade entre 20 e 61 anos, sendo essas idades, respectivamente, a do mais novo e a do mais velho participante.

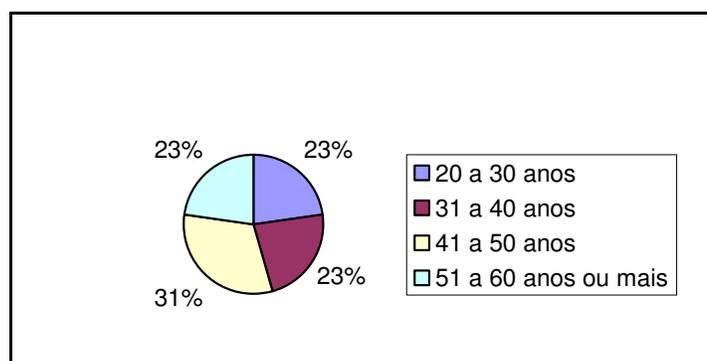


Gráfico 1 – Faixa etária dos entrevistados

É possível notar que a quantidade de participantes de cada faixa etária está relativamente equiparada apresentando apenas, uma ligeira elevação no número de participantes com idade entre 41 a 50 anos, representando 8% a mais em relação às outras faixas etárias.

Por meio dos dados coletados foi possível elaborar uma lista dos símbolos elencados pelos entrevistados e que apontamos a seguir: flores, coroa de flores, crisântemo amarelo, missas, velas, cemitério, acender velas, visita aos túmulos, orações, tristeza, saudade, silêncio, luto, cruz, plantas, memória, terço, limpeza de túmulos. A lista nos permitiu observar que os símbolos que acompanham o Dia de Finados no Brasil são aqueles oriundos da celebração católica tradicional e que pouco ou nada foram alterados com o passar do tempo e continuam presentes no imaginário das pessoas, fazendo parte da sua vida cotidiana. Muitos deles como velas, flores e coroas, movimentam o comércio nessa época e são comercializados, principalmente às portas dos cemitérios.

Ainda que muitas pessoas não celebrem mais essa data, sabe-se que há missa; que há visitas aos cemitérios; que se acendem velas nas igrejas, cemitérios e casas; e que por onde andemos, mesmo passeando ou viajando, veremos pessoas vendendo esses objetos-símbolos

pelas ruas e em barracas; e também saberemos que muitas pessoas se lembram de algum ente querido já falecido sem mesmo sair de casa, e dedicam-lhe alguma oração particular ou até mesmo um momento de seus pensamentos.

Os entrevistados, que na sua grande maioria nasceram ou residem no estado de São Paulo há muitos anos, citaram outros estados nos quais estiveram durante algum tempo ou onde nasceram, como Amazonas, Paraná, Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Mato Grosso do Sul, Ceará e Paraíba. Entretanto, não apontaram nenhuma outra maneira de cultuar os mortos que não a já conhecida e orientada pela tradição católica: visita ao cemitério levando flores e velas, ida às missas e reunião com familiares. Alguns atentaram para a expressão “beber o defunto” – destacada na região nordeste do país e interior de São Paulo, que consiste em servir comida e bebida no velório de alguém, aproximando-se da atmosfera festiva que envolvia a celebração na época colonial, mas nada relacionado ao Dia de Finados propriamente dito. Do total de entrevistados, somando 44 participantes, apenas 16% declararam conhecer o culto aos mortos de outras culturas como a japonesa (13,7%) e a mexicana (2,3%). Alguns consideraram a maneira de cultuar os mortos dos japoneses como um evento curioso e interessante, apontando a oferta de comidas e bebidas como uma forma de comunhão festiva e por esse motivo, talvez, menos melancólica que a brasileira.

Partindo da análise dos dados coletados também foi possível constatar que mais da metade dos entrevistados, chegando aos quase 70% não celebram o Dia de Finados.

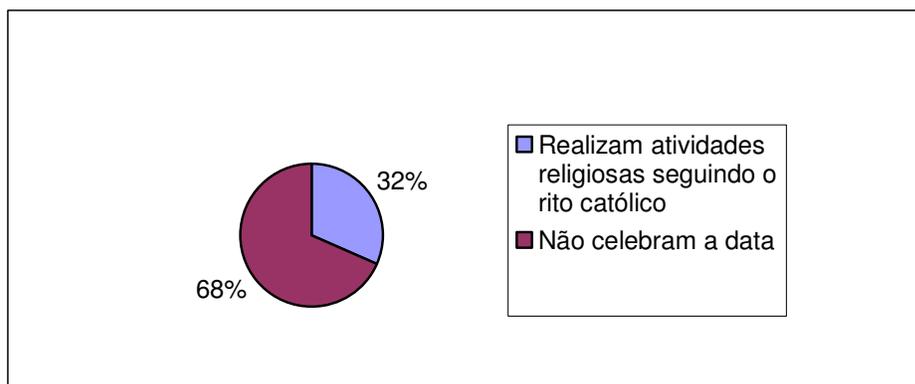


Gráfico 2 – Celebração do Dia de Finados

As pessoas que declararam celebrar o Dia de Finados realizam atividades religiosas orientadas pela Igreja Católica Apostólica Romana ainda que muitos não sigam todos os passos do rito, como ir às missas e ao cemitério geralmente em família. Enquanto isso, a grande maioria dos que não celebram a data declararam não realizar nenhum tipo de atividade religiosa nesse dia, fato que reforça a hipótese da decadência da celebração no Brasil destacada por Moraes Filho (2002).

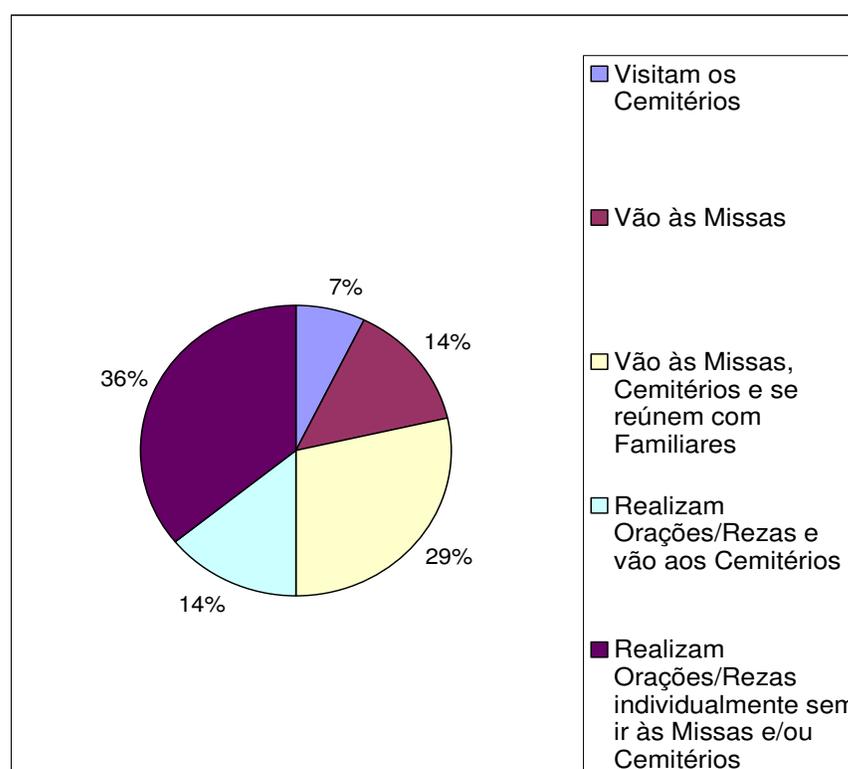


Gráfico 3 – Atividades realizadas pelos que celebram o Dia de Finados

Apenas 29% dos entrevistados celebram o Dia de Finados seguindo todos os passos do rito católico. Outros 71% realizam alguns deles; e a maioria (36%) prefere cultuar os mortos de maneira individual, apontando a perda da tradição (2,3%) e a violência nas ruas (2,3%) como fatos que os impedem de ir às missas e ao cemitério.

A análise da faixa etária das pessoas que celebram o Dia de Finados nos permitiu constatar que mais de 65% dos entrevistados possuem idade superior a 40 anos.

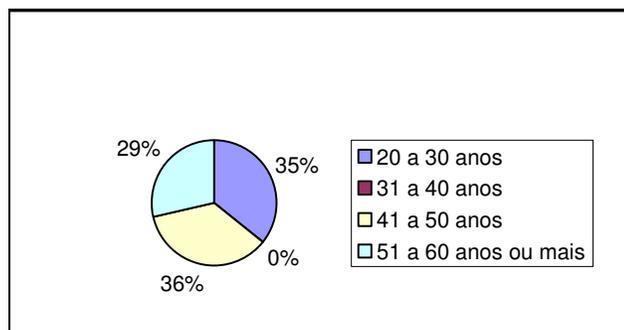


Gráfico 4 – Faixa etária dos entrevistados que celebram o Dia de Finados

Por meio desses dados é possível notar que os mais velhos são os que apresentam um índice mais alto de religiosidade em comparação com os mais jovens. É um dado que já foi apontado no *Censo Demográfico de 2000*⁵⁰ realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no que diz respeito ao âmbito religioso. O documento aponta, no campo dos *Comentários da Amostra* que “Os idosos são mais religiosos, possuem uma confiança religiosa maior, por isso se observa a maior proporção tanto nos católicos apostólicos romanos quanto nas outras religiões, na medida em que a idade vai aumentando.” Ainda que os participantes ora destacados não sejam exclusivamente idosos, podemos observar que o fator maior idade, passados 12 anos, continua revelando uma maior religiosidade. Analisando o gráfico seguinte, relacionado às pessoas que não celebram o Dia de Finados confirmaremos esse dado observando que apenas 47% dos entrevistados possuem idade superior a 40 anos contra os 53% que possuem idade inferior.

⁵⁰ Dados consultados no *Censo Demográfico 2000. Características Gerais da População: Resultados da Amostra*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

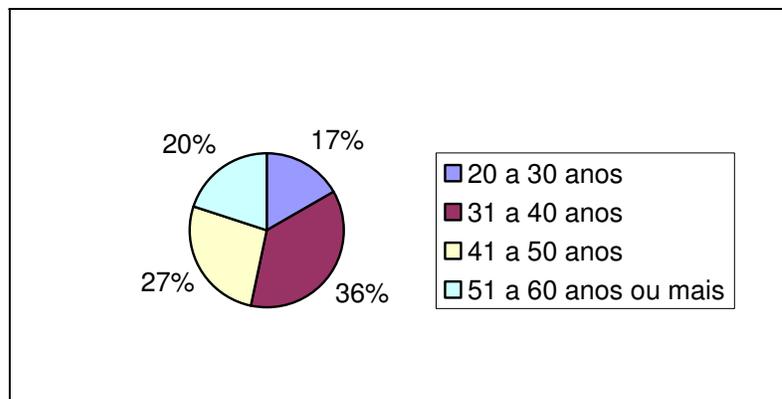


Gráfico 5 – Faixa etária dos entrevistados que não celebram o Dia de Finados

A celebração, para muitos, não passa de um feriado ou um dia como outro qualquer, sem maiores alterações na rotina, o qual as pessoas aproveitam para ficar em casa e descansar ou para passear, viajar, visitar parentes e amigos. Mais da metade, totalizando os 60%, ainda prefere ficar em casa e descansar.

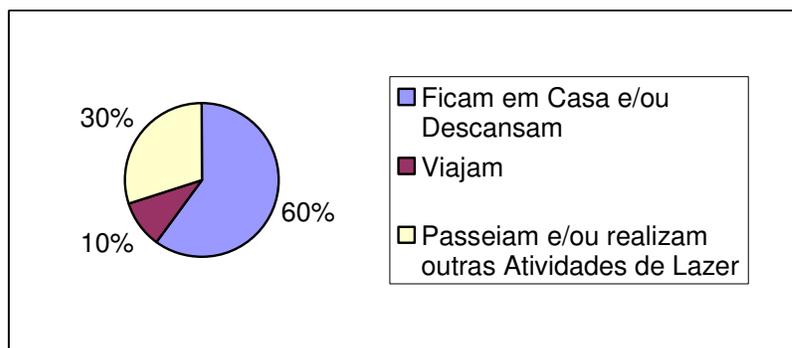


Gráfico 6 – Atividades realizadas pelos que não celebram o Dia de Finados

Dessas pessoas que declararam que não celebram o Dia de Finados, 9% apontam que, apesar de não celebrarem, alguns de seus familiares, como pais, tios, primos e avós, celebram visitando cemitérios, limpando túmulos, levando flores e velas e assistindo às missas.

Os resultados obtidos permitiram a confirmação da hipótese do motivo da possível decadência da celebração do Dia de Finados no Brasil: o aumento em ritmo acelerado de outros grupos religiosos e, por conseguinte, o baixo crescimento do número de católicos apostólicos romanos. Ainda que 70% do Brasil se declare como católico apostólico romano, a diversidade religiosa é algo que se faz muito presente nos últimos tempos. Segundo o documento do Censo Demográfico de 2000:

A diversidade religiosa brasileira tem crescido muito nas últimas décadas, e as informações censitárias permitiram identificar a maior pluralidade religiosa no Brasil [...] O Brasil continua sendo mais católico apostólico romano, entretanto, com um ritmo de crescimento pequeno [...] A vasta diversidade religiosa, com ampliação dos grupos religiosos, geralmente é uma característica dos grandes centros urbanos, fazendo com que a opção religiosa seja maior, acarretando assim na redução da proporção dos que declararam religião católica apostólica romana.

Somado ao fato da pluralidade religiosa no Brasil como responsável pela diminuição do crescimento do número de católicos, ainda podemos levar em consideração o grande número de pessoas que recebem o sacramento do batismo nas igrejas católicas e, portanto, são consideradas como católicas apostólicas romanas, mas que não praticam os ritos professados por elas – os ditos “católicos não praticantes”.

A partir das análises propostas procurou-se não apontar religião superior ou inferior. Tratamos de apresentar o histórico da celebração do Dia de Finados no Brasil como expressão cultural de um grupo específico, os católicos apostólicos romanos, sob a ótica mesma da história dessa celebração no país, herdada da colonização portuguesa por parte da Igreja Católica. A religião foi tratada aqui como um universo simbólico do qual procuramos extrair uma realidade simbólica representada pelas ideias, maneiras de pensar e agir, pelas crenças e ritos que fazem parte do imaginário e do dia a dia do povo brasileiro.

CONCLUSÃO

O Dia dos Mortos mexicano e o Dia de Finados brasileiro: Símbolos, Semelhanças e Diferenças

A morte é um tema que nos salta aos olhos a todo instante por intermédio dos meios de comunicação. Em tempos de violência extremada, todos os dias nos deparamos com notícias de acidentes, brigas, assassinatos e suicídios. Em contrapartida, a festa também é algo muito presente na vida dos brasileiros. Seja pelo carnaval ou por festas religiosas, o brasileiro adora cantar, dançar, reunir-se com amigos, e tem a fama internacional de povo festeiro e hospitaleiro. O que pensariam então os brasileiros sobre a maneira mexicana de recordar os seus mortos [?] A princípio, o espanto é a primeira reação diante do conhecimento dessa curiosa maneira de recordar. Por esta razão, surgiram dificuldades em aliar a alegria e a tristeza de ambos os países. Há momentos tristes para os mexicanos [?] Há momentos alegres para os brasileiros [?] O interesse pelo tema partiu dessas indagações. Como brasileira de família de tradição católica e conhecedora das lágrimas nostálgicas que o Dia de Finados evoca ao recordarmos de um ente querido falecido, foi possível deixar-me tomar pela curiosidade e pelo desejo de conhecer o novo, o diferente e até certo ponto, semelhante.

Em janeiro de 2011, a chegada à Cidade do México, objetivando pesquisar o objeto de estudo em questão, e o retorno em outubro, com fins de observação participante, proporcionaram a percepção de que mexicanos e brasileiros adoram festas e são povos hospitaleiros. De que a população é igualmente mestiça e que, como na maioria dos países da América Latina, há muitas belezas e pobreza. Tanto aqui como lá, o festejar envolve vários sentidos: entretenimento, integração, comunhão, comércio, reflexão, fé, chorar e sorrir, cada um a sua maneira.

Em entrevistas e conversas informais com habitantes da Cidade do México e de Mixquic foi possível obter valiosas informações do porquê de tantos risos e coloridos quando o assunto é morte.

Em Mixquic tudo era muito glamoroso e colorido, lembrava o carnaval brasileiro: muitas pessoas (jovens, crianças, adultos e até bebês) fantasiadas andando pelas ruas, gente reunida cantando e dançando, apresentações musicais e teatrais, concursos de fantasias, e

muito colorido em tudo que se refere à celebração. Há policiamento e um grande comércio de comidas, bebidas e outros artigos que compõem a festividade. Como no Brasil, a celebração é marcada pela divulgação dos meios de comunicação, com a diferença de que no México as propagandas são direcionadas ao resgate e à preservação do ritual indígena na celebração, um incentivo à continuidade de uma tradição; enquanto que no Brasil, são meramente informativas sem nenhum apelo ao resgate e à preservação do costume, o que pode estar ligado ao fato de que no Brasil não há uma tradição local (indígena) a ser resgatada, senão a trazida de Portugal pelos colonizadores. Motivo pelo qual coincidem as datas do Dia de Todos os Santos e de Finados nos dois países, contando o México com a variante indígena.

O povo brasileiro apresenta uma relação com a morte de forma mais natural e carnavalesca, em comparação com os dias atuais, à época dos cortejos fúnebres, até meados do século XVIII. Como vimos anteriormente, essa maneira de cortejar o defunto era vista como um grande evento, como se fosse uma festa, para a qual era necessário trajar-se a caráter, a rigor. O México herdou dos indígenas o caráter festivo, sendo este transportado desde a época pré-colombiana até os dias atuais. O próprio calendário asteca já previa um ano com 18 meses e em cada mês, a celebração de uma ou mais festas dedicadas a determinados deuses, regada a sangue, sacrifícios e homenagem aos mortos.

Baseadas no catolicismo popular, no Brasil do século XVI, XVII e XVIII, as pessoas acreditavam que recordar os mortos era uma obrigação e não fazê-lo traria malefícios, azar para suas vidas. O México compartilha da mesma crença até hoje. Não dedicar uma oferenda aos mortos é sinônimo de injúria e pode despertar a fúria das almas que, por sua vez, têm o poder de ajudar ou atrapalhar o percurso de vida de uma pessoa.

Brasil e México apresentam maiores semelhanças quanto à forma de homenagear os mortos quando pensamos nos ritos católicos, isto é, naquilo que foi designado pela Igreja e incorporado pela sociedade. No Brasil, de acordo com o último senso realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2000, que abordava o tema religião, quase 80% dos brasileiros se declararam católicos. Enquanto no México, dados oficiais do governo apontam que quase 90% (89,7%) da população se declaram católicos. Os símbolos mais comuns que aparecem nos discursos das pessoas entrevistadas, bem como no meio que nos rodeia, são de origem católica: flores, velas, círios, coroa de flores, cemitério, ir à missa, entre outros que vimos ao longo do trabalho. Pessoas de ambos os países dedicam seu tempo nesse dia para visitar o cemitério onde jazem familiares e amigos, limpar e adornar os túmulos, além de participar de missas dedicadas aos mortos. Algumas também aproveitam

para reunir-se com os familiares. O momento de reflexão, e de lembranças e recordações, cria uma atmosfera melancólica nos dois países, com a diferença de que no México ela é dissipada pelos momentos em que há música, dança, teatro, concursos de fantasias e altares, que no Brasil não são comuns. A alegria para o brasileiro está em poder aproveitar mais um feriado para viajar, sair com a família e os amigos ou até mesmo ficar em casa e descansar. Um fato curioso chamou a atenção quanto ao caráter festivo da celebração no Brasil. Em visita a um cemitério localizado na cidade de Guarulhos, em São Paulo, no dia 2 de novembro de 2010, a apresentação de uma banda animadora no meio do cemitério, cuja intenção era realmente espantar a tristeza, segundo palavras da vocalista, nos leva a pensar que, talvez, o Brasil caminhe para uma maneira menos melancólica de recordar os seus mortos. O mesmo local onde a banda se apresentava contava com pintura facial para as crianças. A aceitação do público, de modo geral, foi boa.

Na celebração brasileira que tem como principal símbolo a visita aos cemitérios, geralmente as pessoas usam trajes negros, representando o luto, a dor da perda. O colorido se faz presente apenas pelas flores oferecidas aos mortos. Já no México, a cor negra é a preferida para as fantasias, já que a maioria das pessoas fantasia-se de caveira, morte, viúva. Quanto ao colorido, além das flores e dos elementos que compõem o altar dedicado aos mortos, as fantasias das crianças apresentam maior colorido que a dos adultos. No que diz respeito à duração da celebração, no Brasil, ela caminha de acordo com o horário dos ritos das igrejas, que propõem o horário das missas. Já o mexicano se direciona pelo horário de chegada e partida das almas: ao meio-dia de um dia e meio-dia do outro para as almas infantis, e meio-dia do dia e meia-noite do mesmo dia para as almas dos adultos. Entretanto, em Mixquic o horário da partida das almas dos adultos foi alterado para as 21 horas por motivo de segurança pública. Quando questionado sobre essa mudança, um senhor que velava seus parentes mortos no cemitério local respondeu que devido à violência crescente na região por conta da bebida alcoólica, por exemplo, o governo local impediu que as pessoas ficassem até tão tarde nos cemitérios. Mas mesmo com a restrição no horário de permanência nos cemitérios, as pessoas permanecem nas ruas assistindo apresentações musicais e teatrais, visitando exposições e saboreando os alimentos oferecidos na grande feira que se concentra no centro do povoado até o sol raiar. Ali é possível encontrar não só comida e bebida, mas uma infinidade de objetos, fantasias, artesanatos.

Em Mixquic a celebração não está restrita ao círculo familiar. É possível para um turista até mesmo entrar nas casas para admirar os altares domésticos e obter explicações.

Também há pequenas exposições de quadros e esculturas relacionadas com o tema no interior das casas. No teatro local, chamado Miquiztli (morte em *náhuatl*), foi possível admirar uma pequena exposição de caveiras caricaturadas, manuseadas com fios de barbante, realizando movimentos divertidos. No Brasil, se há turistas nessa data, talvez seja para admirar esculturas de anjos e outros temas exibidas em mármore em alguns cemitérios. Por seguir os ritos da Igreja Católica, a celebração não nos oferece nenhum atrativo diferencial que chame a atenção de curiosos ávidos por novidades.

O brincar com a morte no México se faz presente até mesmo nos alimentos: caveirinhas de açúcar, de chocolate, caixões de chocolate em miniatura, pães em formato de ossos humanos. Devorar a morte significa para o mexicano encará-la de frente, mostrar que se tem vontade de viver, e dessa forma, aliviar o temor que ela causa. Tivemos o privilégio de sermos guiados por amigos feitos desde a primeira visita ao México em 2010. Eles nos fizeram mergulhar no universo simbólico dos alimentos característicos da celebração: desde ir comprar um pão de morto em uma padaria local, até experimentar a doçura das caveirinhas e do *atole*. Este fato está registrado em fotografias. Já no Brasil não contamos com esse simbolismo dos alimentos. O que se vê é uma grande movimentação do comércio de flores e velas por essa época. Em toda parte vemos propagandas de floriculturas e às portas dos cemitérios é possível até pechinchar na compra de flores e velas.

Outro dado importante que pôde ser constatado foi a presença das crianças em todos os momentos da celebração mexicana, desde a limpeza e adorno dos túmulos nos cemitérios até a confecção das trilhas com pétalas de flores, a colocação de luminárias e a preparação dos altares das almas. No Brasil, dificilmente vemos essa participação por parte das crianças, fato que leva a crer que os adultos querem poupá-las desses momentos e ambientes tidos como tristes e pesados.

A observação participante proporcionou o conhecimento das diferenças e semelhanças entre a celebração dos dois países. As primeiras, muito mais que as segundas. Somos semelhantes na alegria de festejar algo e no que diz respeito à continuidade de uma tradição de recordar os antepassados, ainda que no Brasil a força da celebração não se apresente em tamanhas proporções como no México. Ricardo Flores nos disse que “Quando uma pessoa morre, também morre uma parte de nós. Então, no momento de recordá-la, não nos lembramos somente de uma foto, mas de todas as vivências e experiências que tivemos com aquela pessoa e essa é a magia da celebração.” (informação verbal). Ele também nos disse que “Não importa se hoje em dia as pessoas acreditam ou não na volta das almas

dos mortos. O importante de todo o ritual é o fato de recordar aquele que não está mais entre nós. E é importante, por exemplo, porque uma criança se dá conta de que teve um bisavô.” (informação verbal). Com essas palavras, Ricardo atribui à celebração a importância que ela tem por representar a identidade de um povo. É importante recordar os antepassados para sabermos quem somos no presente, qual é a nossa essência. As diferenças, por sua vez, se convertem em estímulo para que os brasileiros repensem e reflitam sobre a maneira de recordar os seus mortos e percebam que esse momento também pode ser de alegria: de sentir a presença daqueles que amaram e que já se foram; de lembrar os momentos de alegria vividos com aquelas pessoas que interferiram e interferem no nosso modo de ser. Mas como bem nos apontou Ricardo Flores, o que importa é recordar.

Percebe-se que com lágrimas ou sorrisos, parece haver a necessidade universal de homenagear os mortos. Esta é uma maneira de recordar os antepassados, entes queridos e de lembrar que, como eles, também somos mortais.” (RODRIGUEZ, 2010, p. 26).

Talvez o que nos faltou foi a herança do legado indígena, que no Brasil não teve tanta força como no México. Lá esse legado luta para continuar existindo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS⁵¹

ARIÈS, Phillipe. *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*. Tradução Pedro Jordão. Lisboa: Editorial Teorema, 1988.

BRANDES, Stanley. El Día de Muertos, El Halloween y la Búsqueda de una identidad nacional mexicana. *Alteridades*, Distrito Federal, México: Universidad Autónoma Metropolitana – Iztapalapa, v. 10, n. 20, p. 7-20, jul./dic. 2000.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. São Paulo: Global, 2002.

CHALLAYE, Félicien. *As grandes religiões*. Tradução Alcântara Silveira. 6. ed. São Paulo: Ibrasa, 1981.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução Vera da Costa e Silva et al. 22. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2008.

CONSEJO NACIONAL PARA LA CULTURA Y LAS ARTES – CONACULTA. *La Festividad Indígena Dedicada a los Muertos en México*. Obra maestra del patrimonio oral e intangible de la humanidad. Unesco. México, 2003.

CUEVAS, Ricardo Flores. Artigo disponível em: <<http://www.mixquic.com.mx/contenido/muertos.html>>. Acesso em: 24 jan. 2012.

CULTURA mexicana. Disponível em: <http://www.iztapalapa.gob.mx/museo_fuegonuevo/firea/muss4.htm>. Acesso em: 26 jan. 2012.

DEL PRIORE, Mary. *Religião e religiosidade no Brasil Colonial*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ESPARZA, José Ruiz de. *El México festivo*. México, D.F.: Ciencia y Cultura Latinoamérica, 1996.

⁵¹ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

FIESTAS de Muertos en México. México, D.F.: C/Producciones, S.A., 1998. Documentários sobre a festividade dedicada aos mortos em diversos estados mexicanos. 1 DVD (70 min), son., color.

FUEGO Nuevo. Disponível em: <http://www.iztapalapa.gob.mx/museo_fuegonuevo/firea/msx.htm>. Acesso em: 26 jan. 2012.

GIOSA, Elenice. O mundo numinoso dos mitos celtas e seu canto na cultura; mitemas recorrentes no Ciclo Arturiano; O mito cantando a cultura britânica. In: *Mito Arturiano e processo de individuação: caminhos para uma Educação de Sensibilidade na relação ensino-aprendizagem de Inglês*. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2007.

GOROSTIZA, José. *Muerte sin fin*. Poema disponível em: <<http://www.poesi.as/jgo39b020.htm>>. Acesso em: 24 jan. 2012.

IGLESIAS Y CABRERA, Sonia C. *Cuando los abuelos regresan: origen y simbología del Día de Muertos en México*. México: Gobierno Del Estado de Michoacán de Ocampo/ Secretaría de Cultura, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2000: características gerais da população, resultados da amostra*.

ITANI, Alice. *Festas e calendários*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LA CALACA FLACA. Música de Oscar Chávez. Letra disponível em: <<http://www.musica.com/letras.asp?letra=2017516>>. Acesso em: 24 jan. 2012.

LUCIANO DE SAMÓSATA (séc. II). *Diálogos dos mortos: versão bilíngue grego/português/Luciano*. Tradução, introdução e notas de Henrique G. Murachco. São Paulo: Palas Athena; Edusp, 1996.

MATTOSO, José (Org.). *O reino dos mortos na Idade Média peninsular*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1996.

MORAIS FILHO, Melo. Dia de Finados. In: ____ *Festas e tradições populares do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

PAGOTO, Amanda Aparecida. *Do âmbito sagrado da igreja ao cemitério público: transformações fúnebres em São Paulo (1859-1860)*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

PAZ, Octavio. Todos os Santos, Dia de Finados. In: ____ *O Labirinto da Solidão: e post-scriptum*. Tradução Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 45-61.

¡QUÉ VIVA MÉXICO! Direção: Sergey Eisenstein. Produção: Grigory Alexandrov. México/Rússia/Estados Unidos, 1931-1979. Documentário sobre a sociedade mexicana. 1 DVD (85 mim), son., preto e branco.

RINALDI, Natanael (padre). Dia de Finados. *Centro Apologético Cristão de Pesquisas – CACP*, São Paulo, nov. 2007. Seção Estudos Bíblicos: Cremos Históricos. Disponível em: <<http://www.cacp.org.br/catolicismo/artigo.aspx?lng=p-br&article=1308&menu=2&submenu=8>>. Acesso em: 13 jan. 2012.

RODRIGUEZ, Cláudia Fernanda. Falando de morte no século XXI: a busca por ultrapassar os limites do indizível e a importância da comunicação. In: ____ *Falando de morte na escola: o que os educadores têm a dizer?* Tese de Doutorado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2010.

SAHAGÚN, Fray Bernardino de. *Historia general de las cosas de nueva España*, 1. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

SAN Andrés Mixquic. Disponível em: <<http://www.mixquic.com.mx>>. Acesso em: 16 jan. 2011.

SOLSONA, María Rosa. La llorona. In: *Leyendas mexicanas*. Barcelona: Sirpus, 2006.

STEUDING, Hermamn. *Mitologia griega y romana*. Tradução J. Camón Aznar. 4. ed. Barcelona: Editorial Labor, 1934.

HUERTA, Efraín. *Tango* (poemínimo). Disponível em: <http://redescolar.ilce.edu.mx/educontinua/lengua_comunicacion/el_otono/entrales/entrales_leer_pri04/etapa2/et2a.html>. Acesso em 24 jan. 2012.

VASQUES, Márcia Severina. *Crenças funerárias e identidade cultural no Egito Romano: máscaras de múmia*. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2005.

ZARAUZ LÓPEZ, Hector L. *La fiesta de la Muerte*. México: CONACULTA, 2004.

GLOSSÁRIO

Abuelos: Avós. Refere-se aos antepassados, aos que estão mortos há muito tempo.

Ajonjolí: gergelim.

Alebrijes: Figuras de barro pintadas em cores vivas representando um animal imaginário que combina características de diversos animais, como por exemplo, um dragão que possui asas de borboleta e chifres. No México fazem referência às criaturas infernais do Mictlán.

Alegrías: doce mexicano preparado com sementes de amaranto, mel ou açúcar. Esse doce é preparado tostando-se e inflando-se as sementes da planta que, posteriormente, são misturadas ao açúcar ou ao mel. É semelhante a uma hóstia, mas apresenta-se em uma versão grande e colorida. As sementes de amaranto são coladas nas bordas da base circular. É a forma mais popular de consumir o amaranto no México.

Alhelí: goivo. Flor pequena e vivaz, da família das crucíferas. É utilizada como ornamento e seu perfume exala durante a noite. Pode ser encontrada nas cores branca, vermelha, amarela. Nos altares infantis figura na cor branca.

Alumbrado/Alumbramiento: evento que consiste na ida ao cemitério levando velas, círios e incenso. A enorme quantidade desses elementos no cemitério cria um cenário bastante luminoso cuja finalidade é guiar as almas no caminho de volta ao mundo dos mortos.

Atole: deriva do *náhuatl atolli* – aguado. Na sua forma original era resultado do cozimento doce do milho em água e era servido bem quente. Atualmente é muito comum que seja condimentado com baunilha, cacau, canela, chocolate, sucos ou polpa de frutas. Hoje em dia também é preparado com leite, adoçado com açúcar e mel. Por ser doce, é empregado nos altares infantis.

Calavera: caveira. Símbolo representativo da morte.

Calaverita: caveirinha. Doce de açúcar ou chocolate em formato de crânios humanos e enfeitada com papéis coloridos picados, levando na testa o nome de quem a receberá. Versos populares breves e jocosos relativos à morte; dedicados a amigos e parentes em sinal de carinho ou a personalidades públicas em forma de crítica sarcástica.

Calaverota: diminutivo de caveira em tom depreciativo.

Caliente: quente.

Campanero: grupo de pessoas que visita as casas do povoado cantando, dançando e realizando orações aos mortos em troca de parte das oferendas (comidas e bebidas).

Catrina: caveira. As do artista mexicano José Guadalupe Posada, associadas ao Dia dos Mortos, tinham a intenção de criticar as desigualdades sociais e a injustiça. É representada por uma caveira feminina trajando as vestes das damas da alta sociedade do século XIX. A intenção era mostrar que ricos e pobres têm o mesmo fim inevitável: a morte.

Cempasúchil: calêndula; malmequer; flor de morto. Seu nome deriva do *náhuatl cempohualxóchitl* e significa vinte flores. Suas tonalidades vão do laranja ao amarelo. É uma flor muito aromática e floresce nos períodos de verão e outono. É muito comum sua presença nos alteres e enfeitando os túmulos. Acredita-se que sua forte fragrância tem o poder de atrair e conduzir as almas dos mortos.

Copal: resina fossilizada. Deriva do *náhuatl copalli*. A sua queima produz uma fumaça aromática utilizada para incensar o ambiente no qual as almas estão presentes. Era utilizado pelos astecas em seus rituais.

Elote: diz-se da espiga de milho que ainda não foi colhida ou o foi tão recentemente que ainda conserva sua umidade natural. É condimentada geralmente com pimenta, limão e sal no México, mas, também, pode-se colocar margarina, manteiga ou maionese.

Enchiladas: massa feita com farinha ou milho e recheada com frango ou carne, acompanhada de caldo de legumes apimentado.

Fuego Nuevo: cerimônia realizada pelos mexicas em Iztapalapa para marcar ciclos de tempo a cada 52 anos. Os astecas acreditavam que a cada pôr do sol o mundo poderia acabar. Passado o período de tensão, e vendo que os deuses não destruíram o mundo, fazendo o sol nascer novamente, comemoravam acendendo uma grande *fogata* para iluminar os próximos 52 anos. A renovação do Fogo Novo era feita na colina de Huizache, hoje conhecida como colina da Estrela. Diz-se que ali os astecas realizavam sacrifícios para honrar os deuses arrancando o coração das vítimas.

Guajolote: peru. Alimento cerimonial que serve de base para o prato típico *mole – mole de guajolote*. Era servido pelos astecas aos deuses e aos mortos em diversas cerimônias.

Gollete: grande rosca doce de coloração rosa que é pendurada no altar sendo sustentada por um pedaço de cana. Simboliza o altar de crânios dos que eram capturados pelos astecas. Suas cabeças eram espetadas por varas.

Gorditas: pequenos pães caseiros de milho que podem ser recheados a gosto.

Huitzilopochtli: divindade asteca relacionada à guerra.

Huapango: baile rítmico que se executa sapateando, às vezes, sobre um tablado de madeira. Música e canto que acompanham o baile.

Huapangueros: músicos tradicionais que tocam, cantam e dançam o *huapango*.

Jarana: instrumento de corda pequeno parecido com o violão. Geralmente é utilizado pelos *huapangueros* para tocar nos bailes.

Llorona: chorona. Lenda colonial que conta a história de uma mulher cuja alma aparece à meia-noite chorando, gritando e correndo pelas ruas. Canção popular relacionada com a lenda.

Mariachis: conjunto tradicional que é contratado para tocar e cantar em festas e cerimônias diversas. Na composição do vestuário destacam-se os enormes chapéus.

Mazamorra: 1. mingau de milho. 2. bolacha.

Mezcal: deriva do *náhuatl mexcalli* – pencas de *maguey*, o mesmo que agave. Aguardente obtida a partir da fermentação e destilação do agave. Diferencia-se da tequila por ser uma bebida mais rústica, sendo destilada apenas uma vez.

Mezquite: árvore típica da América, de copa frondosa e flores brancas. Produz goma; das suas folhas se extrai um extrato que é empregado no tratamento de inflamação do globo ocular. Era encontrada em grande quantidade na região de Mixquic, fato que fez com que o povoado adotasse o nome dessa planta.

Miquiztli: morte em *náhuatl*.

Mixmole: prato típico que simboliza o fim da celebração do Dia dos Mortos. Constitui-se de um prato à base de peixe ou carne acompanhado com acelga, pimenta local, tomate e *nopal* (uma espécie de cacto leguminoso comestível).

Mole: prato integrante de qualquer festa social ou religiosa; é considerado como prato nacional. Seu ingrediente principal é a pimenta. Do *náhuatl chimolli*; era vendido nos mercados e estava presente na mesa dos nobres e senhores. Tem significado cotidiano e cerimonial, e como alimento sagrado não pode faltar no altar do Dia dos mortos. Consiste em um molho com uma variedade enorme de ingredientes. Leva vários tipos de pimenta, chocolate em tablete, amêndoas, nozes, passas, cravo, canela, alho, etc. Acompanha carnes cozidas, geralmente frango.

Nube: nuvem. Flor branca utilizada no adorno de altares e cemitérios no Dia dos Mortos.

Pan de muerto: Pão em formato de caveira e ossos humanos.

Petate: esteira de palma utilizada como rede ou mesa. Deriva do *náhuatl petlatl*.

Pulque (deriva de *pulcre*): bebida alcoólica considerada pelos astecas como a bebida dos deuses. Do *náhuatl octli*, é feito do suco fermentado do agave, chamado localmente de *maguey*. Era consumido em festas religiosas pelos astecas. Seu consumo chegou a ser proibido pelos espanhóis após a conquista.

Tamales: são semelhantes à pamonha brasileira. É uma massa de milho cozida, geralmente a vapor, e embrulhada com a própria folha da espiga de milho, folha de bananeira, abacate ou, como nos dias atuais, com papel alumínio. Podem ou não conter recheios e ser doces ou salgados. Eram empregados em jejuns religiosos astecas para serem comidos durante as guerras, oferecidos aos deuses e aos mortos. Deriva do *náhuatl tamalli*.

Terciopelo: flor de veludo. Pequena flor de textura aveludada de coloração roxa e violeta utilizada no ornamento dos túmulos e altares do Dia dos Mortos.

Tortilla: deriva do *náhuatl tlaxcalli*. É preparada com massa de milho depois que ele é cozido e moído e a massa é fervida com água. Está presente nas refeições diárias dos mexicanos, sendo empregada como acompanhamento do prato principal. É semelhante à massa de panqueca brasileira.

Xantolo: palavra *náhuatl* que quer dizer Festa de Todos os Santos.

Xólotl: cachorro gigante que habita o mundo dos mortos asteca e auxilia as almas na travessia dos perigosos e caudalosos rios desse lugar.

Zompantli: deriva do *náhuatl tzompantli* (fila de cabeleiras). No tempo dos astecas, era o lugar onde se colocavam em fileiras as cabeças das vítimas capturadas na guerra, espetadas com uma estaca. Também é chamado pelos mexicanos de altar de crânios. Nas oferendas realizadas no Dia dos Mortos é representado pelo *gollete* sustentado por um pedaço de cana.

APÊNDICES

APÊNDICE A: DIA DOS MORTOS NO MÉXICO



Foto 1: Enfeite com figuras de caveiras em papel de seda.



Foto 2: Caveiras de açúcar.



Foto 3: Caveirinhas de açúcar.



Foto 4: Pão de Morto.



Foto 5: Alebrije - Aquele que vem do Mictlán (oferenda no Zócalo) e um dos seus autores.

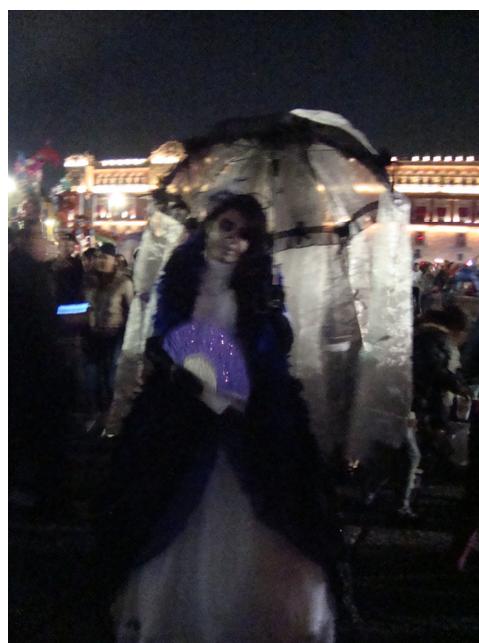


Foto 6: Mulher fantasiada de dama da morte na praça do Zócalo.



Foto 7: Altar com tema infantil na Praça central de Coyoacán.



Foto 8: Altar com temática infantil na Praça central de Coyoacán.



Foto 9: Mural de fotos de caveiras.



Foto 10: Caveiras guerreiras (Coyoacán).



Foto 11: Altar dos Mortos exposto em padaria (Cidade do México).



Foto 12: Altar em hotel (Cidade do México).



Foto 13: Entrada ao povoado de Mixquic.



Foto 14: Zompantli no Teatro Miquiztli.



Foto 15: Entrada do Teatro.



Foto 16: Altar no Teatro Miquiztli.



Foto 17: Museu da Caveira no Teatro Miquiztli.



Foto 18: Apresentação de Dança na Praça central de Mixquic.



Foto 19: Apresentação de dança por grupo infantil na Praça central de Mixquic.



Foto 20: Mulher fantasiada de caveira Catrina.



Foto 21: Artesanato vendido na feira em Mixquic.



Foto 22: Entrada do cemitério local em Mixquic.



Foto 23: Paróquia Apóstolo San Andrés de Mixquic.



Foto 24: Oferenda no cemitério.



Foto 25: Despedida às almas no cemitério.



Foto 26: Altar doméstico aberto à visita no povoado de Mixquic.

APÊNDICE B: DIA DE FINADOS NO BRASIL



Foto 26: Faixa informativa dos eventos do dia- Cemitério Primaveraes em Guarulhos.



Foto 27: Venda de flores na entrada do cemitério.



Foto 28: Entrada do cemitério Primaveraes.



Foto 29: Serviços funerários.



Foto 30: Vista do cemitério.



Foto 31: Oferenda de água no túmulo.



Foto 32: Oferenda de água e alimento no túmulo.



Foto 33: Túmulo enfeitado.



Foto 34: Apresentação musical no cemitério: Os Trovadores Urbanos.



Foto 35: Oração e oferenda no Cruzeiro.

ANEXO B: Mapa dos Povos indígenas do México. Disponível em:

<http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://elhuaracheviajero.files.wordpress.com/2008/11/magrupind.jpg&imgrefurl=http://elhuaracheviajero.wordpress.com/mapa-de-etnias-mexicanas>

